A MULHER

SUA INFANCIA, EDUCAÇÃO E INFLUENCIA NA SOCIEDADE

ARTIGOS PUBLICADOS EM OUTUBRO DE 1879

NO JORNAL «A PROVINCIA DO PARÁ»

POR

D. C. SANCHES DE FRIAS

As mulheres que correspondem á sua missão sublime, atravessam a vida, como os sopros da primavera, que em sua passagem vivificam tudo

....

Mulher amante, filha, irmã, esposa, mãe, avó: n'estas seis palavras existe o que o coração humano encerra de mais doce, de mais puro, de mais extatico, de mais sagrado, de mais ineffavel!

CONSELHEIRO BASTOS.

PARÁ
Tavares Cardoso & C.ª, Editores
LIVRARIA UNIVERSAL
1880

A MULHER

SUA INFANCIA, EDUCAÇÃO E INFLUENCIA NA SOCIEDADE

A MULHER

SUA INFANCIA, EDUCAÇÃO E INFLUENCIA NA SOCIEDADE

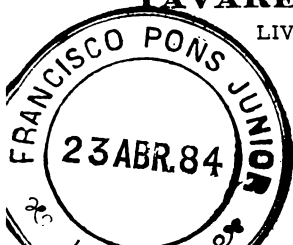
ARTIGOS PUBLICADOS EM OUTUBRO DE 1879

NO JORNAL «A PROVINCIA DO PARÁ»

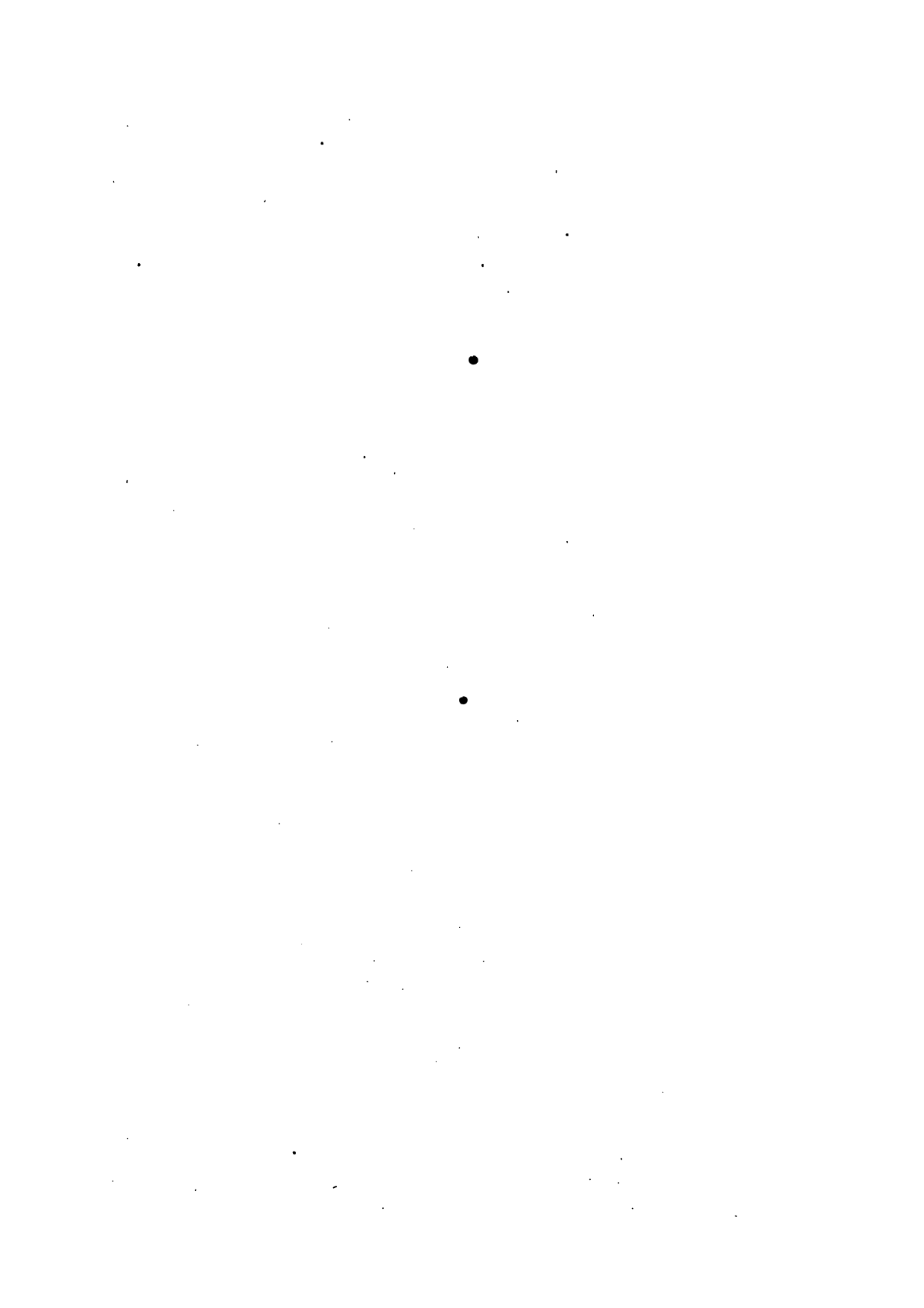
POR

D. C. SANCHES DE FRIAS

> As mulheres que correspondem á sua missão sublime, atravessam a vida, como os sopros da primavera, que em sua passagem vivificam tudo
> ....
> Mulher amante, filha, irmã, esposa, mãe, avó: n'estas seis palavras existe o que o coração humano encerra de mais doce, de mais puro, de mais extatico, de mais sagrado, de mais ineffavel!
>
> CONSELHEIRO BASTOS.

EDITORES
TAVARES CARDOSO & C.ª
LIVRARIA UNIVERSAL
PARÁ

A MINHA FILHA ALINA

Creança

I

Um dia, quando intentares, já mulher, conhecer a causa originaria, que presidiu á elaboração d'estas paginas, escriptas sobre o joelho, em intervallos de occupações mais pesadas — lembrar-te-has então de que a tua infancia de hoje correu sempre livre dos defeitos ahi apontados e communs á maior parte das creanças do teu tempo — has de ver, portanto, atravez das suas linhas, a tua imagem, como em espelho de crystal.

Se, por desgraça, á tua virilidade e estado de mulher faltar a luz esplendida, que sobre ti derrama constantemente o olhar santificador de tua mãe, exemplo vivo de todas as virtudes domesticas e so-

ciaes, que Deus se digne conservar-te; e se igualmente te faltarem a ajuda do meu braço e os affectos da minha alma—perceberás, ao ler este escripto, a obrigação em que ficas de te tornares a todo o custo aquillo que eu desejo que tu sejas, por actos e palavras — a seguidora da educação que te infantou, a mulher forte emancipada pela robustez da sua intelligencia, ou pela força do seu braço; finalmente, a mulher... mulher. Então... estou certo... has de querer muito a estas paginas, não pelo que valem, mas pela intenção que representam!

D. C. Sanches de Frias

PASSADO E PRESENTE

SUMMARIO. — I. O assumpto. — II. Obras escriptas sobre educação. A mulher na familia e no paiz. — III. O que ella foi no passado. Quadro negro. — IV. Influencia do christianismo. — V. O terceiro periodo. Heroismos e instrucção. — VI. Deducção historica. As mulheres fanaticas e as cortezãs. — VII. A revolução. A mulher de hontem e de hoje. Echos da imprensa. — VIII. Intenções e prevenção do auctor.

I

Nos dominios da arte, ha deslumbramentos, que cegam. Para que o artista, mesmo o artista inspirado, sinta a mão tremula, ao empunhar o pincel, não é preciso que tente passar á téla os devaneios da sua imaginação ardente; basta que elle procure reproduzir uma d'essas fatidicas paisagens, que, ao sol posto, se desenham sobre os lugares privilegiados, onde a natureza espalhou, a mãos cheias, o esmalte das suas roupagens e os adornos da sua belleza inteira.

Ao encararmos o assumpto, que tem, por mira, a infancia, educação e influencia da mulher na sociedade moderna, com restricção ainda assim á sociedade, de que temos feito parte; sentimos egualmente a mão tremula, e com tanta mais razão quanto é grande a distancia, que, por falta dos dotes mais necessarios, nos

afasta do artista, de que procurámos dar idéa, no começo d'esta pagina.

Ainda assim, vamos acobertar-nos sob o manto, que nos fornece a epigraphe d'este jornal, e expôr, francamente e sem pretenções, o resultado dos nossos pensamentos, convencido de que nos achamos no goso de um direito incontestavel, visto que... *il est permis, même au plus faible, d'avoir une bonne intention et de la dire.*

II

Assumptos ha, que, por mais debatidos e expostos á luz da critica, por mais discutidos que pareçam, agora ou logo, são sempre novos; apresentam sempre o cunho do mais vivo interesse.

Este é, sem duvida, um d'elles.

Muito se tem escripto, muito se ha aconselhado, e bastante se tem feito para assignalar á mulher o logar que a Providencia lhe marcou nos destinos da humanidade.

As tendencias de uns, por um lado, as propriedades do clima e o estado da civilisação, pelo outro, o descuido dos governos, a ignorancia dos povos, o fanatismo, as commoções politicas e esses numerosos incidentes, que ás vezes difficultam, e embaraçam a marcha e os interesses mais vitaes das sociedades — teem comtudo opposto barreiras ás melhores doutrinas, desmoronado as organisações, que se julgavam solidas, destruido systemas, reputado optimos, e feito enfraque-

cer as vontades mais robustas, e estremecer os corações mais arrojados.

Além d'isto, entre tantas obras destinadas essencialmente á educação da mulher, raras são aquellas, que não peccam pelas predilecções individuaes do escriptor, pelo limitado circulo das suas vistas, e mais que tudo pela falta de generalidade, por uma absoluta côr local e um desejo de aperfeiçoar sómente uma certa e determinada classe.

Um aulico escreve instrucções para as damas do paço; este livro contém uma serie de cartas a uma princeza; aquelle destina-se a produzir effeito nas altas regiões das damas ricas; a religiosa de tal escreve theologia e exercicios mentaes; uma duqueza estuda civilidade, e dá lições de elegancia — de modo que nas continuas evoluções das sociedades, no caminhar incessante dos povos, cada um lança mão dos effeitos de occasião, produzidos por um ou outro systema; uns ficam para traz dos outros; vem a moda, vem a imitação, estabelecem-se os erros, e ninguem sabe afinal, e poucos podem ás vezes reagir contra a potente levada dos casos fortuitos, da incuria das nações ou do embrutecimento das classes

De tudo isto resulta a necessidade da escolha dos bons livros doutrinarios e analyticos, da creação de idéas novas, conforme o revolutear dos tempos; da accentuação exacta de systemas exactos e da formação de uma propaganda seria, conscienciosa, por parte d'aquelles, que, no banquete da civilisação, teem uma posição assignalada, e, á falta d'esta, uma aspiração

constante e desejos profundos de serem uteis a si, ao amanhã de seus filhos e ao progredir da humanidade.

A familia é uma pequena nação, assim como a nação é uma grande familia.

Curar, com a maior exactidão possivel, do engrandecimento d'esta, por meio do aperfeiçoamento da aptidão physica e moral da mulher, sua base e sua maxima influencia — será dotar aquella dos mais fortes elementos de força, moralidade e sentimento, dando-lhe filhos, que a honrem, e respeitem; sabios, que a illustrem, e cerquem de virtudes; patriotas, que a defendam e idolatrem.

As grandes acções provêem só dos grandes sentimentos, e estes só nascem das doutrinas, que nos poliram a alma, e dominaram os instinctos, desde que nos achámos no mundo até á edade da perfeição viril.

Crear, e desenvolver a materia, cultivar e robustecer o espirito — será sempre a faina abençoada, em que se devem empenhar os homens fortes, os guias e educadores do povo, se não quizermos voltar aos tempos barbaros; se não desejarmos ver baquear n'um momento uma obra de seculos.

Mens sana in corpore sano — eis tudo.

III

Muito diversas teem sido, atravez dos tempos, as convenções sociaes, relativas á mulher.

Subjugada pelas tendencias guerreiras, que infanta-

ram a civilisação dos nossos dias, atirada, como simples fêmea, necessaria á procreação, ao meio das hordas semi-selvagens, para quem o campo da batalha era o apanagio de todas as garantias e de todas as liberdades; cortezã de um dia, mãe humilissima de principes bastardos, a quem mais tarde havia de chamar senhores; pasto da lascivia, entregue, como despojo, ao desenfreamento da soldadesca: bachante invilecida pela pratica desregrada da crápula e da humilhação; sacerdotiza impura das saturnaes e dos circos de Roma; estatua do impudor, coberta de gala e sedas, e passeiada atravez das ruas de Pompeia, onde o alcouce era uma instituição nacional, armando á concorrencia, por meio de cartazes, suspensos dos portaes — a mulher foi a escrava dos instinctos brutaes, despida dos attributos da vontade e do pensamento livre; o cão de regalo das duas classes salientes da sociedade de então — nobreza e povo — isto é, vilões e senhores.

Mais tarde, já quando se descortinavam no horisonte social os primeiros alvores da sagrada instituição da familia; já quando o direito da força recuava perante a força do direito — a attribuição da mulher ainda era quasi nulla; os laços de sangue ainda não eram bastantes para conter a ambição e a iniquidade do homem.

Confrange realmente um coração sincero dos nossos tempos — o ver, polluidos e calcados aos pés, os deveres e obrigações, que fazem hoje parte da nossa alma, da nossa honra e da nossa vida.

Esposas... levadas ao cadafalso pela influencia dos maridos; mães... encarceradas ou desthronadas pelos

filhos; irmãs... desvirtuadas e abandonadas pelos irmãos, as mais das vezes, pela posse de uma nesga de terra, pela conquista de uma cidade, por uns amores duplamente criminosos, por um capricho, por uma ninharia — tudo isto fórma um quadro negro, que, por honra da humanidade, devia ser banido, e desapparecer para sempre da face da historia.

IV

Ao benefico influxo do christianismo, na sua época primitiva, deve a sorte da mulher grande parte da sua mudança.

Os explendores suavissimos, que jorravam da fronte augusta e da palavra inspirada do divino mestre, do meigo acariciador dos pequeninos, dos pobres e dos humildes, projectaram uma luz intensa sobre os costumes e as instituições da época.

Não fosse o catholicismo convertido mais tarde em arma de combate, em elemento contradictorio, para servir ao despotismo, ás ambições do poderio, á conquista violenta dos povos, á purpura dos magnates, ás convenções dos grandes e ao fanatismo dos pequenos — elle seria hoje a religião unica: elle, sob o imperio suave das suas leis, todas misericordia e brandura, agruparia, n'uma só oração, aos pés da cruz, todas as nações do globo!

V

O terceiro periodo offerece-nos a mulher, caminhando, a passos largos, para sua verdadeira influencia, á proporção que os costumes se abrandavam, e as leis oppunham embaraços á illegitimidade da familia.

Começou-se a comprehender que o lar domestico estava destinado a ser um asylo sagrado; que as lições, transmittidas alli por um vulto brando, com a doçura dos anjos nos labios e o carinho espelhado nas feições, representado pela mãe, com mais ou menos efficacia, segundo os sentimentos da sua época — podiam ser a peior e a melhor das sementes, de que se deviam formar os peiores e os melhores ornamentos da sociedade.

Os resultados não se fizeram esperar.

Alma e coração, tão propensos aos grandes feitos como os do homem, a mulher tornou-se capaz da maior abnegação, de grande coragem e elevado patriotismo; não faltaram heroinas.

Consideração, respeito e amor foram o triplice diadema, de que as suas virtudes a cercaram.

Os labores do campo, o viver das cidades, a partida para a guerra, a defeza da patria, as justas, os torneios — eram seguidos das bençãos e dos sorrisos da mulher.

A mãe, ao collocar a pesada armadura sobre os hombros do filho, ao pôr o alvião e a refeição do meio dia entre as mãos do esposo; a irmã, ao dar o abraço de despedida ao irmão, que ia partir em demanda da

academia, ou do campo da batalha; a noiva, ao depôr a flor promettida sobre o seio do mancebo enamorado —transmittiam parte da sua individualidade ao objecto das suas affeições, nas lagrimas ou nos sorrisos, nas bençãos ou nos abraços, que lhe davam.

E não se pense por isso que a mulher não era capaz de perigosos commettimentos, não.

Por muitas vezes teve ella de mostrar coragem e instinctos varonis.

Á frente do povo, não era a ultima a tomar a defensiva contra um ataque qualquer; a pugnar por uns certos direitos; a defender instituições e regalias por meio do exemplo e da palavra.

Nas altas regiões então, era vasta a sua instrucção, disputava com doutores e theologos; as noticias d'esse tempo mencionam não poucas instituições academicas e litterarias, fundadas e mantidas por mulheres.

VI

Por não sabemos que destino fatal, a sciencia historica mostra-nos que as nações, como os individuos, teem as suas intermittencias de prosperidade e decadencia, e que as sociedades mais illustradas são portanto as que devem pôr maior cuidado na segurança dos seus costumes, pois que um ligeiro descuido, este — deixar ir — que dá a prosperidade — póde crear-lhes embaraços, que levam seculos a destruir.

Levado o sentimento religioso ao exagero, creadas

as corporações monasticas, começou o fanatismo a minar a sociedade, e o poder theocratico, que já ha muito trabalhava ás claras, a influir poderosamente sobre todas as classes, desde o campo á cidade, desde a choça humilde ao palacio dos reis.

Uma das armas mais preponderantes, de que se serviam os hypocritas, era a de insuflar as paixões dos nobres, gabando-lhes a falsa cortezania dos seus modos, a futil elegancia do seu trajar e a pratica arbitraria dos seus costumes.

O que se passou então todos o sabem, porque essas datas não vão ainda muito longe; nem podemos repetil-o aqui, por absoluta carencia de tempo, e porque é isso assumpto, em que só de leve nos compete tocar, n'este ligeiro estudo.

Todas as côrtes do mundo civilisado começaram então a converter em cortezãs e damas romanticas as mulheres, que sobravam dos conventos, essas corporações hybridas, votadas á preguiça, á desmembração da familia, ou á tortura de todas as faculdades e á creação de instrumentos, que sob a algidez da estatua, serviram para fins sabidos, e que nos repugna mencionar.

Abastardou-se muito o encanto da mulher.

Entraram a cobril-a de sêdas e de enfeites, de ouro, pedraria e lantejoulas, a fazer-lhes cortezias estudadas, e a requestal-a sob todas as fórmas romanticas, molles, elegantes, de modo que, entre a boneca de molas e a dama polvilhada, a differença estava apenas nas manifestações da arte ou da natureza.

Collocaram-n'a sobre um pedestal de fôfa vaidade e

de requinte pedantesco, inutil, anti-economico, desvirtuador; mentiram-lhe cortezmente nos bailes, nos amphiteatros, nos passeios, a ponto tal que meia duzia de tregeitos estudados, um vestido, mais ou menos vistoso e rico, uma joia de maior ou menor preço, constituiam os dotes mais apreciaveis em uma donzella.

VII

Ao caminhar prodigioso da ultima metade do seculo passado, ao desmoronar das tyrannias, dos castellos feudaes, das ordens monasticas e de tantas e tantas instituições balôfas ou ruinosas; ao despedaçar das cadeias, que agrilhoavam a consciencia e a ideia livre — o estado social era lastimoso, e a liberdade, para abrir passagem ao seu benefico exercicio, tinha de pisar vicios e crimes, que custaram á humanidade soffrimentos incalculaveis, sacrificios enormes, e, o que mais é, rios, muitos rios de sangue.

Das gargantas da revolução sairam jorros de luz explendida: o sol da verdadeira civilisação deu-nos uma amostra vivificante do seu brilho.

Não nos engane porém a tendencia redemptora, que os povos parecem ter para o incessante caminhar.

A mulher de hontem, que creou os homens de hoje, resente-se ainda do estado de abatimento a que chegou.

Abaixo dos espiritos fortes, em roda dos trabalhadores do progresso; parasitas de todas as industrias,

de todas as lides commerciaes e agricolas, enxameam uns homens effeminados, chloroticos, incensadores dos salões e cancros do orçamento, que demonstram quanto foram mal guiados no mundo os seus primeiros passos; quanto era ignorante a mulher, que os infantou.

A mulher de hoje, que tem de crear os homens de amanhã, deve lembrar-se de que os arrebiques da moda, a ignorancia em época tão illustrada, as falsas cortezias, de que a cercam, as palavras mentirosas e de occasião, de que a cobrem, os prejuizos de uma imprestavel e ruinosa elegancia, a ociosidade, a que se entrega — são cousas contrarias ao bem-estar, á consolidação e prosperidade da familia, e á sua esplendida e sublime missão.

—Eduque-se a mulher, ou ella será um fardo insupportavel para o homem trabalhador e honesto — resumimos nós dos escriptos primorosos de um talento scintillante, o de Maria A. Vaz de Carvalho.

—Não temos bons collegios de educação. As meninas saem de lá, sabendo futilidades, tudo para uma falsa elegancia, e nada para a vida real, para a familia e para a sociedade — resumimos egualmente das espirituosas e verdadeiras phrases de Ramalho Ortigão.

—Mais educação e menos toucador! — exclamava Rodrigues de Freitas, ha dias, no parlamento portuguez.

Somos da mesma opinião.

Em outro lugar trataremos d'este assumpto e de umas doutrinas requentadas, que meia duzia de raparigas parisienses e americanas, á falta de entretenimen-

tos serios, andam a expargir aos quatro ventos da fama, sobre uma sonhada emancipação da mulher, uma extravagancia, com ares de heroica attitude, que bem boas doses de galhofa vae proporcionando diariamente aos escriptores humoristicos.

VIII

As observações, que se seguirem, já o dissemos, referem-se essencialmente á sociedade, que mais de perto nos interessa — a brazileira e a portugueza — como sendo uma e a mesma, salvas simplesmente as condições climatericas, porque nos outros paizes, com especialidade na Allemanha e nos Estados Unidos, e um pouco menos na França e na Inglaterra, a educação, em certos e determinados circulos, já é uma realidade, já vae gradualmente caminho de uma completa exclusão dos vicios, superfluidades e defeitos, que pretendemos apontar, sem visos de auctoridade, que não possuimos, como simples conversa á lareira, livre de insinuações malevolas, de que somos incapaz, e com a rude sinceridade, peculiar ao nosso caracter.

No caminho, que traçarmos, nas observações, que fizermos, fallarão o pae e o mestre, o educador de seus filhos e dos alheios; fallará menos a theoria e mais, muito mais a pratica, que é a melhor e mais sabia conselheira da vida.

Quem diz pratica, as mais das vezes, diz velhice.

Se em nós porém são ainda poucos os cabellos bran-

cos, o vigor do corpo contrasta com os impulsos do espirito; se a alma não está cansada, nem abatida, mercê de Deus, conserva no entanto a serenidade e os sulcos de uma longa edade.

Não admira isto. Os elementos da vida não são os mesmos em todos os homens; a experiencia e as provações acodem mais cedo a uns do que a outros.

Isto vem aqui para dizer que nos é completamente indifferente o applauso ou a censura de hoje, com tanto que amanhã possa haver um fructo, por pequeno que seja, das nossas palavras, e que mãos mais habeis se empenhem na realisação e propagação dos nossos pensamentos.

A crença do futuro ainda não a perdemos.

Teremos, por mais de uma vez, de recorrer ao campo, e fugir das cidades, e ainda assim ao campo, que não está em relações immediatas com as grandes populações, para demonstrar que os requintes do viver afidalgado, os habitos da imitação de tudo o que nos é estranho e os apuros das classes abundantes nem sempre produzem os melhores resultados, na creação, ensino e educação da mulher.

Teremos de ser severo, de descer a minuciosidades domesticas, não tantas ainda quantas seriam precisas, a pequenos episodios, a preconceitos inveterados, a usanças prejudiciaes ou desnecessarias, e ao que julgarmos util á materia.

Faremos tudo porém com a brevidade, que não podemos evitar; sem largos commentarios, para que nos falta o tempo; sem allusões, que não temos em vista,

como que levando a creança pela mão, desde o berço á infancia, da infancia á puberdade, e d'esta ao meio da sociedade, que lhe fôr destinada.

Assoberba-nos tão vasto horisonte: os raios visuaes abrangem-n'o inteiramente, mas a mão, não póde traçal-o senão a espaços; o que será pouco e muito pouco.

Valha-nos, e indulte-nos a nossa boa vontade.

A INFANCIA

SUMMARIO.—IX. O ultimo periodo da gravidez. O parto. A cidade e o campo. A ama de leite.—X. O vestuario, a alimentação e as criadas. Vicios e defeitos.—XI. Os primeiros passos. Uma fidalga. Previsões e resultados.—XII. Ao sair do berço. Em familia. Um exemplo. —XIII. A palmada. Os nossos antepassados. A Allemanha. Castigos. Applicação do assumpto.—XIV. A menina. Ainda o vestuario. Exigencias, em casa e na rua. O papão.—XV. Mythologia domestica. O medo e suas consequencias.—XVI. Desleixo de conversação. Falta de innocencia.—XVII. Os estranhos. Resultado.—XVIII. Theatros e bailes. Remar contra a maré —XIX. A gratidão de nossos filhos. Obrigações. Procurae a mãe.

IX

Adianta-se o estado da gravidez na mulher.

De envolta com os preceitos da medicina, surgem de todos os lados as admoestações das amigas, as reflexões das criadas, os conselhos das comadres.

A senhora não se deve apertar, porque um menino de certo sujeito nasceu aleijado; não comer isto porque é quente, aquillo, porque é frio; cumpre-lhe trazer taes e taes bentinhos ao pescoço; não usar certos objectos; defumar-se com taes hervas, para dar formosura ao menino; não olhar para o relogio do marido, ou para um machinismo qualquer, sob pena de ficar tudo transtornado.

A criança será d'este ou d'aquelle sexo, porque o pé direito ou esquerdo é o que se levanta primeiro, ao subir da escada; fazem-se certas fomentações; ouvidos

mercenarios procedem a auscultações, para a direita ou para a esquerda; chama-se a tia Fulana; consulta-se o compadre Beltrano.

A mulher por tanto, que não sabe, ou não póde reagir, ignorante ou não, condescendente ou submissa, contra essas velharias e abusões — lá se vae desleixando no trajar, e prejudicando as fórmas com a impropriedade do vestuario; esguedelha-se; constrange-se nos seus habitos; reveste-se de escrupulos prejudiciaes e mal entendidos.

Vem a superstição mesinheira e as privações de todo o genero; adultera-se o curso da imaginação, que é torturada a todos os instantes, e tudo isto em prejuiso do organismo inteiro, e por conseguinte do desenvolvimento do feto.

Manifestam-se as dôres violentas da parturiente.

A natureza, predisposta sempre para a evolução, rapida ou morosa, dos seus accidentes, é não poucas vezes desviada do seu curso normal: a impaciencia, o temor, o desalento e a anciedade são n'essas occasiões o resultado dos agentes empregados, por mãos, pela maior parte, inhabeis e incompetentes.

Foi bem succedida a enferma.

O caso é attribuido, não a um facto natural, mas ás mésinbas prescriptas, á virtude do chapéu do marido, que lhe collocaram sobre o ventre, aos exorcismos, a um molho de figas, lançado ao pescôço da paciente, ás rezas, feitas em cruz, e aos milagres de S. Raymundo, cuja imagem passa pelas fórmas inquisitoriaes da de seu collega Santo Antonio, que chega a descer ao fundo

de um pôço, e a soffrer as torturas da estrangulação, até apparecer o objecto perdido.

A camponeza, que, durante o periodo da gravidez, se entregou a todos os habitos da sua vida activa, com poucas ou nenhumas restricções, acontece-lhe ás vezes regressar do campo, com o recem-nascido nos braços, e poucos dias depois voltar ás suas occupações, trazendo pendentes dos seios uma criança escorreita e vigorosa.

A mulher do indio recebe nas mãos o fructo, que acaba de dar á luz, levanta-se, sae da maloca, vae banhal-o, e banhar-se no rio mais proximo, entregando-se, depois d'isto, a um repouso leve e pouco duradouro.

A nossa mulher não poderia fazer outro tanto, porque a sua vida sedentaria, delicadeza de membros e differença de habitos se opporiam a isso; prescindiria porém de muitos preconceitos, que lhe seguem o parto, prescriptos unicamente pela usança inveterada e contraria aos preceitos da medicina.

A camponeza, ou a mulher pobre, se lhe falta a alimentação precisa para o fructo das suas entranhas; se dos seios entumecidos não corre um leite abundante e sadio, recorre ao ubero de uma cabra, ou de uma ovelha, que passa a tratar cuidadosamente, separando-a do rebanho, e nem por um só dia entrega o seu filho a mãos estranhas, mercenarias.

As suas occupações e a aua imaginação, sempre cheia de cuidados, necessarios á labutação diaria, não lhe permittem um sentimentalismo exagerado, umas pieguices, proprias de quem não sabe, não póde, ou não quer empregar melhor o seu tempo.

Bem alimentado e limpo, o seu filho braceja ao ar livre, sobre as palhas de uma enxerga; adquire todos os dias saude, robustez, na liberdade dos seus movimentos; não é um embaraço, é a alegria da familia; não priva ninguem do livre exercicio; sob a vigilancia dos olhos maternos, é transportado para os montes, para o meio da lavoura, para o tear, ou para o canto da lareira.

Os primeiros passos, que a creança dá no mundo, ensaia-os agarrada á saia de sua mãe, que moireja sempre, que trabalha sempre, e que, ao apertal-o nos braços, rosado, cheio de vida, não sente menos affectos que as outras mães.

E o que acontece com a gente das cidades, no fóco da civilisação, dos grandes estudos praticos, do aperfeiçoamento moral e material, no dizer das gazetas; o que acontece comnosco?

Nascer-nos um filho, quando temos poucos meios, é o apparecimento de milhares de necessidades, um embaraço, uma desorganisação na familia, e não um acontecimento comesinho e de ordem natural.

A mãe não póde alimentar a creança, ou porque é debil, ou porque o seio não produz a seiva nutritiva, ou então porque não deseja murchar a seiva e os encantos da formosura; é delicada, é elegante, precisa brilhar aos olhos do mundo, não deve tomar tão pesado encargo.

Surge então de todos os lados um largo sequito de creadas, sobresaindo, no meio d'essa fatal constellação, como planeta funesto, a ama de leite, a eterna trans-

missora de defeitos physicos e moraes, a inoculadora de uma maternidade emprestada, e paga, a tantos réis por dia.

X

A creança anda de mão em mão, enfeitada, como uma boneca, segundo a fantasia luxuosa e o sentimento piegas da verdadeira mãe; traz a cabeça coberta com um pesado capacete de sêda, lã ou veludo; os bracinhos sopeados por um corpete, justo ás fórmas, os pés mimosos envoltos em babados, o corpo cingido, apertado, suado pelos braços da aia.

O estomago e o ventre do innocentinho começaram, desde o segundo dia do seu apparecimento no mundo, a serem um vasto repositorio de orgãos estragados e vermes aos centos. Fazem-se-lhe papinhas, dão-se-lhe uns docesinhos moles e de facil mastigação, applicam-se-lhe farinaceos sem conta, nem medida, antes de tempo e a todas as horas; introduzem-se-lhe nos habitos vicios, perrices, exigencias, que não teem razão de ser.

A casa anda toda n'um reboliço.

Esta canta ao menino; aquella passeia-o de noite e de dia, embala-o, dá-lhe um beliscão, deita-se com elle, ensina-o a chupar os dedos, o beiço ou um trapo, molhado em coisas doces; de modo que a creança, que não sabía que, n'este mundo, havia o que quer que fosse, que se chama — embalar, cantar, passeiar, chupar isto ou aquillo — e que não conhecia outros tantos vicios, que fazem a inquietação dos paes e dos filhos, dos

amos e dos criados — acaba afinal por não saber o que é melhor, e chega a ser um verdadeiro tormento.

O embalar produz-lhe o entorpecimento dos sentidos, uma especie de embriaguez, que lhe prejudica as faculdades mentaes; os farinaceos mal applicados derrancam-lhe os intestinos; o cólo subjuga-lhe os membros, tolhendo-lhe o desenvolvimento; o dormir em companhia de outrem inocula-lhe nos póros germens de molestias futuras; o passeiar a horas improprias e o chupar os dedos, ou o que quer que seja, originam perrices, mau humor e mil prejuizos inuteis e faceis de evitar.

Constrangida a creança nos seus movimentos naturaes, retirada do ar livre, prejudicada na alimentação, rachitica, enferma, começa desde logo a ter caprichos, que produzem rabugices fastidiosas e choros continuados.

Ninguem attribue este mau resultado á perniciosa direcção, que a tem acompanhado.

— O avô era assim em pequeno — diz a mãe, e concordam as visitas.

Se o avô não era assim, vem o tio, á falta d'este, o pae, e assim por diante até se encontrar o *fac-simile* das acções do menino.

XI

No primeiro dia, em que o adolescente ensaia os primeiros passos, deve começar a sua educação, cuidado pratico, brando, accommodado á tenra imaginação do pobresinho, que se constitue tão cedo um acervo de vicios e defeitos, que bebeu com o primeiro leite; e

esta educação, tendente a distinguir-lhe o mau habito da travessura, propria da sua edade, a dirigir-lhe a ideia, em embrião, a semear-lhe no entendimento as sementes das boas intenções, a guiar-lhe as tendencias para o bem — só pode ser applicada pela mão paciente e carinhosa de uma mãe, que não se deixa cegar pelas superfluidades de um sentimento exagerado, ou de um pae, que sabe sel-o.

O que acontece porém na maioria dos casos?

A creança, afastada do quarto e da convivencia dos paes, vive constantemente á mercê dos instinctos, habitos e moralidade dos criados, muito principalmente quando a familia dispõe de abundantes meios de riqueza.

Uma fidalga de fresca data, que conhecemos ha annos, senhora de grandes virtudes, segundo annunciavam os seus jantares e as suas reuniões, passava o dia, no primeiro andar do seu elegante palacete, entre sedas e arminhos — e os seus filhos, tres creanças, dignas de melhor sorte, entregues aos cuidados dos famulos, sob a direcção da sua criada grave, moravam no segundo andar, e só desciam á presença de tão digna mãe, de manhã e ao anoitecer, para receberem a *uncção* mimosa das bençãos da preciosa senhora, que entretinha as suas horas uteis, a receber os galanteios das suas visitas, a desvanecer-se ao toucador, e a ler romances, que pelo titulo davam a conhecer a medida do seu gosto e da sua intelligencia.

Mais tarde, quando estas creanças, tornadas homens, se virem no meio da sociedade, com a dignidade perdida, apesar de embrulhada n'um titulo qualquer;

quando se acharem incapazes dos sentimentos da caridade, da compaixão e da honra, dissipando o dinheiro herdado a mãos cheias, e acabando finalmente entre os muros de uma prisão, ou sobre a enxerga do hospital —dirá então o mundo:

—Vejam o que faz o dinheiro! É assim mesmo. Os filhos das pessoas ricas, parece praga do demonio, são todos assim!

Ninguem se lembrará de que os paes d'essas creanças — o homem, occupado nas galanterias e deveres de uma alta posição, entregue aos prazeres de uma vida morganatica—e a mulher, embebida no sentimentalismo truanesco dos romances de agua furtada, nas delicias de uma vida molle, viciosa e inutil—ambos se esqueceram dos seus mais sagrados deveres, e não chegaram a ser para os seus filhos, á parte os confortos do luxo e a pratica de todas as extravagancias, mais do que as misericordias são para os tristes engeitados; mais do que estas... não, menos, muito menos, devemos dizer.

A misericordia ainda procura para os seus protegidos os commodos de uma posição honesta, e aquelles nem ao menos ensinaram a seus filhos uma obrigação qualquer, o amor ao trabalho, unico meio de conquistar posições honestas.

Descendo das alturas, onde se acha o quadro, que fica esboçado, e ao ponto d'onde partimos—quanto ao physico das nossas creanças, devemos affirmar que só nos paineis dos pintores antigos, ou no regaço da gente do campo, se póde deparar com um menino sadio, cheio de vida e robustez.

XII

Quanto á educação, que tem por dever começar desde que o infante deixa de andar de gatinhas para ensaiar os primeiros passos, são bem tristes os resultados, bem graves as consequencias.

Para que serve contrariar o menino, nos seus desejos insensatos?

Quer o absurdo?

Pois venha o absurdo, e faça-se-lhe a vontade.

Tenta quebrar um cópo, na cara de uma criada, deitar uma jarra, ou um objecto precioso ao chão?

Pois que quebre tudo.

Deseja esmigalhar o bracelete dà mãe, a cadeia do relogio do pae, rasgar uma estampa, o vestidinho, que lhe pozeram, ha instantes; deitar o gato da janella abaixo, chegar uma braza ao focinho do cão?

Ora... deixem a creança... tem tanta gracinha! Ora... vejam... que esperteza! coitadinho do seraphim! É mesmo uma perfeição!

Mais tarde, não quer comer com a colher, e sim com a mão; atira com um punhado de arroz, na manifestação de uma perrice, aos oculos da avó? atira-se ao chão, n'uma berraria descommunal; dá pontapés nas pessoas, que estão ao seu alcance, rasga-se desesperado, põe tudo em reboliço?

O pae quer zangar-se?

—Ai, não! deixem-no... é a mãe, que pède, é a

avó, que supplíca. É creança... deixem-no... nós já fomos assim. Pobre tolinho... não sabe o que faz!

O pae levanta-se, e applica ao dragãosinho uma abençoada e estrepitosa palmada?

Jesus! a confusão é geral... ha ralhos... lagrimas... amuos... doestos... e o inferno na familia.

—Ora vejam que crueldade... bater assim no innocentinho, que não tem entendimento. Vem cá... anjinho... vem cá... O papae é mau... pois não é? Deixa estar que elle tambem... hade ser castigado — exclama a mãe, em côro com a avó e com as tias.

Pam! pam! pam! — eis logo soam tres palmadas, que uma d'ellas dá no bordo da meza, e que symbolisam o castigo, applicado ao pae.

A teimosa e rabugenta creança, a soluçar de mimo, começa a estabelécer condições para se calar; bate com o pé no chão, a cada offerecimento, que lhe fazem; não se contenta com pouco, quer mais... hão de dar-lhe isto ou aquillo... tem fantasias difficeis de executar... promette nova berraria.

Invertem-se porém os papeis; o que não acontece senão com uma mulher judiciosa e segura dos seus deveres; foi a mãe, que applicou ao filho o devido correctivo?

Estabelece-se a mesma confusão, e dão-se os mesmos resultados; de modo que o mimoso fructo, que ameaça degenerar ou apodrecer, o precioso menino, ao encarar um dos progenitores, na sua pequena ruindade, já cuida ver um algoz

No primeiro caso, as palmadas, que faltaram á mãe,

são as que produzem o escandalo; no segundo, um erro de pensar, uma aberração dos bons principios e a falta de sentimentos justiceiros — são, ás vezes, a causa do desleixo do marido.

Ainda não ha muitos mezes que o pae de um d'esses pequeninos tormentos da familia, de um d'esses meninos, inteiramente malcreados, na verdadeira accepção portugueza, ao contar-nos a excessiva esperteza do pimpôlho, de que procurámos dar idéa, ao ver-se contrariado por nós sobre o seu modo de pensar, dizia:

—Não, senhor, não!... Não consentirei que meu filho seja contrariado na coisa mais leve. Façam-se-lhe todas as vontades. Nem a propria mãe lhe poderá recusar a satisfação dos seus desejos... Vivo para elle... quero-lhe, como a ninguem. E depois... desejo que elle, desde menino, aprenda a ter *dignidade, imperio e mando* sobre tudo e todos.

E effectivamente assim era.

O menino, que a mãe me apresentava, alguns dias depois, queixando-se da brandura e pensar do marido, com quatro annos de edade, já usava relogio e corrente de ouro, desobedecia regularmente ás admoestações e á palavra dos seus superiores, e passeiava de bengala... a bengala, que um dia talvez se ha de transformar em azorrague infamante, para pedir estreitas contas a um pae, indigno de o ser.

XIII

—Mas... não poderemos abolir a palmada?— perguntar-nos-ha talvez a leitora, què é mãe.

Podemos sim, minha senhora, mas no caso, em que se não deem as circumstancias, que ahi ficam apontadas; podemos sim, mas quando a indole da creança foi bem guiada, e os seus instinctos aperfeiçoados, desde o berço; podemos sim, mas quando os sagrados deveres da familia são egualmente repartidos, entre marido e mulher; quando não ha victimas nem algozes; quando o lar domestico é o tribunal, onde teem assento a severidade e o amor, a justiça e o bom exemplo, que é a melhor das lições.

A palavra e a acção conferem premios e castigos, mas... só quando ellas foram o movel da educação da creança.

A creatura humana é, por instincto, bravia; e o homem de maus instinctos torna-se a maior das féras: e não se diga que a indole faz tudo, porque laboramos n'um gravissimo erro.

A planta, creada á lei da natureza, não é decerto a que nos enfeita os jardins; o demasiado bracejar da ramagem não é, as mais das vezes, a prova da sua utilidade; o descuido do jardineiro torna-a improductiva, ou prejudicial ás outras plantas, e não raro lhe causa a morte.

Assim a indole mal dirigida... assim a creatura humana.

Aquelle — pão e pau — dos nossos antepassados, na sua verdadeira significação, figurada ou não, conforme o caso — tem muita razão de ser e muito judicioso alcance.

As boas intenções, que formularam o grito: — Abaixo a palmada! abaixo a ferula! abaixo o castigo corporal! — falham bastas vezes nos seus effeitos e na sua applicação.

Que o diga a sabia Allemanha, a educadora por excellencia, onde os castigos corporaes, nos collegios e na familia, não foram ainda abolidos, e são tolerados, com moderação conveniente, sem sevicias, nem crueldade!

Este meio de correcção, porem, mesmo applicado, sem humilhação, moderada e conscienciosamente, póde ser evitado, na maioria das vezes, por meio de uma disciplina, menos repugnante e mais proficua, mas só nos casos, entenda-se bem, em que o olhar reprehensivo de um pae, um gesto de enfado de uma mãe e o desgosto apparente de um perceptor possam influir na creança, que se afasta do commum das creanças, onde os vicios, os aleijões physicos e moraes, que apontamos, se contam aos centenares.

O que até aqui fica dito refere-se á creança dos dois sexos; cumpre-nos pois agora dirigir-nos ao ponto de partida, e fallar da menina até aos sete annos, ultimo periodo, determinado para a sua infancia.

Em muitos lugares, porem, o ponto de contacto, entre os dois sexos, será tal que, abstraindo mesmo de qualquer referencia, a applicação do assumpto ser-lhes-ha commum.

XIV

A menina, no correr da edade, mais ou menos enfermiça, constitue-se a boneca da familia, não o automato innoffensivo de enfeites garridos e mólas brandas, e sim um ente garrido, como a boneca, mas defeituoso, por causa de uma alimentação desregrada e perniciosa; eivado de caprichos estonteados, de desejos imtempestivos: com a imaginação estragada de mimo, com uma natureza bravia, que faz a cegueira dos paes, a tolerancia dos amigos e a murmuração das visitas.

A mãe não consentiu que cortassem, á escovinha, duas ou tres vezes, como meio hygienico e util ao abastecimento de uma farta cabelleira futura — os louros anneis do cabello da menina, anneis, que lhe descaem sobre os hombros, á maneira do menino Jesus, e fazem o seu encanto e os gabos de todas as pessoas.

A menina já usa pulseiras e anneis; traja vestidos custosos, possue um vasto arsenal de bonecos, que representam ás vezes um capital importante, n'um dia, e são mutilados ou esquecidos no outro.

Quando entra n'um estabelecimento de quinquilharias e joias, tem appetites prolongados, torna-se exigente, toma attitudes de amargura, pede em altos gritos; não acceita o que se lhe offerece, requer mais, muito mais, e não serve de vergonha ás pessoas, que a acompanham, porque, coitadinha! é muito creança ainda, embora tenha batido com os pés no pavimento,

atirado comsigo ao chão, chamado a attenção dos que passam na rua, e voltado a cara, em altos brados.

Ao cimo da escada, estão a mãe e todas as pessoas da casa; todas indagam do acontecido, abrindo os braços, distribuindo beijos.

—Olha agora... que grandes desejos, que havia de ter a pequena! Os homens não teém geito nenhum, para lidar com creanças. Os criados... sempre são criados. Quem sabe lá o que fizeram á menina! Ora já viram uma coisa assim? Por isso a innocente está enfesadinha... amarella... com os olhos pisados. Eu bem dizia que ella não devia sair. Não... para o outra vez... só na minha companhia. Credo! não se póde a gente fiar de ninguem!

Estas são as palavras que se ouvem de toda a parte.

Dias depois, sae a menina, em companhia da mãe, e os resultados são peiores ainda; o que se attribue ao... defluxo, ás rabugices de uma febre, que passou, ou aos symptomas de uma indisposição qualquer.

Os famulos, em casa, já empallidecem, quando a menina teima; e para lhe abrandarem as iras, recorrem a um ente, creado e baptisado em familia, seu commensal e companheiro eterno... o *papão*... uma coisa horrivel, com olhos de fogo, as unhas grandes, os dentes disformes, mais feia do que o demonio.

Á noite é que o papão tem maior influencia.

Chora a menina, não quer dormir, tenta encontrar uma pessoa, achar um objecto? Abre-se a parede, e sae elle... com os olhos a luzir... as garras estendidas; está no quarto, na sala, no telhado e em todos os lu

gares escuros; anda á espreita das creanças... para as agarrar... para as comer.

—Ui, Jesus! lá vem elle... cruzes! Foge, espirito mau... deixa a menina, que ella já não chora, já é boa.

—Não vá para ahi, menina... corra... fuja.. Assim... esconda-se aqui... Já la vae... já fugiu...

Estes são, *mutatis mutandis*, os termos, com que se evoca, ou esconjura o mau trasgo, o ente superior d'esta especie de mythologia domestica, que tanto mal produz no animo da creança, e que tanta influencia vae ter, na sua vida futura.

XV

Com o papão, vem egualmente um longo cortejo de almas do outro mundo, defuntos, que se erguem da sepultura, bruxas, que enfeitiçam a gente, mau-olhado, almas penadas e todas as baboseiras, de que se serve a ignorancia mais crassa e a estulticia mais prejudicial.

E ninguem reage, e ninguem prohibe semelhantes destemperos, fazendo comprehender á menina que o objecto, que lhe apontaram no escuro é um espelho, um botão a luzir, um monte de roupa sobre uma cadeira, quatro palmadas, applicadas ao taboado da cama; que n'este mundo não ha nada sobrenatural; que os mortos não fallam nem resuscitam; que o trovão não é o pae do céu a ralhar, e sim um phenomeno de facil

explicação; que o apontar para as estrellas não produz cravos nos dedos; que o barulho ou rumor foi causado pelo gato, que subiu a uma prateleira, pelo cão, que se coçou, por um movel, que se abriu, por um objecto, que cahiu ao chão.

Todos se calam, porque todos, ou quasi todos, acreditam em parte do que ensinam á pobresinha: uma borboleta, que se acerca da luz, o uivar de um cão á porta da rua, o pio de uma ave nocturna, um certo cacarejar das gallinhas e outras ninharias — são indicios de desgraça certa.

Causa pena ver a tenra imaginação de uma creança carregar com tão pesado fardo de abusões; mette dó vel-a tão timorata, tão medrosa, tão eivada de superstições absurdas, de modo a podermos affirmar que de cem creanças não ha uma, que afoutamente se arrisque a atravessar uma sala escura, ou adormecer sosinha no seu quarto!

No entanto ha por ahi muita gente, homens e mulheres, de todas as edades e cathegorias, que ainda hoje se resentem d'estes prejuizos da infancia; que conhecem o mal, que d'ahi lhes proveio; que não conseguiram ainda desligar de si este pavor, que ha tantos annos lhes ensinaram a ter; e que toleram, e transmittem a seus filhos semelhante enfermidade de imaginação, uma das mais prejudiciaes, uma das que mais condemnaveis se nos mostram.

XVI

Nos ultimos annos, que terminam a quadra mimosa da infancia, vem juntar-se a estes males outros ainda mais graves — a affectação das maneiras, a acquisição de sentimentos extemporaneos, ideias abstractas, habitos precoces, que acabam de envenenar, se não corromper o tenro espirito da menina, esse molde de cêra, onde tudo fica impresso, onde tudo avulta, e se engrandece.

A vivacidade da creança é essencialmente curiosa; embora o não pareça ás vezes, a menina está sempre attenta ao que se passa; a sua memoria está sempre prompta a recolher todas as imagens, e os seus ouvidos abertos a todos os sons.

No entanto não ha divergencia em familia, conversação intima, negocio a tratar, historia, confidencia, a que ella não assista, ás vezes distrahida e casualmente, porque ninguem faz caso da sua presença, porque ninguem reparou ainda nas conversas e pequenos segredos, que ella transmitte aos criados, ás visitas, e ás outras creanças.

Os incommodos secretos da mãe, os achaques do pae, os mysterios da maternidade, os amores de sua tia; o que se disse das visitas, os arranjos de hoje, os calculos de amanhã — nada a creança ignora, nada lhe é inteiramente desconhecido, porque ninguem se occultou d'ella, porque tudo lhe contaram, ou ella tudo ouviu...

Á ruindade e vicios, que já tem, vem juntar-se uma sciencia maldita, nos seus annos, vem ligar-se a... falta absoluta de innocencia.

Nós já, por vezes, temos presenciado revelações de episodios, que, apezar de toda a nossa serenidade, precisa em taes momentos, nos teem feito subir o rubor ás faces; e comnosco a muita gente, que diariamente deplora o abominavel desleixo de habitos, maneiras e conversações, praticado com as creanças.

XVII

Pelo que respeita aos estranhos, as lições, que a menina tira dos diversos dialogos, entretidos em casa, ou na rua, não são egualmente dos mais edificantes, porque infelizmente poucos sabem fallar a linguagem, propria d'essas occasiões.

Á parte as poucas variantes, o que se ouve é quasi sempre isto:

—Ora viva a lindinha! como vae bonita! que pés mimosos! que mão pequena! que vestido bonito! E as pernas? Como são bem feitas e gordas! Sim, senhor! Não ha outra tão galante... é uma princeza! Ha de casar commigo... pois não ha de? Então... não diz nada?... então não quer ser minha... namorada? Másinha!... Deixe estar... hei de fazer queixa á mamã. É porque gosta mais do sr. Fulano... do primo Cicrano...

Isto não é só dito pelos rapazolas, que frequentam

as nossas casas e as nossas reuniões; isto temos nós ouvido dizer a muitos homens, que se teem em boa conta, por entre uns amuos fingidos, uns arrufos estudados e umas maneiras boçaes, para lhes não chamarmos indecentes e criminosas; d'estas amabilidades já temos desviado mais de uma creança.

A menina portanto já tem sorrisos amaneirados, posições desvanecidas, tregeitos acariciadores; mira-se ao espelho, para concertar as pregas do vestidinho; já tem preferencias, gostos, predilecções, surprezas... e pequenos segredos... coisinhas ternas ou excessivamente tôlas... finalmente, no ultimo periodo da infancia, já é quasi mulher feita... para não dizermos um entesinho... estragado, como os fructos excessivamente temporões.

Nem ha que estranhar, porque ella já frequenta os bailes e os theatros... já tem compromettimentos... regalias e... olheiras, embora não saiba o a-b-c, e coma ainda com a mão.

A sua palavra á mesa da familia, já tem entrada na apreciação dos bons actores e das valsas dos maestros.

XVIII

Perdoem-nos os que pensarem differentemente de nós, mas os seis, sete e mais-annos de uma creança, passeiados á luz do proscenio, a não ser n'uma barraca de feira, n'um espectaculo de cavallinhos, magicas ou bonecos, e á claridade dos lustres de um salão, em noi-

tes de baile, salva uma pequena reunião, em sua casa, onde a hora do somno não tem necessidade de ser alterada — parece-nos coisa ridicula e prejudicial; ridicula, porque as argucias, scenas intimas ou romanticas de um drama não estão ao alcance da sua edade, nem lhe são apropriadas; e prejudicial, porque a actividade intellectual e physica da creança, durante o dia, os movimentos rapidos, os saltos, os tregeitos, os passos que dá, a agitação natural do seu organismo — necessitam de duplicado repouso, dos somnos prolongados e da quietação hygienica e fortificadora, que não se póde alterar, sem prejuizo.

Que o digam os homens da sciencia! que falle a technologia medica!

Querer incutir n'uma creança os habitos, maneiras e costumes de um homem feito — é impor-lhe um supplicio, é propinar-lhe veneno, é querer contradictar as leis da natureza, é inteiramente, na phrase maritima, remar contra a maré.

— Mas a menina... chora... pede... quer...

A menina, fóra do que ahi fica apontado, aquella... cuja educação começou desde o berço, e que, por vezes, temos encontrado, mercê de Deus, porque não podemos tomar a parte pelo todo, porque ha gente, que pensa comnosco — não pede... não quer aquillo, que os seus paes não querem, não podem ou não devem conceder.

XIX

Convençâmos-nos de uma vez para sempre de que a procreação é um acto natural, que os nossos filhos não teem a agradecer-nos, e que sómente a creação, ensino e direcção, que lhes demos, estabelecem os direitos, que temos, á sua gratidão e ao seu amor.

Convençamos-nos de que a sociedade nos ha de pedir um dia estreitas contas da nossa cegueira ou da nossa ignorancia, quando lhe entregarmos nossos filhos, e de que estes serão os primeiros a lançar-nos ás faces a demasiada benevolencia, a falta de carinho, o mimo execssivo, a incuria, a lentidão e as circumstancias prejudiciaes ou escusadas, ruinosas ou arbitrarias, de que lhes fizemos acompanhar a sua infancia ou a sua virilidade, o seu estado physico ou o seu estado moral.

Os annaes do crime, os antros da devassidão, as escadas do cadafalso teem sido testemunhas das mais largas imprecações contra os guias perniciosos da infancia, dos gritos de maldição contra os progenitores de milhares de desgraçados — de modo que, n'esses e n'outros casos, na maior qarte dos actos da vida humana, parodiando aquella phrase elegante — *cherchez la femme* — podemos exclamar: — Procurae a mãe.

A VIIRLIDADE

SUMMARIO—XX. Bom senso. Educação e instrucção da infancia para a virilidade.— XXI. Edade para a escola. João de Deus. Conveniencia do collegio e qual o preferido — XXII. A escolha do collegio e o modo de o julgar.—XXIII. O regulamento. Mestra e cosinheira. Alumna interna ou externa.—XXIV. Classe pensionista. Os defeitos da menina. Em familia.—XXV. Interrupção. Ainda o regulamento. Mentira ou insulto. Diversões da collegial. Um bom exemplo.—XXVI. A intelligencia dos nossos filhos. Mais um exemplo. Mestre e discipulo. O nosso dever.—XXVII. Um mestre de piano. A sua opinião. O que a familia pensa. Ganhadores. O que é preciso fazer.—XXVIII. Aleijões. Continuação dos estudos. Bom e mau collegio. Um rapaz e uma menina. Novo collegio. — XXIX. O collegio estrangeiro. –XXX. Tempo perdido. Novos estudos. Volta do collegio.—XXXI. Os preparativos. Pae e mãe, amigos e parentes. Educação completa.—XXXII. Chegada e regosijo. Curiosidade e desillusão. Ao sair do convento e do collegio secular.—XXXIII. Differença entre os dois sexos. Prendas e habilitações. O pae. Resposta da mãe. O que diz essa resposta.

XX

Não será facil provar que os vicios e defeitos, que temos levemente arrancado ao corpo social, com o frouxo escalpelo de nossa critica, durante o periodo da infancia, peccam por carencia de exactidão.

Dir-nos-hão talvez, no entanto, que as differentes graduações das classes sociaes não admittem a completa execução do nosso programma, porque os meios de viver, a differença de profissões, o theatro das nossas acções — não são uniformes, não offerecem a toda a gente meios eguaes para o alcance dos mesmos fins.

De accordo.

Mas... se nem todos somos instruidos, illustrados, ricos ou remediados, temos ao menos restricta obrigação de possuir uma coisa, accessivel a todo o mundo... o bom senso, essa particula divina, concedida ao homem

para o complemento da sua felicidade, dentro da esphera, que lhe foi traçada.

E a acquisição do bom senso não requer largas academias, nem sumptuosas universidades; bastam-lhe o seio da familia e a escola... a escola, que, mediante o seu professorado instruido e desabusado, póde desarraigar do espirito e habitos da creança de hoje, que será o homem ou a mulher d'amanhã, o que ahi houver de pernicioso e mau.

Ha muito boa gente, que todos os dias confunde educação com instrucção. É um erro imperdoavel; aquella começa desde o berço, emquanto que esta só deve iniciar-se, ao terminar da infancia.

Na verdade parece-nos, á primeira vista, uma coisa inconcebivel, que uma não dê a outra; no entanto o leitor e nós conhecemos pessoas instruidas e egualmente malcreadas; gente illustrada, sem juizo nem bom senso, que vem a ser quasi uma e a mesma coisa.

D'aqui se vê que educação e conhecimentos instructivos são materias distinctas, apesar de irmãs, e que uma deve ser a base da outra, começando a primeira antes e a segunda depois, e vindo ambas a formar um agradavel e utilissimo conjuncto, no decorrer das nossas funcções publicas ou particulares, quando livres e emancipados.

A consequencia portanto que podemos tirar do que fica dito — é que a facilidade de extirpar vicios e defeitos — é igual para todas as classes.

Feitas estas considerações a um reparo natural, reatemos o fio do assumpto, e contemplemos a menina, na

sua passagem da infancia para a virilidade, isto é, na sua transferencia da familia para a escola.

XXI

Ha grande divergencia, onde ha menos bom senso, entenda-se bem — quanto á edade, em que ella deve começar os seus estudos; aos quatro e cinco annos, commette muita gente a barbaridade de metter o abecedario nas mãos de uma creança.

A este respeito, apesar da nossa negação pelas citações, ouçamos a competencia de João de Deus, n'um trecho da sua cartilha maternal:

— Se o alumno pela sua tenra edade é incapaz de aprender regras e de as applicar, então a sua presença na escola apenas attesta a *ignorancia* dos paes e a *incuria* da auctoridade.

«Até aos sete e oito annos de edade, todos andamos n'uma ferverosa elaboração physica, que só reclama alimento, movimento e somno; assim como andamos n'esse profundo e immenso estudo da lingua, e n'essa insaciavel investigação do mundo exterior, que absorve totalmente a faisca mais brilhante, que possa alumiar uma cabeça infantil.

«Complicar esse duplo movimento quasi vertiginoso com o ensino primario — leitura, escripta e contas — passa do absurdo a cruel.»

Esta é que é a verdade.

Uma seria applicação, ainda assim conforme ao or-

ganismo e saude da menina, só deve começar aos sete annos.

Não menor é tambem a discordancia sobre os melhores caminhos a seguir, para a sua instrucção.

Será melhor o externato da escola? a reclusão do collegio? ou o ensino em familia?

Vamos responder.

Para a creança, não comprehendida no nosso quadro, o collegio é um mal; para a que levamos descripta, para um ente, cheio de defeitos, enfermiço, timido... da timidez do papão — o collegio é um bem.

A primeira, na convivencia das collegas, sobre quem nem sempre póde haver suprema vigilancia; nos muitos exemplares dos vicios, que não tem, nem conhece — arrisca-se a contaminar-se, a aprender, e praticar aquillo, que a sua educação evitou sempre.

A segunda sae de uma tutella perigosa para os seus annos, de uma atmosphera viciada, para um lugar, onde as horas regulares da alimentação, a distribuição sensata dos seus trabalhos e dos seus recreios — a podem melhorar, se não curar radicalmente: o que é totalmente impossivel, se não houver a reclusão e reclusão prolongada e sem intermittencias.

Qual será o collegio preferivel: o da sua terra natal ou de uma cidade distante? o nacional ou o estrangeiro?

Reunido o conciliabulo da familia, supponhamos que foi escolhido o collegio de ao pé da porta, e deixemos para mais tarde a declaração do nosso pensar, a respeitos dos outros.

XXII

A escolha do collegio ordinariamente é feita, por via de um empenho, pela impressão de uns exames, *accommodados* ao acto, a que assistiram os paes; pela visita a um estabelecimento, onde foram vistas coisas muito bonitas; por conselho de um parente ou pela imposição de um protector, e nunca pela seriedade de uma instituição qualquer, pela vida e exemplo de seus directores, ou pelas doutrinas, que lá se podem aprender.

Alem d'isso, e não poucas vezes, entra na escolha... a moda, que até n'este ponto se manifesta.

Instituições officiaes, fóra do ensino primario, não as ha, para o sexo feminino; emprezas de largos capitaes, como as possuem já os Estados Unidos, dedicadas á instrucção, não existem egualmente; forçoso é pois recorrer aos collegios particulares, incompletos ou maus, ou ás corporações religiosas, nocivas e ainda peiores.

Isto porém pouco importa: as exterioridades são tudo; a rama brilha mais que o fructo; vá a menina para o collegio da moda, ou para aquelle, onde taes e taes sujeitos teem as suas filhas, embora sejamos negociantes ou artistas, sapateiros ou marquezes, e embora nada saibamos da organisação e fins de semelhantes estabelecimentos.

XXIII

Escolhido o collegio, manda-se pedir o seu regulamento escripto, ou vae-se buscar pessoalmente, para se não perder a occasião de recommendar as *virtudes* da menina, a sua demasiada esperteza, os seus ditos graciosos, a sua intelligencia, em que se não falla por ser de quem é, mas que por fim se torna preciso confessar, á vista de taes e taes provas; o que é justo.

Não se pense porém que o regulamento foi pedido, para que se fiquem sabendo as condições e leis respectivas sem o que nenhuma instituição póde perdurar e tornar-se respeitavel.

Nada d'isso.

O regulamento foi exigido, por causa do enxoval necessario, por causa da lista da sua ultima pagina, que serve de guia aos preparativos da entrada de cada alumna.

O mais... é letra morta, porque ninguem póde impôr leis aos nossos filhos; nós somos quem somos, e, desde que pagamos com o nosso dinheiro, podemos comprar todas as delicadezas e todas as regalias; podemos francamente mandar em nossa casa e na alheia.

Quando muito... olhamos para o preço da mensalidade, que julgamos... um pouco caro.

Nós alugamos os serviços de uma cosinheira, desde as 7 horas ás 5 da tarde, ao preço de trinta mil réis mensaes, e ás vezes por mais do que isto; mas pagarmos a mesma coisa a uma senhora, que alimenta, edu-

ca e ensina a nossa filha, a quem tem de aturar, desde o amanhecer ao sol posto, desde a noite ao nascer do dia; uma senhora, que se vê obrigada a constranger-se nos seus habitos, a ser modelo de paciencia, a servir-se do duplo encargo de mãe e perceptora — isso é demasiado!

Entre a cosinheira, que nos prepara os bons petiscos e a mestra de nossa filha — a distancia é enorme; aquella presta-nos melhores serviços do que esta.

O ridiculo, que resalta de tudo isto, só póde ser tratado em linguagem ironica e depreciadora dos nossos costumes; a verdade do que ahi fica dito póde ser diariamente attestada pelas pessoas, que tem ou tiveram, algum dia, a desdita de se verem collocadas, com necessidade ou sem ella, á testa de uma casa de educação.

Finalmente, depois dos respectivos preliminares, a menina faz a sua iniciação collegial, ou como alumna interna, o que é mais conveniente ao seu adiantamento e á correcção dos seus defeitos; ou como externa, exposta á constante convivencia dos criados, que a acompanham, ás chalaças e dialogos picantes dos truões de esquina e á pratica das assuadas, jogos e entertenimentos dos garotos.

XXIV

Supponhamos que foi preferida a classe pensionista.

Os dias em que a menina é considerada hospede, são consagrados por ella á demonstração dos vicios e

defeitos, desconcertos e enfermidades, de que a sua natureza está cheia.

Terminado esse periodo, necessario á sua iniciação, começam os mestres a sua ingrata e espinhosa tarefa de encaminhar, corrigir e aperfeiçoar, lenta e progressivamente, conforme a edade e as condições moraes e intellectuaes da educanda.

A regularidade na alimentação e nos habitos diarios, a intervenção, que melhora e ensina, a ausencia das superfluidades e exigencias passadas, revoltam a natureza inteira da menina, e nos primeiros tempos, antes que os novos costumes formem uma segunda natureza, avivam-lhe as saudades do tecto paterno, e promettem largas queixas.

Quando volta a casa, reproduzem-se essas queixas, com a fecundidade inventiva de todas as creanças mimosas: a comida não é boa, porque lhe faltam os acepipes e os docesinhos domesticos; as collegas não trataram bem a menina, porque se riram dos seus disparates: as mestras não fizeram caso d'ella, porque não estabeleceram excepções, sendo ella a filha do sr. Fulano; chorou amargamente, porque estava a riscar ou a cortar a canivete as guarnições do piano e a reprehenderam; cuspiu ou deu um pontapé n'uma condiscipula, fez uma careta e um tregeito de desprezo ou de mofa, dirigidos a um superior, e foi reprehendida, e não lhe consentiram isso.

Estes incidentes porém... ella inverte-os, altera-os; cobre-os de soluços e de lagrimas.

A mãe chora tambem; o pae mede a largos passos

o soalho da casa; a tia tregeita com a cabeça; a avó acha tudo isso muito mal feito.

—Vejam como está descorado o lindo seraphim! E as olheiras? e a magreza, que denota? Não... que uma coisa assim! Tão gordinha... tão escorreita... tão sadia! Bem se vê que não é filha *d'ellas*... a innocentinha!

E assim por diante... chovem os reparos e as accusações.

—Pagamos com o nosso dinheiro... não é para isto—diz um.

—Não te importes, filha; não faças caso—diz outro.

—Que não faça caso—exclama a mãe—Essa agora é boa! Não... o que é preciso é que ella não volte mais... que fique.

—Eu hei de pensar n'isso—acode prudentemente o pae—Póde parecer mal... sim... é preciso pensar.

XXV

Para restaurar os prejuizos havidos, a menina é retida oito ou quinze dias, sem que se dê a menor satisfação aos mestres, e embora se falte ás prescripções de um estabelecimento sério, e para com o qual temos deveres a cumprir, visto que nos sujeitámos ás suas leis.

A entrada é ao domingo? Pois ha de ir na segunda feira.

É á noite? Pois será de dia.

Que importa que haja um regulamento?

A menina não estudou... perdeu a classe... atrazou-se?

Isso nada importa: ninguem governa sobre aquillo, que é nosso.

O criado ou criada, que acompanha a menina, tem o cuidado de transmittir um recado, que lhe ensinaram... um insulto... uma grosseria... uma doença, que nunca existiu... uma dôr, que não houve... uma mentira, que a educanda confirma, se não se esquece, e, na sua ingenuidade, não confessa a verdadeira historia da sua demora.

Depois d'isto, fica ella comprehendendo que o mestre é um mercenario que não merece respeito, nem acatamento, e que o collegio é um ergastulo, onde se infligem torturas, que o pae e a mãe condemnam.

Já vê o leitor que a educação foi bem applicada, e que a instrucção vae sendo optimamente auxiliada.

Um casamento, uma reunião dançante, um dia de annos, um jantar, uma visita, um passeio no mar, uma noite de theatro, um bilhetinho, um recado, uma queixasinha, uma tafularia, um capricho — são as causas de novas sahidas, de interrupções diarias ou mensaes, de novas pieguices, de novas faltas de respeito e de prejuizos incalculaveis.

Na verdade... a presença de uma creança, nos bailes, nas tafularias, nas reuniões, nas solemnidades, proprias de gente feita — deve ser de grande precisão e utilidade correspondente?!

Uma menina, a dormitar ou a comer doces, a cho-

ramingar, a ouvir e a dizer ninharias, a presenciar o que lhe devia ser vedado, a assistir ao que não comprehende — ha de ser um grande auxiliar e uma pessoa muito necessaria?!

Uma vida, que não é a sua... uns costumes, que não devem ser os seus... hão de fazer-lhe muita falta?!

Appelle o leitor para os perceptores e para aquillo que todos os dias se lhe depara á vista, e diga se n'isto ha sombra de exageração, e revista-se de seriedade, se póde, quando lhe dissermos que, ainda ha poucos mezes, soubemos de um casamento, onde uma collegial de doze annos foi a respectiva madrinha!

Se ella proporcionou á noiva os reparos e conselhos necessarios; se lhe dirigiu prevenções, se, por entre uns sorrisos experientes, lhe fez avisos e confidencias, que uma senhora casada e respeitavel costuma fazer em taes casos, não o sabemos nós, e provavelmente não o saberá ninguem.

É de crer porém que se désse o inverso, isto é, que a afilhada fosse... a instructora da madrinha.

XXVI

Quanto á intelligencia, á aptidão da menina e á direcção dos seus estudos, dão-se ainda os maiores despropositos, todos filhos da ignorancia ou cegueira da familia, onde não ha quem pense no motivo, que concorre para o adiantamento de uma creança, ou para o atrazo de outra.

Nós podemos lá admittir que o nosso filho não tenha os mesmos ou melhores dotes que os filhos da outra gente? que manifeste negação para isto, ou aptidão para aquillo? que não seja dotado de um espirito claro, quando elle encanta com os seus ditos, e serve de enlêvo ao nosso coração?

Um anno depois da entrada da menina para o collegio, causa admiração, ou pelo menos estranheza, que ella não leia tal e tal livro, que não aprenda certas e determinadas materias, que não escreva uma carta, que não estude grammatica e linguas; chovem perguntas; fazem-se interrogações; e não se sabe onde estão os premios ganhos e as distincções adquiridas.

De um pae sabemos nós, que, dois mezes depois de sua filha ter começado a soletrar os rudimentos da musica, mandou *examinal-a*, e, como não achou o adiantamento reclamado pelas suas supposições, retirou-a do collegio, onde a fizera matricular.

Exemplos d'estes conta-os ás duzias quem é bastante desditoso, ou excessivamente devotado, para se dedicar ao magisterio.

Assim como ha pessoas, profundamente instruidas, que são incapazes de transmittir a outrem os seus conhecimentos; que não sabem, ou não podem ensinar — assim ha, e em maior escala, discipulos, que, a despeito de toda a paciencia, clareza de explicações e bom methodo do ensino, não conseguem, em meia duzia de annos, o que outros alcançam, em alguns mezes.

Nada podemos obter n'este mundo, sem tres elementos indispensaveis — trabalho, aptidão e tempo — com

mais ou menos aproveitamento, conforme os predicados, de que dispomos, para nos podermos servir de tudo isso.

O mestre deve ser o *alter ego* do pae de familia.

Merece-nos confiança? Entreguemos-lhe os nossos filhos, e deixemol-o trabalhar desassombradamente.

Não está porém na altura da sua missão? Neguemos-lhe o nosso concurso, e não pensemos mais n'elle.

Se não estamos habilitados a julgal-o, procuremos quem saiba, sem prevenções nem parcialidade, elucidar-nos sobre o ponto, e não nos mettamos n'aquillo, de que pouco ou nada entendemos.

É um dever de consciencia; uma obrigação imprescindivel.

XXVII

Ainda não ha muito que um dos nossos melhores, mais habilítados e conscienciosos mestres de piano, nos dizia, em conversa, e em resposta ás nossas interrogações, sobre o adiantamento das suas alumnas:

—Ah! meu amigo! A missão de ensinar póde ser muito bonita, em theoria, mas, na pratica, faz-nos crear cabellos brancos, e ter inveja do alvião, que não podemos manejar.

«O que quer que eu lhe diga? Das alumnas, que tenho, poucas, muito poucas chegarão a conseguir o desempenho de quatro coisas, com limpeza, porque as familias, salvas as honrosas excepções, se oppõem a isso.

«Eu aconselho escalas, estudam-se harmonias; prescrevo exercicios, a mãe ordena uma polka; recommendo um trecho classico, o pae não gosta, e requer mudança; ordeno uma coisa séria, a tia troca-a por outra burlesca, por ser mais agradavel ao ouvido e ás visitas, que assistiram ao chá da noite.

«Além d'isto, o estudo, mau como é, não segue um curso regular: um defluxo, uma festa, um passeio, os nervos da menina, a enxaqueca ou rheumatismo de um membro da familia e mil futilidades — são pretexto para largas interrupções.

— E não ha meio de reagir? — perguntámos nós.

—Reagir? Essa agora é boa! Fechavam-se-me todas as portas; e, como este é o meu officio, e não me sobram habilitações para outro... morreria de fome. Que hei de fazer pois? Deixar-me ir na onda... como automato... e não aventurar observações, que ninguem entenderia, e só causariam o meu descredito.»

O que ahi fica dito pelo nosso pianista é uma triste verdade, que até nos collegios se manifesta, posto que menos directamente.

A menina não sabe melhor uma coisa? É por que não lhe deram este ou aquelle compendio. Não começou a bordar? Pois é mandar dizer á mestra que se estranha isso. Não deu a grammatica... não estuda geographia, embora não saiba ler? Comprem-se-lhe os livros, e faça-se saber que se quer que a menina estude tudo isso. E o francez? pois ainda não deu uma lição de francez? Nada... isto assim não vae bem; é preciso retirar a pequena do collegio.

E depois de tudo isto, ainda ha alguem, demasiado atrevido ou ruim, que ouse chamar aos mestres... méros ganhadores, como tanta gente lhes chama?

O que querem que elles sejam? o que querem que elles façam?

Primeiro que tudo que se tornem agradaveis ás meninas, no que primam as instituições religiosas, para o serem aos paes, como meio de evitar queixas, e inspirar confiança; em segundo lugar, que mintam diariamente, apregoando aptidões, que não existem, calando defeitos, que abundam; depois, que pautem os estudos pela vontade das familias, para irem ganhando a sua vida; e finalmente, que concedam regalias, estabeleçam premios mercenarios, e ensinem ninharias e futilidades, de que mais adiante fallaremos, quando tratarmos das casas de educação.

XXVIII

Falseada pois a educação da alumna; alteradas, no todo ou em parte, as suas faculdades intellectuaes e physicas, no periodo da infancia; mal dirigida e peior acoroçoada nos seus estudos — ella não póde apresentar bons resultados praticos, nem theoricos.

O seu todo é um conjuncto de aleijões, que levam á inepcia ou á formação de uma monstruosidade, um agregado de moleculas estragadas, que de nenhum modo podem fornecer um membro util ao corpo social.

A conservação da menina no collegio, apesar de tudo, depende, não da sua aptidão, porque, perante os

seus, é innegavel a indiscutivel essa aptidão, mas da menor ou maior quantidade de bugiarias, que apresentou aos paes, do tanto ou quanto que aprendeu, e ella, ou alguem por ella, soube fazer valer.

O caso resume-se n'isto. Se dispõe de alguma intelligencia, secundando soffrivelmente o trabalho dos mestres — o collegio é bom; se, ao contrario, pouco conseguiu, pela estreiteza das suas idéas e de toda a sua natureza rude — então o collegio não presta.

Um rapaz qualquer, se alcança aprender soffrivelmente um pouco de portuguez, em tres annos, é reputado bom estudante, elogiado e encarecido; uma menina, cujas faculdades quer muita gente, e não nós, que sejam menos efficazes que as do sexo opposto, deve, n'um anno ou em pouco mais — saber a nossa lingua e todas as prendas, que compõem o seu programma de educação; e isto naturalmente porque, gastando tão larga somma de dinheiro, no dizer da familia, a sua intelligencia deve estar na razão directa do dispendio feito.

N'este assumpto, mais do que em nenhum outro, verifica-se aquelle dizer popular: — Cada cabeça... cada sentença.

O que acontece quasi sempre é que a menina, depois de algum tempo, vae correr mundo, sendo transferida para segundo, terceiro ou quarto collegio de sua ou de outra provincia, ou mandada para o estrangeiro, porque se torna necessaria a acquisição de umas sciencias cabelludas, que nunca ninguem vê, ou porque se julga que a gallinha do visinho é mais gorda do que a nossa.

XXIX

Ao fallarmos em collegio estrangeiro, cumpre-nos abrir um parenthesis, e dizermos, conforme promettemos, o que pensamos a respeito d'elle.

Se os costumes não differem essencialmente dos nossos, se a lingua é a mesma, se as instituições dispõem de melhores recursos; se o clima estranho é superior ao nosso — a menina tem muito a ganhar, depois dos dez annos, época, em que não lhe é facil esquecer a convivencia, onde assenta o amor, que nos deve.

Antes d'essa edade porém, o que ella adquirir em estudos, robustez e saúde, perdel-o-ha em affectos á familia, a menos que, ao seu lado, não tenha uma irmã mais velha, com quem ella possa entreter e avivar a chamma do sacrificio aos penates, ou esteja cercada de mestres, que nos inspirem uma confiança illimitada para nos substituirem ao seu lado.

XXX

Continuemos.

Entre a saída de um collegio e a transferencia para outro, houve uns seis mezes ou um anno de ferias em familia, para matar saudades e curar achaques.

Juntando-se a este tempo malbaratado o maior ou menor periodo das viagens d'aqui para alli, a estada a banhos, a ares — temos alguns annos decorridos, ao orçar a edade da menina pelos doze ou mais.

Por esta época, entra ella em nova reclusão, emprehende novos estudos, e, depois de outros quatro ou cinco annos, isto é o tempo bastante para que qualquer estudante dos collegios e lyceus officiaes tenha completado a sua iniciação, e consiga passar dos rudimentos, que mal sabe, para o curso, que tem a aprender — eil-a ahi de volta, carregada de prendas e habilitações.

XXXI

O regosijo então toca os extremos do delirio! o grito de alarma passa de bocca em bocca!

A proxima chegada da filha de Fulano é um acontecimento, que toma notaveis proporções.

Os visinhos agrupam-se ás portas, a fallar do caso; os amigos não sabem se a menina aprendeu o portuguez, mas asseveram que ella escrevera, em francez e em inglez, umas cartas, que correram de mão em mão, e foram traduzidas, entre lagrimas de contentamento, por uma visita da casa; os criados andam n'uma dobadoira, a conduzir trastes para o quarto destinado á senhora; o pae enumera os contos de réis, que custou a educação da rapariga, mas julga-os bem empregues, e, por entre uns sorrisos de modestia, mal suffocada, affirma que a instrucção é uma grande coisa; a mãe trasteja de um lado para o outro, ralha, impacienta-se, barafusta, porque a renda do travesseiro não é bonita, a ramagem da colcha inspira certo ar de tristeza, o pente e a escova parecem ahi coisa de gente réles, o sabonete

e a agua de colonia não são proprios para a sua rica filha, que tem outros costumes, viu, e sabe grandes coisas.

É necessario mudar o piano, comprar mobilia nova, mandar pintar a casa, reformar o cortinado, e melhorar todos os accessorios domesticos.

Ninguem faz supposições, ninguem duvída de nada: parentes e amigos, conhecidos e desconhecidos, amos e criados, todos certificam — que a menina falla as linguas, como um papagaio, que tocou n'um concerto de notabilidades, que desenha e pinta, de um modo admiravel, que borda a fio da China, que está muito crescida, e tem muito bonitas maneiras, que um amigo, indo visital-a ao collegio, viera admirado de tamanha perfeição, por cujo motivo os paes estão muito gratos, sendo esse favor um d'aquelles, que nunca se podem esquecer.

E assim por diante. Só não garantem, se póde haver alguma duvida, que a menina venha formada em *grego*, apesar de quasi sempre acontecer que as reputações de egual jaez se recolham aos caros penates... completamente gregas.

XXXII

Soou o momento tão desejado!

Afóra os annuncios das gazetas, se os ha, chovem as visitas e os comprimentos.

A anciedade é geral.

Todos querem ver e ouvir: ver a gentil personagem, as provas e documentos do seu adiantamento; e ouvir a sua voz n'um canto melodioso, ou as harmonias do piano, sob a pressão dos seus dedos mimosos.

Os incommodos da viagem porém, uma certa extranheza, a compleição debil e nervosa, e sobretudo a modestia — põem embargos á satisfação d'esta avidez natural, que, as mais das vezes, nunca chega a saciar-se.

Apresentemos nós, no entanto, o resultado das nossas observações, e deixemos á curiosidade de parentes e amigos a investigação d'aquillo, que já sabemos.

Se a rapariga saiu de um convento, baixa os olhos, ao tomar a benção aos paes, ou ao comprimentar as visitas, não com aquella naturalidade, que é o adorno das pessoas ingenuas, mas com uma sisudez que gela, e um tregeitear de cabeça, contrafeito, indolente: logo no primeiro dia, pergunta se todas as pessoas da casa já se confessaram, e indaga da missa matinal; distribue bentinhos e reliquias de santos, pelas criadas; dá rosarios ás suas amigas de infancia: tem orações muito prolongadas; suspira pelas horas do côro, pelas rezas em commum; declara possuir a fita das irmãs do *Sagrado Coração* e das *Filhas de Maria*, ter obtido indulgencias; falla muito na madre superiora; lastima que a mandassem buscar tão cedo; tem grandes desejos de voltar, e chora algumas vezes; o que os paes acham muito natural, e... nós tambem.

Se a nossa donzella porém esteve n'um collegio secular — começa por estranhar certas maneiras que não são as suas; tem certo prurido no andar, não falla bem

das mestras; é muito prodiga em dizer que... sim: tem largos intervallos de desvanecimento amaneirado; ainda se entretem com as bonecas, e, de vez em quando, vae dando, por conta, alguma parcella do saldo, que deve á mãe, pela educação, que recebeu.

N'um caso ou n'outro porém... usa luneta, e traja bem.

XXXIII

As habilitações domesticas e as prendas de arte são egualmente variadas, e orçam pelo cultivo intellectual da nossa gentil personagem.

A um rapaz, que acaba de sair de uma academia ou de uma officina, é necessario perguntar o que aprendeu; é forçoso que volte — engenheiro ou alfaiate, doutor ou marceneiro, boticario ou estucador, ferreiro ou alchimista, artista ou letrado.

Uma rapariga porém, que tem a protecção dos paes, como garantia, e a posse de um marido, em perspectiva, é mais um adorno que uma necessidade; é uma especie de mitho, a que estão determinadas umas certas cortezias, e levantado um alto pedestal, em roda do qual se agrupam umas tantas coisas, que lhe hão de conquistar o pão nosso de cada dia, na ventura ou na adversidade, o bem estar, n'um ou n'outro caso, e sempre o respeito da sociedade, embora trabalhe ou não, embora seja um ente racional ou um fardo pesado, digna companheira nas luctas da vida, ou simples parasita á mesa das economias de outrem, na communhão geral ou particular.

Ella não tem pois necessidade de exhibir attestados, nem de apresentar diplomas.

Lá estão... a rotina e o braço do homem, para lhe atirarem quatro vestidos de seda aos hombros, e conferirem-lhe o titulo de senhora, que ella conquista, sem o menor trabalho.

Um gato de lã ou de retroz, espalmado sobre um espelho, com o aspecto triste de um carneiro, votado ao sacrificio; uma bolsa de missanga, com a palavra *souvenir*, entrelaçada em letras de um caracter, não classificado; um desenho a lapis, representando o seraphico busto de uma freira macilenta, ou uma pequena paizagem, copia de um pessimo modello francez, a cujo trabalho não presidiram regras nem proporções; o *Canto do pastor*, o *Sonho de Beatriz*, uma pequena fantasia, uma valsa da moda ou coisa semelhante, tocados ao piano, com mais ou menos desembaraço — constituem todo o arsenal de conhecimentos praticos e habilitações provadas, que teem de ser aproveitados em familia, como ornamento de educação e ensino, e como solida garantia do futuro.

De cosinha e pastelaria, de costuras e modas, de organisação interna e economia domestica, a nossa donzella sabe apenas — que o chá, sem assucar, amarga; que um podim, sem sal, deve ser pouco saboroso; que a lavadeira póde ensinal a a fazer a bainha de uma saia; que os vestidos se provam e preparam, em casa da modista; que almoça ao meio dia, e janta ás tantas horas.

Se o pae, ao voltar da labutação diaria, aventura um

reparo, e tem occasião de reconhecer que andou caminho errado, pois que a menina, quanto ao moral, conserva os defeitos e as enfermidades, incutidas na infancia, e, quanto ás prendas sociaes e domesticas, não satisfaz as suas aspirações, porque não póde, nem sabe trabalhar — acode logo a mãe, que lida por ella e para ella:

— Ora deixa a pequena, coitada! Sempre tens coisas! Deixa-a... que ella, um dia, ver-se-ha obrigada a trabalhar... deixemol-a gosar a mocidade. Eu tambem já fui assim.

Isto quer dizer: — Ella, ao mudar de estado, se der com um homem, menos benevolente e mais instruido do que tu — terá de adquirir, á força de dedicação e paciencia, aquillo, que eu não quiz, nem soube ensinar-lhe: se deparar com um marido, egual a ti, será a interprete fiel dos maus exemplos, que lhe dei, e a eterna transmissora dos defeitos, ignorancia, vicios e aleijões, de que está eivada a sua natureza inteira.

COLLEGIOS

SUMMARIO — XXXIV. O collegio actual. A politica e os homens de estado. A ideia, que fazem da mulher. — XXXV. Falta de instituições grandiosas. Collegios particulares. Como se funda o collegio secular. Consequencias. — XXXVI. Influencia externa. O que pensa a sociedade. Numero de alumnas. — XXXVII. A directora. Motivos de sahida. Exemplos.—XXXVIII. Estudos elementares. Exigencia e inconsciencia. Livros e ensino. A grammatica. O professor.—XXXIX. Continuação dos estudos. Linguas. O que ellas são. Certos homens. O effeito.—XL. Instrucção e proveito. O que resulta do collegio secular. — XLI. O collegio religioso. O passado e a curia romana. Poder temporal. — XLII. A capa da religião e o ultramontanismo. As suas instituições. Educação artistica e moral.—XLIII. A freira. Que mestra póde ser. O seu collegio.—XLIV. Meio de agradar ás creanças. Os fins do collegio. Maxima ultramontana. O bom e o mau padre. A clausura.

XXXIV

—Mas... poderá o collegio actual melhorar a obra, moldada no seio da familia, aperfeiçoar, e instruir a mulher?

É esta uma pergunta de primeira instituição e a que não será difficil responder, no decorrer da nossa singela apreciação; o que não nos priva de affirmarmos, desde já, que a missão particular, que se acha incumbida do ensino superior, á mulher, pouco ou nada mais póde fazer, n'este sentido, do que faz e tem feito até agora; porque, nos preconceitos da familia, encontra os maiores obstaculos sendo a base de todo o embaraço a falta absoluta de instrucção e bom senso de uma grande parte das differentes classes sociaes.

Vamos por partes; discriminemos a natureza das instituições actuaes.

Afóra a escola publica, incompleta e rudimentar, não temos uma só instituição official, lyceu, academia ou simples collegio, dedicado á instrucção do sexo feminino; o que prova que os homens de estado teem curado mais da elevação de uma camarilha politica, do que do bem-estar do paiz, da vida exterior do que da vida intima, do dia de hoje do que do ámanhã de seus filhos; e que fazem da mulher um juizo pouco digno das mezuras, que lhe tributam, e dos vestidos, que lhe compram.

A mulher, para elles, não é uma cabeça pensante, um membro do grande corpo social, o auxiliar e a companheira do homem, a quem, salvas as restricções peculiares ao seu organismo e aos seus deveres caseiros, póde ajudar e acompanhar, nas alegrias e nas tristezas, do decorrer da ventura ou nas lutas da adversidade.

Nada d'isto. Cercada de criadas, mettida em salões luxuosos, ignorante, acorrentada aos caprichos de um senhor, disfarçado em marido ou amante,— lá vae servindo á procreação, ordenando o chá da noite, e, por desfastio, passando em revista a roupa, que ella não compra, nem sabe quanto custa; gastando o dinheiro, que ella não ganha, nem conhece d'onde vem, como odalisca unica de um harem, mascarado em lar domestico, onde ella ignora a figura, que faz, e o lugar, que lhe compete.

Aos capitalistas, grandes ou pequenos, como aos governos, pequenos ou grandes, é este um assumpto, que ainda não mereceu a minima attenção, nos dois paizes, para quem escrevemos, entenda-se bem.

XXXV

Agrupam-se todos os dias accionistas, para a acquisição d'estes ou d'aquelles proventos; fundam-se bancos, instituições de auxilio mutuo, companhias industriaes e agricolas, toda a sorte de emprezas exploradoras; mas... ninguem, que nos conste, se lembrou ainda de empregar uma somma qualquer, destinada ás letras, artes e officios, em que a mulher deve tomar parte, e ser equiparada ao homem, tanto quanto a sua natureza o permitte.

A tutella immediata ou ostensiva, occasional ou disfarçada sob uma capa qualquer, nem sempre é proveitosa á mulher, e nunca se estende a todas as mulheres, a quem, por sua ignorancia e falta de aptidão, estão fechadas as portas de todos os emprehendimentos uteis, em que a humanidade labora.

Á falta de instituições grandiosas, devidas ao capital e ao governo — temos os collegios de iniciativa particular, que se dividem em dois grupos — os seculares e os conventos disfarçados sob o nome problematico de corporações religiosas ou instituições pias, segundo convem aos interesses de uma Ordem qualquer, ou directamente aos do proprio Vaticano.

A fundação dos collegios seculares é devida ordinariamente ás circumstancias precarias de uma ou mais pessoas, a quem faltam os elementos essenciaes de independencia, para a creação de um estabelecimento, digno do fim, que emprehende; e raras vezes por vocação propria e amor á humanidade.

Mais claro. Uma mulher ou uma familia, a quem, como já dissemos, são trancadas as portas das profissões, que lhe não ensinaram, na necessidade de procurar meios de vida honestos e dignos de sua mais ou menos elevada educação, entrega-se ao mister de ensinar, e, com protecção ou sem ella, lá chega a arregimentar um certo numero de alumnos, que começam a frequentar uma casa, a que, segundo a fórma generica, se dá o nome de collegio.

Um estabelecimento d'esta natureza, por melhores serviços que preste, leva longo tempc a formar-se; e não póde determinar innovações, nem fazer cumprir a letra de um regulamento escripto: a rotina, a excepção e o patronato são os elementos de sua vitalidade enfermiça, pelos centenares de obrigações, que contrahe publica e particularmente.

As familias, a quem se sollicitou auxilio, um individuo que emprestou dinheiro, este, que forneceu a mobilia e o piano, e aquelle, a quem se pediram uns determinados favores — são outros tantos obstaculos para o engrandecimento e prosperidade da empreza.

A verdade deve dizer-se, por mais contristadora, que ella nos pareça.

De portas a dentro não ha uma só directora, que governe; a ingerencia estranha lá tem o seu poder estabelecido; manda, exige, dispõe.

As filhas de uns certos sujeitos, a pupilla de um credor, as protegidas de um determinado numero de individuos — são alumnas especiaes, a quem se garantem

privilegios, e offerecem regalias, que são um escandalo para a communidade e um forte elemento de desorganisação.

XXXVI

A escolha dos livros adoptados, os differentes cursos do ensino, todo o mechanismo interno finalmente — obedecem á mais crassa imitação de estabelecimentos semelhantes, e ao conselho ou parecer da influencia externa.

A estes males succedem-se aquelles, que já tivemos occasião de mencionar, quando fallámos da entrada da menina, no collegio, terminado o periodo da infancia.

Os dois primeiros annos de uma creança de sete, oito ou nove, constituem na casa de educação uma especie de noviciado, de que não devemos esperar outro resultado a não ser a aclimação moral e os ensaios indispensaveis a uma applicação futura, aos estudos serios e á pratica da reclusão.

Uma grande parte da sociedade porém não o entende assim.

Á medida que os dias correm, haja ou não intelligencia, edade e aptidão, na alumna, os seus progressos devem ser rapidos, pois d'elles dependem o nome e o credito do collegio.

Ninguem vê que a imperfeição da educação feminina resulta, em grande parte, d'este erro de pensar, d'esta falta de raciocinio; e que poucas são as alumnas, que

não deixam o collegio, antes de tempo, sob pretextos futeis, as mais das vezes.

— A menina, tornada mulher, não deve permanecer no collegio — diz muita gente.

E porque? Na verdade, não vemos a justificação d'isto, que nos hão de dar licença de julgar um contrasenso; porque individuo ou corporação, que não merece confiança para a guarda e direcção da mulher, tambem, em nenhum caso, a deve merecer, para a guarda e ensino da menina.

Isto é claro.

Demonstrado que o collegio não póde impôr e seguir uma lei uniforme, pela dependencia, a que o ligam tantas circumstancias contradictorias — facil é de prever que lhe não é indifferente o maior ou menor numero das suas alumnas, cuja conservação é o principio vivificador da sua existencia.

Indispensavel pois se lhe torna o transigir com toda a qualidade de preconceitos, e mentir ao seu programma, se não quizer, de um dia para o outro, cair na decadencia, e fechar, por falta de concorrentes.

XXXVII

A directora é um ente, que não tem vontade, que não seja a dos paes das suas alumnas. Os passeios desnecessarios, as festas improprias, as alterações de entrada e saída, a excepção ruinosa, a regalia escusada — tudo ella é obrigada a conceder, com o riso nos la-

bios, porque tem um pessoal habilitado a estipendiar e manter, um nome a livrar de animadversões e descontentamentos, e um resultado a tirar do seu trabalho.

Uma excepção não concedida, uma pequenina queixa, uma falsa interpretação de um recado, uma simples advertencia emfim — são rasões ponderosas para a sahida de uma alumna, cuja familia se torna um fóco de descredito e inimisade declarada.

De um collegio sabemos nós, onde a mãe de uma alumna foi interrogar e responsabilisar a directora, porque a sua menina lhe apparecera em casa mais *pallida* que de costume!

Uma tarde esta senhora estivera casualmente sentada, em um lugar de reunião e durante algumas horas, quasi ao lado de uma sua discipula, que a não via, desde a ante-vespera, sem que houvesse o mais ligeiro cumprimento de inferior para superior.

Ao voltar a menina para o collegio, a mestra, como era sua obrigação, advertiu-a d'essa falta de delicadeza, contraria aos mais pequenos preceitos de educação.

E sabem o que aconteceu?

A menina queixou-se, em sua casa, da advertencia, que recebera, e isto foi o bastante para que o pae escrevesse duas linhas, retirando-a do collegio.

Estes e outros factos, que se contam ás duzias, ridiculos de mais para merecerem indignação, pois que nem ao menos se tornam dignos de lastima — são a prova robusta do que o collegio, a que não fôr indifferente o numero das suas alumnas, não pode converter-se n'uma instituição proveitosa e seria.

XXXVIII

Os estudos elementares, base essencial de todas as sciencias e de todas as as artes — são accelerados, invertidos e deslocados.

Haja livros em abundancia e prendas em profusão: são as familias que os requerem!

Terminado o abecedario, lido machinalmente o primeiro periodo de um livro, siga-se a grammatica, com todo o seu cortejo de difficuldades, proprias dos estudos mais adiantados: depois dos primeiros riscos caracteristicos, appareça a escripta, o dictado, uma carta, o bastardo e o cursivo; estudem-se arithmetica, geometria, algebra, geographia, embora não haja edade e tino, embora se não saibam ler as definições dos compendios.

Acresce mais que quasi todos os livros rudimentares peccam pelo vocabulario, de que se servem para as respectivas definições.

Livros organisados, no silencio do gabinete, por homens, mais ou menos eruditos, afastam-se inteiramente do estylo familiar, e offerecem-nos uma phraseologia fóra do alcance instructivo de uma creança, que começa a balbuciar as primeiras noções da sua lingua.

A creança não interpreta o sentido da definição, porque não conhece a significação da phrase, que a compõe.

O ensino pois que já de si tem attributos, em extremo fastidiosos, torna-se um motivo de fadiga incessante

para o professor consciencioso, que, para fazer comprehender o espirito de um trecho explicativo, tem de explicar, por seu turno, todos os termos, em que está concebido, a menos que não fique impassivel diante do olhar embasbacado e modos abstractos do discipulo, que pronuncia as palavras quasi com a intonação sonica e glacial do papagaio.

O estudo da grammatica, por exemplo, é dos mais embaraçosos e discordes, que conhecemos. Entre dezenas de grammaticos, que teem escripto sobre a nossa lingua, não ha dois, a não serem simples imitadores, que concordem em todos os pontos, especialmente quanto ao modo de definir as attribuições, que conteem as palavras, no decorrer da analyse logica.

D'aqui nasce a imperiosa necessidade, que tem o professor, de possuir instrucção, que baste, para adoptar o que é bom, e desprezar o desnecessario, o inconveniente e o mau, insurrecionando-se contra grande parte dos methodos; organisando um, que seja seu, embora não escripto, e estabelecendo sobre todos um systema particular de ensino, apurado no cadinho do bom senso, e afiado na pedra de toque do espirito, intelligencia e tendencias das creanças.

Nada d'isto porem se concede ao professor.

Haja progressos, provas escriptas e oraes, porque o tempo urge, e ninguem quer saber de methodos, nem de difficuldades!

XXXIX

Depois do que acima enunciamos... sigam-se o desenho, sem a aprendisagem das linhas de proporção, esboços, regras lineares, leis de perspectiva; o bordado, antes das costuras; a execução musical, antes do solfejo, exercicios e escalas, e por cima de tudo, misturadas com tudo, venham as linguas .. o francez... o inglez... e o italiano, pelo menos.

Já que fallámos em linguas, sentimos que a estreiteza do nosso tempo, nos não permitta deter-nos largamente sobre semelhante assumpto.

O estudo das linguas, tão requerido hoje pelas phases de um progresso real, que tenta, e ha de conseguir a aproximação de todos os povos, é, apezar d'isso, um ornamento de educação, e não uma prova de grande instrucção em qualquer pessoa; não produz os resultados, que lhe querem attribuir, pelo modo como o pretendem applicar, isto é, dando um lugar secundario aos estudos serios da lingua patria.

Que um mancebo, instruido nas differentes ramificações da sua lingua, conhecedor de todas as partes que a compõem, se dedique á pratica de outras linguas, estudando-as, fazendo viagens, residindo em paizes estranhos — comprehende-se; mas que se desterre uma creança, como hoje bastante se usa, para o lugar onde todos os seus trabalhos, vida e acções teem de obedecer á palavra, que, de volta á sua patria, raras vezes ha-de empregar, fallando e escrevendo — é realmente

um disparate e a causa de que muito boa gente, laureada pelas academias estrangeiras, não possa conquistar um diploma de professor de primeiras letras.

No entanto, força é confessal-o, e agrada o fazel-o, tem havido homens de elevada cultura intellectual, instruidos em todos os ramos de artes e sciencias; os quaes nunca chegaram a aprender mais que a sua lingua, sem ignorarem comtudo a litteratura das outras linguas, cujas difficuldades e bellezas palparam e descobriram, nas correctas e multiplicadas traducções, que existem, de todos os livros celebres, tanto em prosa como em verso.

Obrigação e devoção parecem-nos, e são duas coisas muito distinctas... a primeira impõe-nos o conhecimento da nossa lingua; e a segunda faculta-nos toda a liberdade, na maior ou menor acquisição, que fizermos das outras.

Quem conhece estas e ignora aquella — faz-nos o effeito de um individuo, vistosamente paramentado, a que falta o principal adorno... a camisa.

XL

Na faina abençoada, em que labutam hoje os operarios da instrucção popular, mais do que em outro qualquer outro emprehendimento, devemos procurar um lugar, que nos leve aos melhores resultados praticos, utilitarios, para que, por meio das nossas aptidões, possamos ser, ao mesmo tempo, a garantia do nosso futuro e ornamento da sociedade, a que nos acharmos ligados.

Onde existir instrucção — deve haver proveito.

E que proveito resulta, para a vida real, da instrucção fornecida ás nossas mulheres pelo collegio secular, tal qual o temos estabelecido, pois nós é que concorremos para que elle seja o que é, segundo procurámos demonstrar? O que tiramos d'alli? Pouco, bem pouco para a vida elegante, para o salão, e nada, absolutamente nada, para as leis do trabalho, em commum, para a sociedade e para a familia.

XLI

Voltemos-nos agora para o collegio, que, sob uma invocação qualquer, occulta em si todas as praticas do convento, nos lugares d'onde os conventos foram banidos, pela influencia das leis salutares de uma abençoada revolução de ideias: vejamos o que é o collegio religioso..

Todos sabem quanto custou ao mundo essa revolução, que intentou, e conseguiu bater, nos seus mais fortes reductos, a negregada politica de Roma, que, desde os tempos das cruzadas até ao desmoronamento da companhia de Jesus, sacrificou muitos milhões de vidas e riquezas sem conta; e chegou a assoberbar o mundo, pelo poderio, de que dispunha, ao influir no animo dos reis e dos povos, cujos direitos, soberania, administração, riqueza e vontade vieram a ser propriedade sua!

Causa-nos decidido assombro que os suaves e bran-

dos preceitos de uma religião, como a nossa, chegassem a converter-se em arma de tão formidaveis gumes! causa pasmo que o mundo christão, atravez de tão longo tempo, privado do seu livre arbitrio, coagido até nas mais intimas manifestações da sua consciencia, se demorasse tanto a erguer-se, como um só homem, insurgindo-se contra o hediondo grito: — Crê... ou morres!

É que esse grito, levantado em nome de Deus, diante de quem se prostra todo o homem de fé viva, quando desconhece a hypocrisia, a ruindade e as intenções d'aquelles que o invocam — soava estrepitosamente na bocca de todos os grandes, como eram papas, nobres e reis, a cujo senhorio absoluto não era facil resistir.

A curia romana sabia, como ninguem, pela sagacidade dos seus emissarios, pela influencia dos geraes de todas as suas ordens — insinuar-se no espirito dos poderosos, e conquistar adeptos.

Todos os titulares tinham um representante ou aparentado seu, entre o clero... filho, irmão, sobrinho, protegido ou simples tutellado, que levavam a Roma toda a sorte de ajuda e favor, dinheiro, protecção e influencia: guerreiros e principes, não raras vezes, abandonaram o campo da batálha, o convivio das côrtes, para tomarem um lugar, maíor ou menor, conforme o nome, credito ou riqueza que possuiam, entre a communidade de uma corporação religiosa.

Os restos d'esta ingerencia, util em demasia ás vistas da politica clerical — ainda hoje preduram nos paizes onde a conquista libertadora dos direitos do homem mais tem custado a implantar-se.

Na Italia ainda hoje é mais facil encontrar uma população inteira, que não saiba ler, do que uma casa nobre, que não possa contar um parente entre os membros do clero; e seja dito de passagem, este é um dos principaes motivos, que tem demorado a realisação completa de todos os pontos, que formam e estabelecem o verdadeiro codigo liberal.

XLII

A capa brilhante da religião é vasta de sobra, para acobertar todos os tramas e todas as ambições do poder theocratico, que ha tempos se vê constrangido a refugiar-se, para tramar sempre, para ambicionar sempre, dentro das simples muralhas do exercicio espiritual, que é fraco demais para conter os impetos de uma politica, que tenta fazer reviver os tempos passados.

A guerra aberta do auctor do Sylabus e a paz insidiosa e meliflua do padre Pecci — teem ambas o mesmo alvo, e são ambas para temer.

Devemos porem precaver-nos antes contra a ultima, porque a paz maliciosa é mais terrivel, nas suas consequencias, do que a guerra franca e declarada.

O ultramontanismo, enfraquecida a sua carreira, que o levava ao predominio, nas vastas regiões do ensino publico, na impossibilidade de implantar novamente as ordens extinctas — toma todas as formas, veste-se de todas as côres, e lá vae procurando insinuar-se no animo dos povos, por meio do ensino particular, destinado a adultos e creanças.

As suas instituições, para melhor escaparem á investigação dos animos prevenidos, são variadas na fórma.

As que se destinam aos homens tomam, por exemplo; os nomes — de S. Vicente de Paulo, de S. Thomaz de Aquino e de outros santos e santas, creados na côrte da terra; as que visam a parte mais fraca, a mulher, teem titulos menos asperos e mais doces — o Sagrado Coração, as Filhas de Maria, as de Santa Dorothea, as Irmãs de N. Senhora e outras coisas melifluas de egual theor; aquellas, que pretendem a creança: que é o adepto e o melhor operario do futuro — são os collegios de educação, estabelecidos n'um convento extincto, de ordinario doado pelo governo, para fim diverso, e dirigidos pelas irmãs ou irmãos d'esta ou d'aquella ordem, isto é, por membros do grande corpo militante, que fórma a guarda avançada da politica de Roma.

A educação que semelhantes mestras transmittem ás nossas mulheres, quanto ás artes, letras ou officios, é a mesma que acabámos de attribuir aos collegios seculares; resume-se em ninharias... ou superfluidades.

Pelo que respeita ao lado moral, demonstrou-o, ha dias, Pinheiro Chagas, n'um escripto, que nos dava a noticia de que duas meninas portuguezas, a exemplo de outras, haviam saído do collegio para França, a tomar o habito de religiosas.

XLIII

As ideias do distincto escriptor são de ha muito as nossas, e resumem-se n'isto:

Uma mulher, que, na flor da edade, com os instinctos do seu sexo, a desenvolverem-se, bella, gentil, cercada dos explendores do mundo, livre dos erros, que degradam, das penas, que amarguram — renuncía a liberdade de acção e pensamento, é porque obedece a um poder estranho, é porque as suas ideias se desviaram do verdadeiro curso; deixou de ser mulher, para converter-se em instrumento, á mercê das ideias de outrem, ao serviço de uma vontade, que não é a sua.

O soldado, que se alistou, voluntariamente ou á força, nas fileiras da milicia civil, tem sempre diante dos olhos, como consolação nas horas de amargura — a doce esperança de que, depois de um determinado praso, poderá receber a sua baixa, e voltar a gosar a ventura do lar domestico e os proventos de uma occupação qualquer.

A chamada milicia do ceu porem necessita, para servir bem aos seus interesses terrenos, e gosar melhor os fructós, que elles lhe fornecem — de ministrar aos seus soldados uma segunda natureza, quebrando-lhe de uma vez para sempre os grilhões, que o berço, a sociedade e a familia lhes possam lançar aos pulsos.

O celibato é o seu melhor estado; a tenacidade a sua melhor força; a religião a sua arma principal.

A alma, que se deixa imbuir das promettidas rega-

lias, que dimanam d'estes tres elementos, cercadas de todas as invenções de alem-tumulo — começa uma vida de abnegação, capaz de todos os sacrificios; deixa de ser uma realidade, que subsiste por si, para se constituir um instrumento maleavel, nas mãos da ambição e do fanatismo.

Ha quem duvide d'isto?

Pois bem. O que vem a ser uma mulher, centenares de mulheres, que, no vigor da edade, despedaçaram cruelmente os laços, que as prendiam ao mundo, á sociedade, para se amortalharem em vida, deturpando os encantos da sua belleza, calcando no peito os seus impetos instinctivos, renegando as tradições da sua infancia, esquecendo os beijos amantissimos de uma mãe carinhosa, os conselhos e as bençãos de um pae lacrimoso, as affeições de irmãos, de parentes e amigos — o que são ellas senão uma aberração de todos os sentimentos justos, de todas as leis naturaes da existencia?

Uma mulher, que abandonou seus paes, sem morrer de dor, ou simplesmente sem sentir vacillar o coração, que não amou seus irmãos, que não soube ser boa filha, que não sentiu no regaço os ternos vagidos de um ente, saído das suas entranhas; que nunca foi esposa, que só ama as visualidades da sua contemplação ascetica, que não tem familia, nem patria, nem parentes, nem amigos; que nada conhece do progresso das sciencias, que não tem liberdade de pensar; a quem é indifferente tudo quanto existe no mundo, fora dos limites, traçados pela mão do seu director e senhor — uma mulher d'estas, a quem a benefica luz do dia só é concedida

atravez das grades de um convento, para quem a propria luz do sol é descorada e tardia, que vive amortalhada entre as quatro paredes do claustro, por onde escorre o gelo, que lhe cerca o coração — esta mulher pode lá ser a boa mestra de nossos filhos?

O convento, que ella transformar em collegio, deve ser um bom asylo para o noviciado de mulheres á sua semelhança, mas nunca o viveiro abençoado de corações, fortalecidos para as lutas sociaes, a colmêa abundante de boas mães para a familia.

XLIV

Mas... as nossas meninas gostam muito de lá estar... as freiras teem para ellas um encanto indescriptivel.

Podera não.

A arte de agradar ás creanças é um dos artigos principaes de seu programma.

Os jardins do claustro, as orações da manhã, perfumadas pelo cheiro almiscarado do thuribulo, aquellas anecdotas moraes, tendentes ao abandono dos bens terrenos; as bençãos do pae do ceu, que as innocentes figuram, na sua imaginação, ver transluzir dos labios fanaticos da freira; as resas soluçadas, os canticos á Virgem, os hymnos do côro, envoltos em brancas nuvens de incenso: o melodiar pausado e doce do orgão, as recompensas futuras, os olhos luminosos do anjo da guarda, que véla o somno dos justos e é o protector dos pequeninos: o pouquissimo estudo scientifico, os re-

creios continuados e os modos indolentes e seraphicos das religiosas — tudo, no tenro espirito da creança, produz uma impressão de um vigor extraordinario, tudo isto lhe abre as portas de um paraizo fantastico, com que a casa paterna nem de longe se parece.

E o verdadeiro fim d'este noviciado é de um poderoso alcance.

Se o collegio não fizer de cada alumna uma freira, tem ao menos a segurança de haver creado um adepto, um amigo dedicado, que de futuro lhe ha-de entregar os seus filhos, ou combater pela causa, em que a milicia de Roma se empenha.

Quem não é por nós, é contra nós — lá dizem os soldados ultramontanos, com os olhos no futuro.

Tão poeticas e venerandas nos parecem as cãs do verdadeiro sacerdote de uma religião, toda paz e mansidão: aquelle vulto suave e benefico, descripto por Lamartine, nos seus *Deveres Civis do Cura*, o transmissor paciente das doctrinas dos primeiros crentes, o mestre das creanças pobres, o consolador e director da familia, o guia e conselheiro dos seus parochianos, o pastor convicto do seu rebanho — quanto nos repugnam as lembranças dos incensadores das fogueiras inquisitoriaes, dos *heroes*, que fabricaram e benzeram os punhaes, para o morticinio dos hugguenotes, dos falsarios dos preceitos evangelicos. como os tivemos no passado; e bem assim os padres de trabuco n'uma mão e lista eleitoral na outra, advogados da influencia temporal e dominadora, da clausura e do fanatismo religioso, como os temos ainda hoje!

Os excessos são, quanto a nós, os causadores dos maiores males, que teem vindo ao mundo.

Sendo portanto a clausura um excesso, contrario ás leis da natureza, excesso que se afasta excessivamente dos costumes civis — de modo nenhum pode fornecêr boas lições a quem tem de viver na sociedade e para a sociedade.

EXAMES E PREMIOS

(Ainda os collegios)

SUMMARIO.—XLV. Não ha bons collegios. Os exames officiaes. Reflexões e exemplos —XLVI. Exames particulares. Parodia e ensaios. Resultado.—XLVII. Approvação geral. Representação da comedia. Distribuição de premios. O effeito e os juizos do mundo. —XLVIII. Credulidade publica. Uma pequena comediante. As parodias do fim do anno. —XLIX. As familias e os premios. Um facto. Exames e recompensas —L. Substituição dos exames. Quaès os que devem subsistir. Ao terminar do anno.—LI. Resultado de que fica dito. Insufficiencia do ensino. Haja capitaes e grandes empresas. Os Estados Unidos e a educação da mulher.—LII. Os seus collegios. Nada temos de semilhante, official ou particularmente. Os asylos. Consequencias.

XLV

Do que fica dito inferimos que, secular ou religiosamente, carecemos. em absolúto, de bons collegios particulares.

Resta-nos ainda fallar de uma cerimonia burlesca, que as nossas casas de educação, sem distincção de côr, adoptam, não como meio de estimulo entre os seus discipulos, mas como apparato, que chama ao effeito, e arma á credulidade das familias.

Referimos-nos aos celebrados exames e á não menos celebre distribuição de premios, que costuma ter lugar, no fim do anno.

As corporações officiaes, encarregadas do ensino publico, entenderam, e entenderam bem, que ao exame solemne e ao diploma, que habilita o alumno, para as differentes graduações do estudo primario e secundario

— era necessario acrescentar um novo meio de estimulo, uma como recompensa ao trabalho serio e consciencioso, e crearam as distincções escriptas, as menções honrosas, as medalhas e coisas emblematicas, desde a mais simples fita de seda até ao melhor objecto de arte, segundo o caso e as provas exhibidas — tudo destinado a recompensar o merito, reconhecido pelo juizo de um determinado jury, composto de lentes, muitas vezes estranhos á corporação, e por conseguinte imparciaes e dignos do maior credito.

O exame publico e solemne, feito assim, e attestado por documentos officiaes, torna-se uma garantia, mais ou menos elevada, para que um mancebo qualquer possa ter accesso aos differentes lyceus, academias ou universidades, e receber ahi os ultimos toques da sciencia ou arte, a que se dedica.

Abstraindo de fallar no modo, pouco proveitoso, que se costuma applicar ao exame das escolas primarias, onde, não raras vezes, imperam simplesmente a camaradagem e a parcialidade de um professor, que, ao examinar, n'um dia, os alumnos de um collega, a cujo arbitrio, no outro, terá de sujeitar os seus proprios discipulos, deve pensar que possue telhados de vidro, e que lhe cumpre ser benevolente na pedrada que atirar aos do visinho — podemos affirmar que, mesmo nas altas regiões do ensino superior, o veredictum do jury litterario nem sempre é a expressão da verdade e da justiça.

A audacia e o sangue frio, que, para o exame, como para tudo o mais, que ha na vida, são elementos de

primeira necessidade—não pertencem ao dominio absoluto de todos os examinandos.

Quantas vezes, o alumno predilecto dos seus mestres, o operario infatigavel das escolas, o que, durante o curso respectivo e pelo andar do anno inteiro, não incorreu na mais pequena censura; alumno, que lidou, que progrediu, que estudou como ninguem; quantas vezes, não dá elle mau testemunho de si, em presença de uma solemnidade, que tem de julgar da sua aptidão, porque, descostumado de fallar diante de estranhos, titubiou, e perdeu o sangue frio, ou pelo seu acanhamento, ou pela sua fraqueza de animo?

E quantas vezes, ao contrario, o mau alumno, o discipulo de uma frequencia deploravel, não exhibe uma brilhante prova, porque teve a felicidade de responder a um ponto recentemente estudado, com todo o desplante, e com aquella segurança e serenidade de espirito, que nos dá a certeza do nosso merecimento?

Como exemplo, lembra-nos uma occorrencia do nosso tempo de estudante.

Apresentaram-se ao exame de logica dois condiscipulos nossos.

Um, que era, em linguagem academica um cabula de nomeada, madraço por excellencia, mas tão intelligente como atrevido, não chegara, em todo o anno, a estudar mais do que metade do respectivo compendio. O outro, rapaz timorato, não menos intelligente, e assaz estudioso, tão estudioso, que sobresaía a quasi todos os seus collegas—sabia tanto da materia, que a leccionava particularmente.

Pois bem, o primeiro foi approvado *nemine discrepante,* e com louvor especial; o segundo, por muito favor, obteve um *simpliciter*, e por pouco não recebeu a mais injusta das reprovações.

O caso fora que o cabula tirara o ponto na metade estudada do compendio, e n'um, que, na vespera, ambos os examinados haviam discutido, e respondera, com aquelle ar de superioridade e com todo o sangue frio, de que era dotado, de maneira a produzir assombro nos lentes, que se deram por satisfeitos, em breve tempo; e o outro, o bom estudante e absoluto senhor da materia, accommettido repentinamente, na occasião do exame, por uma necessidade physica, contrariado e fraco de animo — embaraçou-se de tal modo, ao formular uma resposta, que nunca mais foi senhor de si, e por pouco não chegou a desanimar inteiramente.

Seja como fôr, o exame official é imprescindivel, como meio de habilitação, para que o alumno possa percorrer as diversas escalas da sua aprendisagem, e alcançar o termo d'ella.

XLVI

Não sabemos se os commissarios da instrucção publica chegaram a fazer insinuações sobre os exames dos collegios particulares, ao mesmo tempo que estes, ao formular uma caricatura dos exames officiaes, sob o aspecto de uma coisa seria, tinham apenas em vista armar á concorrencia dos alumnos, por meio das gazetas e cartazes, e ás sympathias dos paes de familia, pelos laços sotopostos à sua credulidade.

Vejamos como a parodia é posta em scena.

Dois ou tres mezes antes de terminar o periodo, que fecha o anno escolar, procede-se á distribuição dos papeis, por um certo numero de meninas de edades differentes, numero a que não é estranha a posição social e dinheirosa dos respectivos parentes.

Um grupo é encarregado de formular uma viagem geographica, atravez dos mappas, em forma interrogativa; outro de decorar umas paginas da historia patria ou geral; estas estudam poesias, em linguas estrangeiras; aquellas encarregam-se de discutir tal e tal ponto da historia natural; umas garganteam uma aria ou um romance; outras exercitam-se, ao piano, n'uma peça, que ha de ser desempenhada, a duas, quatro ou seis mãos, conforme parecer melhor, e todas finalmente passam por muitos ensaios, algumas vezes por semana, até ficarem senhoras dos papeis.

Chegado o dia dos exames, o collegio convida os seus amigos particulares, profissionaes ou curiosos, que passam as alumnas em revista. no meio de uma pantomima, que nada significa, a não ser uma simples parodia, e todos se dão por satisfeitos, porque o resultado não descontenta ninguem, segundo certificam os communicados e as locaes das gazetas, que dias depois commentam o caso.

Para prova, ahi vae um trecho, que lemos nos jornaes, ha um ou dois annos, e que extrahimos do resumo dos exames, a que procedeu um dos nossos collegios de meninas:

«No dia 23 do corrente (dezembro) procedeu-se no

«collegio de... aos exames das respectivas alumnas.
«Presidiu ao acto o ill.mo sr. dr... sendo examina-«dores os srs:..
«O resultado dos exames, segundo o parecer dos exa-«minadores, foi o mais satisfatorio, *que era possivel de-«sejar-se. Todas* as alumnas foram approvadas, sendo «*muitas* com distincção.»

XLVII

Muito bem.

Depois do brilhante acontecimento, que deu em resultado uma approvação geral e as diversas promoções d'esta para aquella classe, segue-se a representação da farça ensaiada, a magna cerimonia, que tem de pôr o fecho dourado aos explendidos triumphos, obtidos no anno lectivo.

Proclama-se a solemne distribuição de premios.

O ensaio geral, a encommenda dos foguetes e da musica, os ramos de flores, a impressão dos convites, a ornamentação do collegio — trazem tudo e todos n'uma actividade espantosa.

Na noite determinada illuminam-se as janellas; depois do que começam a affluir os convidados, a pé, de carruagem, amigos, conhecidos e desconhecidos, que se acotovelam, para cumprimentar a directora, tomar alguns refrescos, e gabar a excellente disposição dos moveis e a boa ordem em geral.

A instrucção publica está devidamente representada,

pois isso é de rigor, e responde ao discurso de abertura, lido pela directora do collegio; o que não priva que haja mais discursos laudatorios e de mutuos cumprimentos.

Uma commoção electrica percorre todos os grupos. As medalhas, os ramalhetes de flores, os livros de capa dourada — chovem sobre as alumnas, sem excepção, cujas familias trasbordam de jubilo.

A cada poesia recitada em inglez, em italiano, em francez, apparecem maiores e mais calorosos applausos; os trechos de piano e canto e todas as materias ensaiadas — produzem pasmo geral e não interrompidas exclamações.

— Que adiantamento! que perfeição! que mimo! que bom collegio!

Terminada a comedia, segue-se ordinariamente um leilão dos objectos expostos, cujo producto reverte a favor do estabelecimento.

Um pae, ou mãe, que, depois de pagar a materia prima, tem imprescindivel direito a um objecto, devido aos estudos e trabalhos de sua filha — vê-se obrigado a disputal-o aos varios lances, pelo triplo ou quadruplo do seu valor, se desejar possuil-o, e não quizer ser tido em conta de mesquinho, ou indifferente ao progresso artistico da menina.

No fim de tudo isto, continúa a voz geral a annunciar que o collegio é uma grande coisa, como inimitavel se torna o progresso das suas alumnas.

E... infelizmente assim são, as mais das vezes, os juizos do mundo, a quem as apparencias brilhantes illudem, e cegam!

XLVIII

Parece incrivel que haja alguem, dotado de tão boa fé, que conhecendo um poucochinho dos estudos serios, das aptidões provadas, dos meios de armar ao effeito e á credulidade publica — chegue a illudir-se, ao ponto de acreditar nos bons effeitos de tão ôcas cerimonias!

Em fins do anno passado, achámos-nos, de repente, entre um grupo de creanças, que ouviam, maravilhadas, a recitação de uma das mais longas fabulas de La Fontaine, feita por uma menina, que alli se achava de visita.

Confessâmos que a pronuncia era boa e a cadencia toleravel, ao que ligámos todo o interesse e a maior attenção.

Momentos depois, lançámos mão de uma simples selecta, abrimos uma pagina, ao acaso, e pedimos á nossa pequena comediante que lêsse um periodo.

Ella baixou os olhos para a pagina, ergueu-os em seguida até o nosso rosto, tornou a baixal-os, e não pronunciou uma palavra.

Suppondo acanhamento, fizemos-lhe festa, acariciámol-a, e instámos pela leitura.

— Eu ainda não leio, nem traduzo bem; *ando* ainda na *artinha* — disse ella então.

— Não pode ser — retorquimos nós — Quem recita La Fontaine d'aquella maneira...

— É que *nós* estamos estudando agora para a distribuição de premios. São as mestras que nos ensinam isto — concluiu ella.

Dias depois, caía-nos sob a mão um livro dourado, conferido por uma escola a um menino de oito annos, com a seguinte dedicatoria: — Ao alumno... como prova do seu adiantamento em leitura.

O menino porém, dotado de pronunciada rudez, mas filho de *boa* gente, frequentava os estudos, desde os seis annos, e não lia quatro palavras, sem que escorregasse em oito syllabadas.

Quando estes factos não bastassem, podiamos addu- zir outros exemplos, que dão a justa medida do que são e do que valem as parodias do fim do anno, nos colle- gios particulares.

XLIX

Não nos julguem porém contrario aos exames, e á respectiva distribuição de premios, não.

O exame e o premio devem porém ser meio unico de estimulo para a creança, e não um engôdo para as fami- lias, que nada teem que ver com essas formalidades, per- tencentes todas ao regimen interno da casa educadora.

Infelizmente, como fica demonstrado, o numero das medalhas é mais destinado a condecorar a vaidade dos paes do que o merito dos filhos, que são frequente- mente os menos interessados n'isso.

De um pae sabemos nós, que, na vespera de sua filha fazer exame, mandou ao collegio uma bandeja de doce, tentando com isso inclinar a benevolencia da directora, para o augmento dos premios, que esta lhe podesse conferir.

Admittido, por excepção e por favor especial, á solemnidade particular da distribuição competente, ao presenciar que sua filha recebera um livro de menos do que outra menina, cujo merecimento era duplamente superior, despediu-se bruscamente, e, alguns dias depois participou á directora que retirava, como retirou, a sua filha do collegio, por motivos *estranhos á sua vontade*, mas bem claros, como os expressou a mais de uma pessoa.

No entanto, até áquella data, fôra sempre incansavel nos elogios, dirigidos ao estabelecimento, onde a sua menina — no dizer d'elle — se tinha adiantado extraordinariamente, depois de ter percorrido outros collegios e escolas, sem nada aprender!

O exame particular e o premio, negados ou concedidos, só emportam directamente á creança, a quem um bom pae, a proposito d'isso, deve dar conselhos e fazer admoestações, conferindo nas suas palavras novos premios ou castigos, que tendam a despertar-lhe o estimulo, e não a ser um incentivo de amor proprio.

O contrario d'isto é a plena sancção das scenas burlescas, que acabâmos de demonstrar, e a absolvição cabal d'esses defeitos e superfluidades, que devemos todos condemnar.

L

Os mappas mensaes, os trabalhos de escripta, de agulha, de bordados, de artes ou letras — devem ser remettidos continuadamente aos paes ou protectores das alumnas, a quem ficarão pertencendo.

É necessario que estas provas consecutivas, durante o anno, substituam os exames solemnes, essa formula apparatosa, que tem, alem dos inconvenientes apontados, o de acanhar, as mais das vezes, o espirito da creança, que foi, e continúa a ser uma excellente alumna, de fazer-lhe representar um triste papel, e gerar rivalidades, que estão longe de ser um estimulo, entre condiscipulos, e são um descontentamento, entre as familias, que enchergam frequentemente, n'uma justa reprovação, um acto de injustiça, e obrigam por isso os collegios, que precisam da maxima frequencia, a conferirem diplomas irrisorios e approvações geraes.

O exame, já o dissemos n'outra parte, é uma simples inspecção, que vae direita sómente á professora régia, na sua graduação de empregado da nação, e fora d'isso só é conveniente e preciso, quando publico, exame de habilitação para o magisterio e para obter um diploma ou lugar de um lyceu e o grau de uma universidade, ou qualquer outra corporação official.

Haja exames, mas só os precisos exames de influencia, feitos pelos mestres do respectivo curso, unicos competentes a julgar das habilitações das collegiaes; haja exames, premios e diplomas particulares, revestidos de toda a gravidade, mas sómente destinados a promover o estimulo entre as alumnas, que, ao receberem a recompensa do seu trabalho, devem escutar, com o animo cheio de jubilo, não o borborinho de uma festa ruidosa, que lhe atordoa os sentidos, e nada significa para a sua verde intelligencia, mas a palavra grave e instructiva dos seus mestres, que, na censura ou louvor,

que lhes derem, pelo anno que terminar, lhes despertarão a coragem e os brios, para as lides do anno por vir.

LI

Pelo que fica dito, julgâmos ter provado, ainda que fracamente, que as prendas e instrucção, adquiridas nos collegios actuaes, são imperfeitas, e não estão de harmonia com os diversos misteres e posições differentes, que as collegiaes teem a exercer no mundo real, quando senhoras; e que, aos olhos de todos os economistas, philosophos e moralistas, essas prendas são julgadas improficuas, se não ridiculas, porque só, e mal, se estendem ao lado elegante, ao cultivo das salas, e de modo nenhum se applicam ás necessidades do lar domestico e ás funcções da mulher, como filha, irmã, esposa e mãe.

Urge pois que os capitaes, que só se applicam ás emprezas commmerciaes, industriaes e agricolas, comecem a convergir para outro genero da explorações, as que, na accepção moral e felicidade dos povos, devem occupar o primeiro lugar, as que estabelecem, e firmam sobre solidas bases o elemento da familia, que fornece os braços para todas as industrias e as intelligencias para todas as emprezas.

Nós não pertencemos ao numero d'aquelles, que levam, n'uma gritaria constante, a fazer a apologiá do que é estranho, e a depreciar o que é seu; n'este ponto porém temos de chamar, em auxilio das nossas ideias,

o exemplo, que nos offerecem alguns estabelecimentos dos Estados Unidos, esse paiz, cujas arterias parecem transbordar de um sangue, por excellencia, abundante de seiva, para a creação dos maiores commettimentos da nossa edade, apesar de julgarmos, ao contrario de muita gente, que a fama do seu progresso anda eivada de uma farta exageração e de umas côres demasiadamente carregadas, e que ha alli muita coisa, em leis e costumes, contraria à nossa indole e modo de pensar.

O que é verdade porém é que a ideia, que alli parece presidir á educação da mulher, é que esta, pobre ou rica, deve ser o auxilio do homem, e conformar-se, em tudo e por tudo, com a posição, emprego ou profissão da sua familia, seja qual for o grau do seu aperfeiçoamento instructivo; ao contrario do que bastas vezes se pratica entre nós, quando os filhos, revestidos de uma educação superior, se envergonham das occupações humildes, rudez ou pobreza de seus paes.

LII

Ha collegios de educação, nos Estados Unidos, aos quaes se pode dar o nome de largas e fecundas emprezas commerciaes, tal é o numero dos seus accionistas e a somma dos seus capitaes, cujo rendimento material está na altura dos beneficios, prestados á moral, ás artes, ás sciencias ou officios.

N'estes estabelecimentos ha lugares para todas as alumnas, ensino para todas as aptidões, conforme o

maior ou menor grau, a que a fortuna ou posição social de uma familia pode elevar os seus filhos.

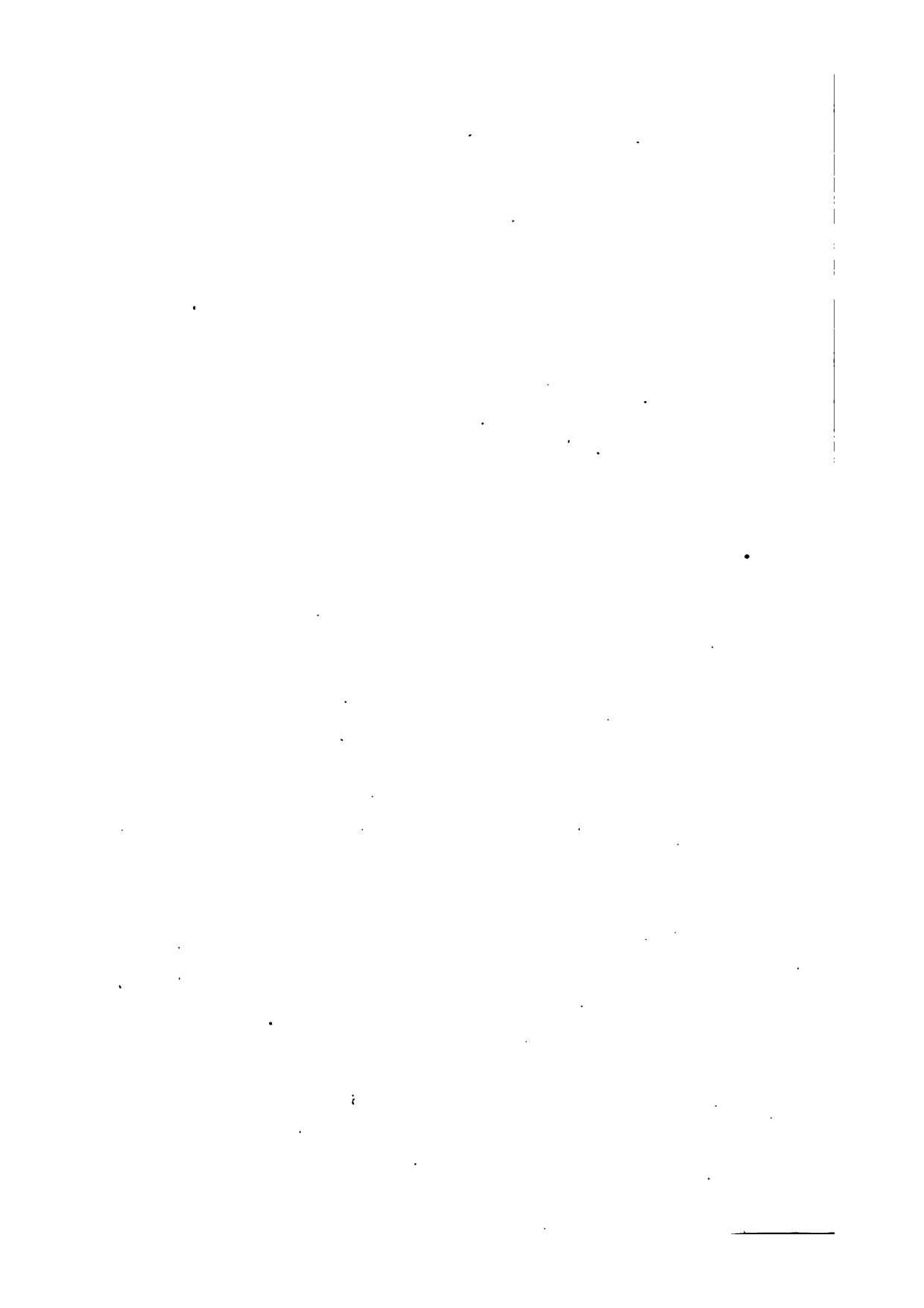
Alem dos estudos primarios, das linguas estrangeiras, chorographia, historia, geographia, musica, piano, canto, flores, desenho, pintura, estatuaria, cosmographia, estatistica, bordados e tapessaria — encontram-se, como elemento essencial e imprescindivel, em qualquer mulher, os cursos de costuras e modas, penteados, roupas de homem e creanças, cosinha, pastelaria e outros accessorios de emprego diario e uso domestico.

Os pavimentos terreos e os salões dos seus andares inferiores são espaçosos bazares, abertos constantemente ao publico, que ali se fornece diariamente de toda a sorte de objectos, devidos ao trabalho e estudos das alumnas, por preços fixos e modicos, cuja importancia, em parte, ou no todo, reverte a favor da economia do estabelecimento e das collegiaes desvalidas, que, ao sairem d'alli, trazem comsigo um meio de vida, officio, arte ou profissão, como garantia para a sua manutenção e futura collocação na sociedade.

Alem de tudo, é de crer que esses estabelecimentos, mediante contracto especial, tenham pessoas de confiança, encarregadas de acompanhar as alumnas, que quizerem e poderem frequentar os lyceus e os cursos superiores de letras.

E temos nós alguma coisa, que se pareça com isso?

Officialmente, creámos os asylos, que, por muito favor, nos fornecem más criadas, e ás vezes nem tanto; particularmente, temos os collegios, cuja dependencia, doctrina, e estreitos limites não nos podem desviar de

uma acanhada rotina, e são incentivo constante para a propagação de vicios e defeitos, que enervam, e tolhem os passos das nossas mulheres, no caminho da sua educação, moralidade e costumes, d'onde dimanam a nossa felicidade domestica e o progredir dos nossos emprehendimentos.

A MULHER NA SOCIEDADE

SUMMARIO. — LIII A falta de meios. O que fizeram da mulher. Idolo pagão. — LIV. A mulher de hoje. O que entendemos. Raparigas francezas e americanas. A mulher egual ao homem. Resultados. — LV. A emancipação da mulher. A sua influencia. Instrucção e trabalho. — LVI. O homem do campo. O seu casamento. O codigo da gente rustica. — LVII. Os nossos costumes e o homem pobre. Quanto custa a mudança de estado. Mulher-fardo. Casamento rico. — LVIII. O nosso tempo. A influencia e a missão da mulher. — LIX. Filha. — LX. Irmã. — LXI. Esposa. — LXII. Mãe. — LXIII. Avó.

LIII

A falta de meios, destinados a tornarem a mulher digna companheira do homem, se não competidora e rival, em tudo aquillo, a que a organisação especial do seu sexo se proporciona — deriva-se, em parte, das lutas titanicas, que as sociedades modernas teem precisado sustentar, contra todas as tyranias, conculcadoras dos seus direitos, e, em parte, das tradições inoculadas, ha seculos, nos costumes e nas leis dos povos, ainda os mais adiantados, e de uma especie de egoismo, que lhe marcava um lugar secundario, na vida civil, por julgal-a incapaz de possuir ideias, coragem, sentimentos e aptidões, pautadas pela razão e pela sciencia.

Para que a mulher, que não precisava saber muito, como ainda hoje diz muita gente, se não podesse queixar da exclusão, que soffria; para que ella não désse

facilmente pelo posto de inferioridade, concedido á sua intelligencia — os trovadores, com a voz em grita, proclamaram-na um ente á parte, e dirigiram-lhe os mais doces cantares; os romancistas apellidaram-na, ao mesmo tempo, anjo e demonio, e d'ella fizeram depender a sorte dos personagens, que a fantasia e a realidade lhes forneciam; os poetas collocaram-lhe, nos olhos, a scintillação de todos os astros, nos labios, todas as côres do arco-iris, na bocca, os aljofares mais preciosos, nas mãos, perolas e rosas, no peito, ninhos de amor; os potentados, de accordo com os mercadores das sêdas do Oriente, e com os perfumistas do harem, enfeitaram-na, estabeleceram-lhe coxins preciosos, cobriram-lhe o colo de diamantes, e propinaram-lhe a embriaguez dos sentidos; os salões marcaram-lhe thronos de formosura; os plebeus e os magnates, os grandes e os pequenos, renderam-se, ou fingiram render-se aos seus sorrisos.

Tudo e todos concorreram para que ella se effeminasse muito mais do que a sua natureza o permittia, e se constituisse um objecto tão maleavel como brilhante, uma coisa, a modo de idolo pagão, a quem os crentes adoram, e os contrarios exploram ou desprezam.

LIV

A mulher de hoje começa a insurrecionar-se contra os que lhe attribuem braços e pernas, alma e sentimento, cabeça e coração, differentes dos do homem.

E com razão.

O predominio de uma falsa adoração ia-a tornando objecto tão caro e difficil de manter, em sociedade, como inutil e embaraçoso, no amanho e labutação materiaes da vida.

Julga-se ella capaz de lutar, e de subsistir por si mesma, sem a tutella, que rebaixa as suas faculdades?

Tem ainda razão.

Não nos contradizemos porem, se affirmarmos que não desejamos vêl-a no parlamento, a decretar leis, no fôro, a rabiscar protocolos, nos comicios, a jogar a paulada, e que nem mesmo gostâmos d'ella essencial e exclusivamente litterata.

Por esta razão, não podemos encarar a serio uma sonhada emancipação, toda cheia de direitos civis e politicos, aspirações e desejos aos primeiros cargos da republica, a que ultimamente se dedicou uma leva de raparigas, que, em França e nos Estados Unidos, tem dirigido queixas e reclamações á auctoridade, reunido conferencias, feito proclamações e amotinado muita gente.

A natureza estabeleceu leis immutaveis, entre os dois sexos, leis, que devem reflectir nos costumes e nas funcções a exercer.

Tão ridiculo seria que uma mulher caisse, desmaiada nos braços de um meirinho, interrompendo a sessão de um tribunal, a que presidisse, ao sentir violentamente todos os symptomas de um parto immediato — como que a pessoa, incumbida de prevenir a familia do caso, fosse encontrar o marido a acalentar os filhos, a coser-lhes as fraldas, ou a bordar ao bastidor.

Reformem-se, alarguem-se, e melhorem-se as regalias, que já hoje, em certos casos, concedem, por lei, á mulher a administração plena de sua pessoa e bens; dê-se-lhe o lugar, que ella pede, ao lado homem, mas de modo que, no sentido moral, na pureza de seus costumes, nos encantos do seu pudor, não possam ser violadas as attribuições, que lhe competem em familia, onde o poder da sua influencia deve subsistir, e perdurar.

A sciencia e as enfermidades, que o homem tira, na sua mocidade, do livre exercicio de uma vida aventurosa e errante, passada, a todas as horas do dia e da noite, nos bastidores dos theatros, nas salas de jogo, nos botequins, nas praticas obscenas, nas conquistas faceis, nos amores ligeiros, nos alcouces, nas praças e nas ruas — despiriam a mulher d'esses attributos, que são o adorno da sua maior belleza, e guardam em si as sementes purificadoras, destinadas a germinar no coração do homem, e a converterem-no por isso n'um ente, diverso do que fôra, quando os impetos dos primeiros annos o impelliram a desvarios, que ella não viu, nem partilhou.

Quando o mar revolto da vida não podesse conter em si as ondas do diluvio das paixões, vicios e impurezas, nivelada a mulher ao homem, ao transporem ambos, pelo braço um do outro, as portas do prostibulo — quem seria o levita, encarregado de construir, e guiar a arca santa do pudor, da castidade e do amor?

Crestados ambos pelo tufão pestilento de todas as aventuras romanescas, praticadas nos antros sombrios

do crime ou da devassidão: ou meramente desenganados pela saciedade de uns desejos illusorios — onde iriam elles achar á agua lustral, que lhes podesse purificar os corpos, e apagar as manchas da alma?

Ai da familia! ai da sociedade!

O medo e não o dever, o horror e não a virtude; o medo da punição, o horror da morte affrontosa — seriam então os unicos e frageis baluartes, contra a anarchia social, por mais severas que fossem as leis governativas.

LV

A emancipação da mulher pode, deve, e ha de fazer-se, com todo o explendor de um commettimento util, com todas as louçanias de uma seara abundante de flores e fructos, desde que ella poder dispor de um officio, cargo, sciencia, profissão, mister, uma occupação qualquer, que estabeleça á volta de si a autonomia, concedida a qualquer pessoa, pelas leis salutares de um trabalho honesto.

Na officina, ou ao balcão de commercio, quando só ou acompanhada de outras, que possam trabalhar com ella; dentro de sua casa, quando a decrepitude de seus paes, ou a minoridade de seus filhos requererem a sua companhia; no escriptorio de um membro da sua familia, advogado, commerciante, banqueiro ou industrial; nas escolas, nas academias, nos arsenaes, nos armazens, nos campos, nas cidades, no mar e em terra — que operaria, que auxiliar, que trabalhadora, que companheira do homem não pode ser a mulher?!

Quer levar a sua influencia até aos altos poderes do estado? agradam-lhe as lutas politicas? não acha justa uma lei do seu paiz, o lançamento de um tributo, o julgamento de uma causa? quer reformas? quer novas leis, novos empregados, novo governo?

Lance mão da sua palavra e da sua penna.

Não é ella a esposa do deputado, a filha do rei, a irmã do juiz, a prima do governador, a mulher do ministro, a parenta de uns, a protectora e companheira de outros?

De que lhe servem os seus estudos, se ella não pode discutir com as pessoas, que procuram a sua convivencia, e conservar, e planear sobre os interesses e a prosperidade communs aos seus compatriotas, n'uma visita, na intimidade das suas relações, a qualquer hora do dia e da noite, por meio da palavra; e clamar por justiça, trabalhar, combater, aconselhar, persuadir, com os bicos da sua penna?

Para que ella possa receitar a cura de um membro gangrenado, cuja enfermidade conhece — necessita de palpal-o, de roçar-se por elle?

Tem ella precisão de sair á rua, ao balcão da taberna, á praça publica, com o riso nos labios e o punhal na algibeira, a requerer votos e o triumpho de uma eleição? ou então a tomar assento nas altas funcções do estado?

Não tem a ajudal-a, a cobril-a de influencia, a tornal-a forte, requestada, inconquistavel, a mais poderosa das soberanias — o throno da familia, que fornece ao paiz o homem, que dicta a lei, que lança o imposto,

que estabelece os partidos, que faz a guerra, que governa e legisla?

Peça instrucção moral e litteraria, peça trabalho honesto e util, e ella deixará de ser o alvo ignobil de uma transacção mercantil, e obterá todos os previlegios, que deseja.

LVI

O homem do campo ainda hoje não teme ver crescer, á volta de si, tres, seis ou oito filhas, que são para a gente das cidades, a quem faltam largos meios, o motivo de rèceios e embaraços, no presente e no futuro, porque o homem rustico trabalha constantemente, e faz-se acompanhar de todos os seus subordinados, servos ou protegidos, filhos ou aggregados.

No engenho ou nos lagares, ua lavoura ou no têar, todos, homens e mulheres, teem occupação e emprego.

Ninguem alli suspira, por uma herança, ninguem trabalha para extorquir um dote, como indemnisação da ociosidade, como garantia do futuro.

O bailado, em dias de festa, o descanço, aos domingos, é um mero recreio, tendente a alliviar o espirito, e a refazer as forças de corpo; e não uma ostentação luxuosa, um requisito da moda, caro, superfluo ou inutil.

Quando um rápaz honesto e laborioso, a respirar saude e simplicidade, entra os portaes de uma familia, a pedir noiva, não faz perguntas, não requer escripturas, porque bem sabe a quanto monta a riqueza da mulher, que o seu coração preferiu, a riqueza de um braço

possante, de uma aptidão provada, e experimentada mil vezes, ao seu lado, quando as lides diarias os reuniram, e os fizeram trabalhar juntos.

Ao entrar em casa de seus paes, com uma mulher de mais ao seu lado, com as aspirações da sua alma satisfeitas — leva comsigo a certeza de que o salario da sua labutação ha de ser maior tambem, porque vae ter quem o ajude, uma companheira necessaria á sua vida, e um trabalhador de mais, zeloso e experimentado.

Se alguma coisa havia até alli, que lhe gerava no animo uma indecisão, uma duvida qualquer, o acto do seu casamento restituiu-lhe o socego, e decidiu da sua sorte.

As leis naturaes e de primeira intuição da gente rustica, não raro, envergonham a letra dos nossos codigos e o apuro dos nossos costumes, talvez porque, por natureza tambem, o ar dos campos é mais puro que o das cidades, e mais efficaz, em muitos casos, do que os requintes da nossa civilisação.

LVII

E que maior vergonha para os nossos sentimentos e costumes do que a manèira, por que, de ordinario, se concebem, e planeam os enlaces do matrimonio, e se estabelece a familia, por conseguinte?

O homem pobre, quanto maior é a sua cathegoria, menos se aventura a realisar um casamento, a que seja estranho o dinheiro.

As expressões amorosas, que os seus labios balbuciam, diante de uma mulher, por quem ás vezes o seu coração não sentiu o menor estremecimento — foram estudadas sobre a somma arithmetica das acções de banco, dos bilhetes do thesouro, dos predios, campos ou emprezas, de que ella, tarde ou cedo, terá de ser a herdeira.

É de ha muito opinião nossa que toda a mulher, nos bailes, nos theatros, nos passeios, nas reuniões, em conversação geral ou intima, e no que diz respeito á sua pessoa — raras vezes ouve fallar a verdade.

Pois bem. Em quanto solteira, á mulher dinheirosa, á rica herdeira, no presente ou n'uma epoca afastada — nunca se falla a verdade; mente-se sempre.

Os seus olhos, embora vesgos, teem um brilho seductor; a bocca, mesmo torta e descorada, imita a frescura das rosas; os pés e as mãos, embora descarnados e disformes, são um mimo de perfeição; o riso delambido, o andar desgracioso — teem um encanto, a que ninguem pode resistir.

Que importam os adornos de sua alma? que monta que ella seja uma inutilidade ou um aleijão em familia?

Como ha-de casar-se o homem pobre, se não for assim?

Elle quer lá escutar os impulsos do seu coração, ou os dictames do seu bom senso? Ha lá indecisão prolongada, entre um mau casamento rico e as graças, a frescura e a mocidade de uma mulher pobre?

A preferencia é indiscutivel, no seu pensar, porque

elle bem sabe quanto lhe vae custar uma similhante mudança de estado.

A mulher, durante a sua demora no collegio, só aprendeu futilidades; lê mal e escreve peior; faz e recebe cortezias; toca dois dedos de piano, desconhece o simples abcedario da economia, nunca teve deveres, nunca teve uma profissão, não sabe o custo do que veste, não sabe o preço do que come; não comprehende politica, artes, sciencias, officios, costumes: mas em compensação da sua crassa ignorancia, traja menos mal, e não sabe trabalhar, porque sempre ouviu dizer que o pae tem obrigação de manter a filha, o irmão a irmã, e o marido a mulher.

Ora o homem pobre, que conhece que, afóra os instinctos animaes, nada tem a requerer ou a esperar da mulher, a quem são precisos creados, joias, modistas, theatros, alimentação e commodidades, eguaes, ao menos, ao que ella teve, até á data do seu casamento — ou não ha-de casar, sem um dote avultado, para não perder o socego do seu espirito, ou o pautado regimen das suas economias — ou fazel-o, sem isso, e ver-se cercado de amarguras, para sustentar a ociosidade, a pessoa inhabil, o pesadissimo fardo da mulher, a que se uniu.

LVIII

É claro, nos tempos a que chegámos, com os recursos, de que dispomos, que a mulher deve ter uma profissão, ou um meio de vida, de parceria com o homem.

N'isto ha de consistir o seu melhor dote e a sua maior riqueza.

De todas as prendas, que formarem seus estudos, cumpre-lhe escolher uma, em que seja perita, e a que dedique os seus principaes cuidados e as regras da maior perfeição, segundo o adiantamento da materia, que for da sua escolha: seja modista, parteira, escrevente, florista, mestra de piano e canto, cabelleireira, professora de linguas, telegraphista, pharmaceutica, industrial, agricultora, cosinheira e doctora, se quizerem, mas... de modo que as suas habilitações lhe estabeleçam uma posição definida, lhe formem uma existencia propria, e a livrem de andar eternamente atrelada ao homem, quando ella quizer viver por si, e exclusivamente para si.

A necessidade, os confortos e os deveres do trabalho não podem, nem devem soffrer distincção, entre o homem e a mulher, a quem todas as leis divinas e humanas tendem a conferir eguaes direitos, obrigações e privilegios.

Sem procurar perder ou alterar a graça e o mimo da sua compleição, aproveite a mulher para seu uso constante, os instinctos varonis, de que fôr capaz. Acabem de uma vez para sempre as momices pueris, de que ella se serve, nas seus gostos e predilecções, as demasias de toucador, a que ella dá tamanha importancia, e o sentimentalismo piegas, que tanto a amesquinha, e torna ás vezes fastidiósa!

....

Que vasta e brilhante arena se abre, diante da mu-

lher! que largo campo lhe offerece o mundo, para os triumphos da sua influencia, para as formosas conquistas da sua educação, quando solida e proveitosa; dos seus sentimentos, quando ella obedecer ás leis do trabalho e ás praticas do dever!

Que missão, que explendida missão a sua!

LIX

Filha... é, desde a mais tenra infancia, o penhor do affecto, que maiores cuidados reclama; flor predilecta dos jardins da familia, que mais dedicação merece, que mais aromas desenvolve, que mais seducção produz.

O seu seio é espelho transparente, onde reflectem as alegrias de um pae, para quem o desenvolvimento das suas faculdades é assumpto diario, e a sua prosperidade futura motivo de prevenções e cautella; a sua alma é um thesouro abundante de lições e virtudes da mãe, a primeira mestra e guia absoluta dos seus passos, no mundo que lhe sorri, fazendo-se acompanhar do longo e explendoroso cortejo de illusões e crenças, com que elle costuma sorrir aos primeiros annos da nossa mocidade.

Que sons peregrinos tem a sua falla, quando ella estuda, quando recebe e dá ordens, quando conversa e discute, quando pede esclarecimentos sobre cousas, que ignora, e lições sobre o andamento da sua pequena labutação domestica, commercial, artistica ou litteraria!

Que suavidade e pureza, nas suas orações a Deus! que ternura no amor ao auctor dos seus dias!

Vendo-a debruçada, á cabeceira do leito de seu pae enfermo, a incutir esperanças, a sorrir de carinho, a verter lagrimas de consolo, a distribuir caricias e beijos; assustada, piedosa, inquieta, amante dos primeiros e mais santos amores; vendo-a a soluçar, e a occultar o rosto, ao abraçar a mãe, a pedir indulgencia para o delicto de um famulo, para os erros de um irmão, ou a tomar parte na dôr, que sobreveio, ás primeiras infelicidades da familia; a recommendar coragem, a offerecer-se, em corpo e alma, para minorar uma desgraça, ou poupar um sacrificio; vendo-a assim — quem dirá que ella não representa a mais correcta personificação de um anjo?

— Meu querido pae! minha santa mãe!...

Estas simples palavras são um grito de sua alma, que affirma a sua dedicação, e que diz com a maior eloquencia, que pode vir a adversidade, a pobreza, a velhice, os desgostos embora, porque ella está alli; possue uma educação esmerada... sabe trabalhar... será a esperança, o arrimo e a nova alegria da familia.

LX

Irmã... faz regorgitar de nobre orgulho o coração de seus irmãos, que se submettem aos seus pequeninos ralhos, que lhe pedem auxilio e conselhos, que a tornam sua confidente, a melhor amiga e socia da sua

existencia, no que elles praticam de mais puro e casto, de mais gracioso e util.

Ninguem, como ella, sabe occultar-lhes as primeiras faltas, obter concessões dos paes, ser medianeira nas desavenças, benevolente e justa na apreciação dos factos.

Palavras e acções não desdizem nunca da consocia fiel e da verdadeira amiga. O seu auxilio está sempre prompto; o pequeno erario das suas economias, não se fecha aos repetidos assaltos, que os irmãos lhe fazem, senão quando os fins não justificam os meios; o seu coração não lhes esconde nunca os recursos da sua ternura, não se fecha nunca á desculpa, ao perdão e ao amor.

LXI

Esposa... é ella a depositaria da parte mais fecunda, melindrosa e grande da felicidade do homem, é cofre perfumado, onde a natureza inteira derramou o germen productivo, o terreno abençoado, o alimento nutritivo de tudo quanto nasce, enflora e fortifica na familia; em cujo interesse não ha sacrificio, que ella não experimente, penas, de que se arreceie, cuidados, que não pratique, heroismo, de que não seja capaz.

As alegrias e os pezares da sua mocidade, os devaneios da sua imaginação, as aspirações da sua alma, a ternura consagrada a seus paes, o affecto dedicado a seus irmãos, sem uma exclusiva e completa abdicação, tão grande é o predominio do seu coração — tudo ella

deposita, no altar do seu amor ao homem, a quem offerece a vida inteira, no que esta possue de mais caro e grande, de mais affavel e raro.

Lagrimas consoladoras para todas as afflicções, auxilio em todas as emprezas, clemencia para todos os erros, sorrisos para todas as alegrias, connivencia em todos os actos de mutua necessidade — tudo tem a esperar d'ella o eleito das suas affeições.

Perguntae a tantos homens, que, de amargura em amargura, acossados pelas tempestades da má sorte, se agarraram á ultima tabua de salvação, e lutaram, e proseguiram no seu caminho, e não cairam, e não ficaram esmagados, sob o peso do seu infortunio—perguntae-lhes o segredo da sua coragem, indagae da força dos elementos, de que se serviram na lucta... e elles vos apontarão, com as lagrimas nos olhos, e a alma a transbordar de gratidão e affecto, para a resignação evangelica, ajuda, trabalho e dedicação de um ente, instruido nos sagrados preceitos da boa educação e da boa moral... de uma esposa adorada, que os seguiu, que os amparou, no maior ardor da refrega, que lhes enxugou o suor do rosto, um suor capaz de lhe queimar as faces: que lhes preparou o pão do seu alimento, que bebeu na mesma taça da amargura, que chorou com elles, que lhes velou o somno; que lhes pensou as chagas do corpo, humedecendo-as com os labios, e sarou as feridas da alma, com o halito sereno da sua resignação e coragem inexcediveis, prodigiosas!

LXII

Mãe... oh! como mãe, realisa ella, na terra todas as maravilhas do ceu, pois que ceu... resplandecente dos thesouros divinos, é o seio, d'onde lhe pendem os fructos do seu legitimo amor; pois que laços, tecidos pelas mãos dos anjos, são os braços amantissimos, com que ella os aperta contra esse seio, manancial inexgotavel de bençãos para Deus, que lh'os deu e ampara, e de carinhos e lições, para elles que são o complemento da grande obra da sua ventura.

Ha lá descuido, que ella não preveja, perigo que não a assuste, meio de que se não sirva, quando se trata de seus filhos?

O repouso do corpo, a tranquillidade da alma, a saude e a vida — tudo ella esquece, tudo cede, com tanto que lhe não maltratem, que lhe não roubem um só dos fructos das suas entranhas.

Vêl-a cahir de joelhos, a implorar o ceu, quando uma suspeita os ameaça, quando um perigo de vida, ou um simples prenuncio de desgraça se apresenta; vêl-a dilacerar os seios da alma, com os gritos da sua magua — é vêr os effeitos mais completos, mais explendidos e santos do grande poema do amor, cujas estrophes sublimes são o maior encanto da nossa existencia.

Quando os seus cabellos embranquecem, quando se avisinha o inverno da vida, ainda o sol da ventura não desmaiou para ella.

Deus e o mundo cobrem-na de bençãos e louvores,

ao lançarem louvores e bençãos sobre a cabeça de seus filhos, que são obra sua, a mais completa, que ha-de legar á posteridade, porque ella amou-os muito, castigando-os quando erraram, premiando-os quando mereceram, ensinando-os quando precisaram, segundo as leis da justiça, sem colera nem fraqueza, sem excessos nem descuido.

Não se esqueceu, um só instante, de que elles, um dia hão de pertencer a outrem, que não a si: ao seu paiz, á sociedade, ao mundo emfim, que lhe pediria estreitas contas do modo, como ella os ensinasse a serem bons filhos, cidadãos laboriosos e homens honrados.

Mãe e mestra, conselheira e amiga, transmitte, misturando-as com o proprio sangue das suas veias, aos que nasceram de si — virtudes, que são o orgulho da familia, em particular, e a garantia da prosperidade publica em geral.

LXIII

Avó... não abdicou completamente os direitos da sua benefica, extensa e indiscutivel influencia, porque os fructos das suas entranhas e as paginas douradas do livro da sua alma cresceram, e multiplicaram-se.

As suas faces enrugaram-se, os seus cabellos encaneceram; o inverno da sua existencia açouta-lhe o corpo debil, e convida-a ao somno eterno.

E que emporta isso? Ella não deve acabar... não pode morrer... não... porque é duas vezes mãe.

Os alentos do seu espirito, a seiva do seu corpo —

doou-os ella aos entes, que a cercam de carinho, de respeitos e de amor, o amor, que não se ha-de consumir o que não é da terra.

Perguntem-lhe se o neto, a creança descuidosa, que se abriga sob as azas candidas da sua virtude, mil vezes provada, mil vezes bemdita—não encontra no seu coração flores e aromas da primavera dos seus annos, sorrisos de esperança, raios de fé, que provam a sua passada existencia...

Vêl-a-heis menear a cabeça, cercada de uma aureola de luz, e sorrir... n'uma doce affirmativa... com aquelle riso cheio, substancial, inimitavel, que os crentes emprestam ás archangelicas visões da sua fantasia e aos vultos graciosos das regiões celestes!

....

Ó mulher... duas vezes mãe, como o teu vulto grandioso nos enleva, e seduz! sim, como a tua imagem nos sorri, levando-nos alma e coração para os mundos mais risonhos da nossa fantasia e da nossa saudade!

Vemos-te... avó... apalpamos-te... vivemos ainda comtigo... porque, desalentado e triste, sob o veu sombrio de uma pesada orphandade, encontrámos no teu regaço... amparo para a nossa cabeça dorida, pão para o nosso corpo, alimento para a nossa alma, a alma, que ainda hoje conserva os traços da tua mão benefica.

Ao lançar a ultima pedra sobre o tosco edificio, que representa este escripto—deixa-nos fazel-o, ao pensar em ti... deixa-nos sonhar... deixa-nos persuadir que ainda contemplâmos a serenidade do teu rosto de

santa, e que te ouvimos dizer, ao poisar-nos um beijo na fronte:

— Oh! sim... o meu filho, o querido filho... o neto da minha alma... desejou que as mulheres, no presente e no futuro, fossem o que eu fui... porque eu, no dizer do moralista, como amante, filha, irmã, esposa, mãe, e avó, fui... o exemplo vivo do que o coração humano encerra de mais doce... de mais puro... de mais extatico... de mais sagrado... de mais ineffavel!

CRITICA DRAMATICA

OS LAZARISTAS

CHRONICA DO CONSERVATORIO DRAMATICO PARAENSE

A censura, que me coube fazer á representação do drama **Os Lazaristas,** por parte de uma corporação official brazileira, vae appensa a este livro, porque o assumpto se liga inteiramente ao que fica dito a respeito da educação, fornecida ás nossas mulheres, pelos collegios religiosos.

D. C. Sanches de Frias

Á memoria de seu avô

O Senhor

BERNARDO CORRÊA DE FRIAS

COMO LEMBRANÇA DE MUITA GRATIDÃO

OFFERECE

O Auctor

OS LAZARISTAS

SUMMARIO.—I. Actores e actrizes. O drama moderno. Artes scenicas. Missão do theatro.—II. Pareceres e approvação do conservatorio.—III. O assumpto do drama.—IV. Os tres actos.—V. Commentarios. A mulher e a educação da creança. Deus e o trabalho. —VI. Ainda o drama. O bom e o mau padre. Theatro, democracia e religião.—VII. Escripto de alarma. A sua realidade.—VIII. Valor artistico e litterario.—IX. Exhibição scenica. Actor e homem. Suppressão.

I

. . . .

«Confesso-me peccador incontricto de todos os emprehendimentos dramaticos, no tocante á arte theatral, e nada ha para mim que possa egualar-lhe os effeitos, pelo que respeita ào proveito, que se pode tirar de qualquer espectaculo publico.

«Pois que! ir encontrar a donzella, que eu hoje vejo rescendente aos perfumes da virtude, a sonhar delicias no seio da familia, ir encontral-a amanhã, com a coroa de virgem confundida, secca, desfolhada, no tremedal do vicio, a receber o castigo da sua leviandade; chegar a ver a mulher, com quem hontem deparei no abatimento da miseria, com as faces contrahidas pelo soffrimento, mas honesta. mas resignada, em lucta aberta com a risonha seducção, chegar a vel-a subir, pelo vigor da sua ho-

nestidade, os degraus de uma elevada posição pecuniaria e social; quem hontem foi martyr, pauperrima, ser hoje feliz, abastada e anjo de caridade; hontem, rainha da moda, cercada de luxo e de grandeza, hoje, escondida nas sombras, andrajosa, pedinte; n'um dia risonha, a abrir o coração a todas as perfumadas illusões da mocidade: no outro dia, vergada sob o peso das eventualidades da sua negra existencia, envelhecida, lacrimosa; n'um anno donzella descuidosa; passado tempo, mãe estremecida, a velar o berço de um filho das suas entranhas — tudo isto, que apresentam até á evidencia os diversos quadros das velhas e das modernas edades, onde, ao vivo se desenham o premio para a boa acção, o correctivo para o erro, o crime, a virtude, o bem e o mal, com o seu corollario immediato e as suas respectivas consequencias — tudo isto não o realisa, não o faz sentir, experimentar, palpar, sobre umas taboas, que muitas vezes são o cavallete do supplicio de tantas existencias malbaratadas, sobre o palco emfim — tudo isto não o realisa aquelle vulto, que nos faz gosar, se o seu sorriso é venturoso, que nos commove até as lagrimas, se os seus olhos, pelo esforço da arte, fingem chorar — a ACTRIZ finalmente?

«A actriz de pé, sobre o tablado, quando a exhibição scenica não se acha tão mascavada, tão retumbante de sons, produzidos pelo pandeiro dos arlequins, como a vemos hoje, inspirada, carne e osso da entidade, que representa; a actriz envolvida pela luz do genio, de pé, radiante de alegria, ou curvada sobre o gravame da desdita, não espalha a jorros, por todas as mulheres, a

mais proficua, a melhor das sciencias, a sciencia pratica, que educa, que ensina a bem viver?

«Que melhor exemplo! que mais proveitosa lição!

«Encontrar um homem, simples grumete, a bordo de uma insignificante embarcação, e comprimental-o dentro de um certo prazo, como chefe de uma poderosa esquadra!; o que foi argentario soberbo, inhumano, dentro em pouco, estender-nos a mão, que esmola o pão da caridade; o frequentador das cabanas, de maneiras rudes e incultas, virar-se amanhã, pelo acaso da fortuna, em fidalgo brazonado; o faccinora, convicto, arripiar carreira e mudar de habitos; o filho perdulario volver-se em consummado libertino e desvirtuador da honra da sua familia; o jogador afortunado perder, n'um momento de revez, o pão de sua mulher, o alimento de seus filhos e a sua propria dignidade; a virtude exaltada ou opprimida, o talento remunerado ou escarnecido, a honra ultrajada ou readquirida, as mil phases emfim, pelas quaes se manifesta, clara ou obscuramente, o caminhar incessante da humanidade, com outros tantos episodios, ligados á acção principal — tudo isto: o orgulho, as esperanças, a honestidade, o vicio, a degradação, a caridade, todas as paixões, todos os sentimentos bons e maus, todas as aspirações convencionaes ou de perspectiva, a realidade, a illusão, o que faz agitar o mundo — tudo isto não o offerece, como exemplo, como luz reflexiva, como estampa indelevel, no mesmo lugar, de que ha pouco fallei, o arrebatador das multidões intelligentes, dos homens de coração, dos caracteres ávidos e admiradores das boas licções;

não o offerece, em larga copia, o verdadeiro, o talentoso ACTOR?

«Não chega elle a embriagar essas multidões, ao ponto de assustal-as, com o seu admiravel fingimento, com a naturalidade do modelo, que copiou, ou a enthusiasmal-as, até ao delirio, se o assumpto lh'o permitte?

«D'aqui vem a minha predilecção pelo drama moderno, onde encontro a suprema realisação esthetica.

«Tudo realisavel! tudo possivel! tudo natural!

«Percorrendo as graduações dos estudos scenicos, nada se nos mostra tão invejavel e de tamanha utilidade; emquanto a arte dramatica participa de todas as artes plasticas, estas pouco tiram d'ella.

«A alta gymnastica só é agradavel á vista; é um esforço muscular e de agilidade; n'este caso está a dança. A linguagem lyrica prende bastante ao sentimento, mas não realisa as vantagens da linguagem fallada, porque se desvia do natural, e a lucta contra a mãe de tudo — a naturesa — é baldado esforço, que, quando muito, chega apenas a modificar as creações, mas não as refunde, nem as altera, plenamente: não ha povo algum que deixe de manifestar a sua influencia e o seu viver, por meio da palavra.

«O que direi da phantasmagoria e dos resultados magicos, obtidos por meio da baixa physica e da mechanica? Milagres de perspectiva, encantos para a vista, nadas para o coração!

«Resta ainda a tragedia. Esta merece o nosso respeito, porque, salvo melhor juiso, emprestou não pequenos elementos ao drama actual: aquella é a creação

primitiva, selvagem, sanguinaria, com os seus instinctos de ferocidade, com o dominio da força; esta é a naturesa viril, aperfeiçoada, tal qual saiu das mãos do Creador.»

. . . .

Essas palavras, que ahi ficam, arranquei-as ás paginas de uma carta, que ha dois annos, escrevia eu ao dr. Godinho de Assis, a proposito de trabalhos litterarios da sua lavra, sobre que elle manifestou desejos de ouvir o meu fraco juizo.

Mercê de Deus, ainda não reformei até hoje nem a minha predilecção pelo assumpto, nem as opiniões aventadas então.

Vou talvez mais adiante: estou convencido de que a arte dramatica, tal como a entendo e algumas vezes a tenho visto executar, é uma das manifestações mais vigorosas da liberdade, cujas regalias e proveitos gosam os povos mais entrados na civilisação.

Preconceitos e vicios, que eram legados de familia a familia, de gerações a gerações; crimes acobertados á sombra do poder pessoal, acastellado no feudalismo; a ignorancia palmar de uma gente privilegiada, que nem ao menos sabia soletrar os rotos pergaminhos de não menos rotas tradições; os effeitos d'essa ignorancia, disseminada pelas massas populares, já de si abarbadas com o peso do fanatismo maldoso e execravel, que benzia punhaes para assassinar homens aos milhares, e accendia fogueiras para os que escapavam ao punhal, á tortura ou ao veneno, em nome de um Deus de mizericordia; o *noli me tangere* de todas essas classes e

corporações exclusivistas, que afinal foram victimas dos seus proprios erros... tudo... tudo o theatro tem posto a nu, verberado e discutido, como lição e como preventivo, cousas de si muito valiosas e tão valiosas, que ninguem se atreveu ainda a fazel-as patrimonio seu; acham-se ao alcance da mão e á vista de quem quizer vel-as e tratal-as.

Se a idolatria fosse uma das feições caracteristicas do seculo, ao canto das praças, a cada esquina das ruas publicas deveriamos erigir altares, consagrados aos martyres de todas as gerarchias, a quem devemos os tempos de hoje, em que o cidadão menos letrado, o mais humilde, mediante uma pequena e voluntaria contribuição, n'uma casa onde entra e donde sae, quando quer, é convidado a aprender a desprezar o vicio, a evitar o crime, a premiar a virtude, a condemnar o que é mau, e glorificar o que é bom; a ler emfim por sobre os quadros da vida, como em livro aberto: muito mais ainda palpar tudo, como se fossem cousas da sua época.

Expulsem do theatro os arlequins avinhados das orgias lyricas, os mercenarios de uma litteratura sensual e truanesca, que derranca e não educa o espirito, de parceria com os saltimbancos das barracas de feira — e elle será o tabernaculo gigante das mais puras lições e dos mais proveitosos exemplos sociaes.

II

Os Lazaristas, drama que acabamos de vêr representar, é uma affirmação do caminho, que levam os espiritos, na faina abençoada de precaver o bem contra o mal, o justo contra o injusto.

Chronista analytico, em virtude do meu cargo, direi da peça o bastante para demonstrar os erros de apreciação, que lhe fizeram grangear fama e renome, levantando, *urbi et orbi*, uma vozeria immensa e um alvoroço descommunal, ambos sem rasão de ser, porque deveras o caso não era para tanto.

Começarei por transcrever os pareceres de censura e juizo do Conservatorio Dramatico Paraense, pela ordem, em que foram distribuidos.

Eil-os:

«O drama, *Os Lazaristas*, está sufficientemente conhecido, discutido e julgado. Em these geral a sua doctrina só poderá molestar os que não julgarem condemnavel aquillo, que elle condemna e profliga; em particular, encarando-a ainda como um ataque á parte gangrenada de uma determinada corporação, ninguem de boa fé e senso, deverá estimular-se por isso, porque o mal é um só, e seja qual fór a sua manifestação é sempre inferior ao bem, e *ipso facto* execravel.

«Admittindo mesmo que os *Lazaristas* fossem uma injuria, com o que não se parecem, a essa determinada corporação, nada ou quasi nada tinhamos com isso,

porque ella não é admittida, nem tolerada no imperio.

«Qualquer das tres epotheses portanto é favoravel, ao drama, em cujo entrecho nada vejo contra os nossos habitos religiosos, leis e costumes civis, e muito descubro a favor da boa educação da infancia, elemento principal do grande edificio social.

«Julgo pois que pode, e deve ser licenciado.

«Pará, 22 de maio de 1873.

«D. C. Sanches de Frias.»

«O drama, *Os Lazaristas*, não contem em si trecho algum, que offenda a moral, e por isso seria eu o primeiro a desejar que elle se representasse; nego porem o meu voto pelos seguintes motivos:

«1.º—A representação d'esse drama em Portugal como no Brazil, tem motivado reclamações constantes por parte das auctoridades religiosas e em alguns theatros tem gerado sérios conflictos.

«Inspirando-se na ideia da tranquillidade publica, já uma vez prohibiu o Conservatorio da côrte a sua representação. No Pará, continua a questão religiosa a agitar os espiritos, e me parece que a representação dos *Lazaristas* viria accender odios, que deveram estar amortecidos.

«Havendo tantos dramas de que lançar mão, acho imprudente representar-se este.

«2.º—O theatro deve ser a escola commum, a que todos possam assistir. Mas um drama de combate, como este, é de naturesa a pôr uma parte da nossa sociedade

contra outra. Será prudente augmentar as dissenções, que existem entre nós?

«3.° — O colorido do drama é exagerado; inspira no auditorio o odio e a indignação contra uma instituição respeitavel, espalhada no mundo inteiro, com solemne approvação do chefe da egreja e dos governos.

«Os lazaristas não estão fóra da lei no Brazil, dirigem os seminarios no Rio de Janeiro, Ceará, Minas e até teem contractos com o governo.

«Será justo levantar no theatro uma propaganda contra uma corporação ecclesiastica, qualquer que ella seja?

«4.° — Ha ainda uma injustiça clamorosa, que apparece no entrecho dramatico, e vem a ser o combater-se uma corporação respeitavel, responsabilisando-se todos os membros pelas faltas de um ou outro. Ninguem vae injuriar todo o commercio, porque tem havido bancarroteiros; não se deve pôr em suspeição a magistratura, porque ha magistrados venaes.

«A justiça pois pede que se não exponha á indignação publica o clero, porque ha um ou outro membro, ou mesmo muitos que se desviam dos seus deveres.

«Pará, 28 de maio de 1878.

«Aureliano Guedes.»

«Não acho rasão para que se não consinta na representação do drama *Os Lazaristas*, mesmo depois de lidos os motivos, que apresenta o meu collega, cuja censura precede a minha.

«Imagina elle difficuldades e inquieta-se pela tranquillidade publica, quando não consta que a representação do drama tenha dado logar a motins, quer em Portugal, quer no Brazil. O que tem feito é chamar muita gente ao theatro.

«É certo que — ha muitos dramas, de que se pode lançar mão — bem o sabemos; mas só por isso devemos condemnar *Os Lazaristas*?

«É um drama de combate... o seu colorido é exagerado... que receio póde então inspirar? A uma consciencia tranquilla nada inquieta.

«Não me consta que a corporação dos lazaristas seja admittida e acceita pelo nosso governo; e se ha quem tenha a desgraçada idéa de lhes entregar a direcção dos collegios, do sexo feminino principalmente, é isso motivo bastante para que se leve á scena, quanto antes o drama em questão, afim de que todos, especialmente as mães, que mais facilmente se deixam illudir, vejam de quanto são capazes os mal intencionados, quando querem chegar aos seus fins.

«Não se combatem instituições ou corporações respeitaveis, as perniciosas sim.

«Será digno de respeito ou consideração aquelle, que arranca uma filha dos braços de seu pae, que está prestes a succumbir? que obriga uma menina a desfazer um casamento de longo tempo tratado, para ser ella o instrumento, que deve extorquir do moribundo uma declaração, que emporta uma apostasia?

«Não: aos monstros... o desprezo.

«Carlos não é contrario á religião; elle o declara; po-

rém que emporta uma tal declaração, quando é preciso um documento que infame as cinzas do que vivera honrado?

«Não preciso ir além: a minha opinião está bem manifesta. Discordo do segundo parecer, e adopto o primeiro, porque entendo que o drama, *Os Lazaristas*, deve ser representado.

«Pará, 30 de maio de 1878.

«J. C. DA CUNHA COIMBRA.»

«Vistos os pareceres da digna commissão de exame, auctoriso a representação do drama *Os Lazaristas*, baseado nas ponderações accordes da maioria da mesma commissão.

«Conservatorio Dramatico Paraense, 9 de junho de 1878.

«Dr. PINTO.—Vice-presidente.»

As causas, que teve o meu illustrado collega, a quem no julgamento competiu o segundo logar, para não approvar a representação do drama, não as discutirei eu; respeito-as como entes de razão. que emportam uma simples discordancia de parecer.

No campo das ideas avançadas, onde se degladiam os conhecimentos uteis, todos os homens livres teem hoje o seu logar amplo e desembaraçado de peias; e perante a corporação, de que somos membros, a ambos nós cabem vóto e direito egualmente livres.

III

Historiemos em resumo o assumpto dos *Lazaristas*, que a tantos juizos desencontrados e a tantos preconceitos vãos deram causa e mote!

Carlos de Magalhães homem de idéas liberaes, parlamentar e politico abalisado, era viuvo, e tinha duas filhas, Joaquina e Luiza; aquella já casada, e esta, menina de 14 a 15 annos, ajustada para casar com seu sobrinho Ernesto da Silveira, a quem ella amara desde creança.

Nomeado governador da India, partiu Carlos de Magalhães, deixando a filha mais nova em companhia da irmã e a cargo da sua vigilancia.

O marido de Joaquina, homem fraco e descuidado, deixou-a imbuir n'um falso beaterio, e tornar-se dissipadora, em demasias de luxo, da legitima, que herdara da mãe.

Era pois uma rapariga fanatica e leviana; o que constitue a peior das esposas.

Nomeado, por seu turno, secretario da legação, em S. Petersburgo, consultou o sôgro sobre o destino de sua cunhada. Carlos respondeu da India, preferindo que a menina ficasse em Lisboa, n'uma boa casa escolar, a ir residir n'um clima mau para a sua debil saude.

Foi então que, sem consultar de novo seu pae, Joaquina recolheu a menina a um collegio das irmãs de caridade francezas, e acompanhou o marido á Russia.

O pae desapprovou formalmente a escolha, e teve

desejos de se demittir e voltar a Lisboa; não o permittiram porém uma revolta na India e os encargos do governo.

Queixando-se mais tarde d'isto, diz elle: — Escrevi varias vezes à Luiza pedindo informações do regimento da casa, e perguntando se queria mudar-se para outra, mas, nas respostas que obtive, minha filha fallava-me sempre das mestras com respeito, dizendo *não querer separar-se d'ellas*, que antes eram amigas carinhosas do que educadoras severas.

A correspondencia, já se vê, era dictada pelas mestras, e em termos de inspirar confiança.

Fôra seu primeiro cuidado arrancarem-lhe do coração o amor, que a menina votava ao primo Ernesto, seu futuro esposo, e, vendo n'ella uma herdeira rica, tentarem furtal-a ao mundo, e dedical-a inteiramente aos interesses da ordem, de que era columna forte o padre Bergeret, capellão do collegio de S. Lazaro, e *director espiritual* de Luiza.

Annos depois, Joaquina, tendo enviuvado, volta a Lisboa, mal de fortuna e peior de virtudes. Vê na irmã um meio de exploração; faz causa commum com as irmãs de Nossa Senhora e outras confrarias patrocinadas por Bergeret, afim de induzir Luiza a ir professar a França, e fazer voto de pobreza, para que ella possa herdar-lhe os bens.

Um dos amigos mais dedicados a esta gente era D. José de Mello, fidalgo libertino e arruinado, que fazia a côrte á baroneza de Selgas, beata rica, de quem esperava triumphar por intermedio de Bergeret.

No caso de lhe falhar este projecto, tinha formado outras vistas: viu em Joaquina uma mulher elegante, requestou-a, e converteu-a em sua amante, sem difficuldade, sob promessa de casamento, que, no pensar d'elle só se realisaria, conseguindo ella o dote de Luiza.

A pobre collegial era pois victima de toda aquella camarilha, cujos principaes membros, parecendo trabalhar de accôrdo, enganavam-se mutuamente, e trabalhavam para si.

A empresa ia bem succedida.

Chegada aos vinte annos, Luiza completara a sua *educação*: jejuava, confessava-se e commungava diariamente; vivia constantemente em abstracções asceticas. abominava o primo, detestava o mundo, e pouco se lembrava do pae, cuja sorte lhe era indifferente.

Faltava-lhe apenas pronunciar os votos solemnes e professar.

IV

Aqui começa o drama.

1.° Acto. Carlos de Magalhães, gravemente enfermo, chega da India, e manda buscar a filha, ao collegio, cuidando — diz elle — vel-a entrar buliçosa e risonha, como era em pequena, e vir suspender-se-lhe do pescoço, pedindo-lhe beijos.

Engano. Acompanhada pelo padre Bergeret, Luiza abraça aquelle pae amoroso, com frieza glacial, e, ao dar com os olhos em Ernesto, que ella tanto amara, lança-os para o chão, e cobre o rosto com o veu.

O pae, coitado, vê ainda n'aquillo commoção e não desamor: abraça-se de novo á filha, leva-a a vêr o quarto, que lhe destina, e convida o padre a presenciar o quadro da sua alegria.

Este protesta negocios, e retira-se, dizendo a Joaquina, que o acompanhou até á porta: — Ai, minha senhora, vejo grandes perigos n'esta casa para a salvação de sua irmã.

Estes perigos eram o coração amantissimo d'aquelle velho amargurado, e o amor, não mênos sincero, de Ernesto da Silveira.

Quando Bergeret se despede, Luiza larga o braço do pae, valetudinario e enfermo, que teria caido, se não se segurasse a uma poltrona, e vae ajoelhar-se diante do padre, exclamando: — Meu padre, *deixa-me?*

Imagine-se o que se passaria então na alma de Carlos de Magalhães!

Queixa-se á filha e a Ernesto, que lhe faz recordar a educação de Luiza.

Carlos cae em si, e comprehende então o que se passa.

D. José de Mello, amante de Joaquina, apparece, estranhando que esta não tivesse ido ao ensaio da novena, e queixa-se de constipação, por ter suado, depois de cantar o *Pater* no côro de S. Lazaro. Sempre com Deus e as cousas santas nos labios, começam ambos a murmurar dos proprios companheiros de beaterio, e encarecem os milhares de curas feitas pela agua de La-Sallete. Tratam emfim negocios da ordem e em especial dos seus amores.

das suas idéas liberaes, se quizer casar com a baroneza.

D'este modo Carlos de Magalhães só teria por si o sobrinho; os mais trabalhariam contra.

Bergeret é o centro, á roda de quem giram aquelles planetas da maldade.

Depois de atemorisar Luiza, e tornal-a ao que quer, recommenda-lhe que, a poder de carinhos, veja se consegue do pae um papel escripto, contra a liberdade e outras idéas, que elle advogara na imprensa e na tribuna, e isto para *salvação* da sua alma.

Este escripto é o maior triumpho, que elle espera conquistar para a ordem.

Todos promettem trabalhar para o mesmo fim, enganando-se uns aos outros, menos Luiza, a pobre desvairada, que cuida realmente que seu pae irá para o inferno, em corpo e alma: D. José terá por paga o casamento com a baronesa; Joaquina o mesmo enlace com D. José; e Bergeret dinheiro e gloria para a sua companhia.

* * *

3.º Acto. Luiza executa de boa fé as instrucções do seu director espiritual, junto do pae, cuja enfermidade progride de um modo assustador.

Carlos de Magalhães, cego de amor pela filha, cede um pouco aos seus rogos, e apesar da antipathia, que lhe inspira o padre Bergeret, consente em recebel-o, e fazer-se ouvir por elle em confissão. O padre, abusando do estado melindroso do enfermo, e, por julgal-o aba-

tido de espirito em demazia, tenta obrigal-o a uma apostasia.

O pae de Luiza porém resiste ás malevolas suggestões, repelle o confessor e expulsa-o de sua casa, onde lhe prohibe a entrada.

Bergeret, como todo o bom emprehendedor e homem da sua tempera, não desanima: desesperando do bom exito de Luiza junto a seu pae, forja novo e mais forte plano.

Volta-se para D. José, e insta para que elle faça saber a Carlos de Magalhães, que, se não se *reconciliar* com a egreja, abjurando os seus *erros*, Luiza professará.

O velho liberal, atemorisado, por vêr que d'este modo lhe roubarão a filha, transtornando ao mesmo tempo o casamento d'ella com o sobrinho, cousa do seu supremo agrado, cederá finalmente.

D. José, a principio, escuta a voz da gasta consciencia, e recusa-se a isto, dizendo entre outras cousas: — Exige-me quasi um crime, padre Bergeret.

«Eu não approvo que se atormente um velho respeitavel nos seus ultimos dias, e se queira extorquir á fraqueza de um moribundo uma abjuração... que o deshonra.»

D. José, conta ainda casar-se com Joaquina, se o padre ficar despeitado, e quizer malquistal-o com a baroneza de Selgas.

O padre porém declara-lhe que Joaquina não obterá o dote de Luiza, porque esta já fizera doacção indirecta dos seus teres ao instituto de S. Vicente de Paulo, para o caso de professar n'elle.

D. José arruinado como está, conhece que só a baroneza, beata submissa a Bergeret, pode salval-o, submette-se tambem, e promette tudo.

Carlos de Magalhães insta pelo casamento do sobrinho com Luiza, porque vê chegada a sua morte, e quer receber essa suprema consolação.

A filha, porém, segundo os preceitos de Bergeret, busca evasivas, e chora, e pede que elle *salve* a sua alma, abjurando nos braços do padre.

Aquelle pobre pae ainda recusa, e quasi desfallecido de dôr exclama:

«— Oh! filha! filha, tem dó de mim, e deixa-me morrer honrado!»

D. José apresenta-se em casa de Carlos de Magalhães, que está quasi moribundo, e começa a desempenhar as ordens de Bergeret.

Joaquina comprehende tudo, conhece que é victima de um logro, e que está sendo atraiçoada pelo amante, e vira-se contra elle, e grita — «É um emissario dos lazaristas, que elles incumbiram de forjar a sua deshonra, meu pae.»

É tarde porém. O velho debate-se entre as lagrimas de Luiza e as palavras do fidalgo, que lhe apresenta um papel redigido por Bergeret... uma abjuração em fórma, como meio de absolvição.

O padre tem chegado e Ernesto da Silveira tambem.

Carlos de Magalhães arroja o papel de si, mas succumbe completamente, quando D. José lhe declara que, se não assignar, Luiza irá professar, e o casamento não se effectuará.

Ernesto da Silveira, tenta entrar no quarto do tio, para obstar á consummação d'aquellas torpezas; Bergeret embarga-lhe os passos, e, quando o mancebo vae a empurral-o, elle cae de joelhos, em attitude beatifica com ar de martyr, e erguendo as mãos e os olhos aos ceus; tudo isto para dar tempo a que o doente assigne o papel.

—Aqui está a minha face, senhor—exclama o hypocrita.

Ouvem-se gritos: Joaquina chama por Ernesto: Luiza debulha-se em pranto.

Carlos de Magalhães, louco, torturado, assignara o papel, e acabava de expirar.

Bergeret entra na posse do precioso documento, e canta victoria: Ernesto da Silveira porém salva a honra do tio, apoderando-se d'elle, e rasgando-o.

Luiza, a victima de um criminoso e torpe fanatismo, agarra-se ao padre gritando:—«Preciso refugiar-me no seu seio. Tarda-me vestir o habito, e romper para sempre com este mundo de soffrimentos. Vamos... vamos; quero sair d'esta casa.»

—E os teus bens, Luiza? pergunta Joaquina.

—Já fiz doação de quanto possuo ao instituto de S. Vicente de Paulo,—conclue a educanda de S. Lazaro.

O padre Bergeret triumphara, senão no todo, ao menos na parte mais agradavel e util a si e aos seus.

V

Até aqui o drama: agora os commentarios.

A educação da mulher, cuja influencia acompanha o homem, desde o alvorecer da vida até ao extremo d'ella, no berço, na escola, na officina, nos grandes e pequenos cargos, na academia, no parlamento, em terra e no mar, em toda a longa ou curta existencia emfim; foi considerada, desde longo tempo, pelos directores conscienciosos e sabios da humanidade, o mais poderoso elemento para a felicidade dos povos.

Hoje então... é um thema, que não admitte contestação.

Se todos os excessos são nocivos, nenhum pode causar maior damno do que aquelle, que fôr incutido no espirito da creança, molde de cêra, onde fica impresso o bom e o condemnavel.

É uma prova real o assumpto dos *Lazaristas.*

O alimento excessivo prejudica o estomago; o vinho em demazia transtorna o cerebro; o exercicio prolongado fatiga os membros; o estudo exagerado cança a memoria, e embrutece a rasão; o excesso religioso produz o fanatismo, derranca o espirito, e aniquilla corpo e alma.

Por isso nenhum é mais prejudicial do que este.

Dizer-se a uma creança que as cousas do mundo, que é obra de Deus, são condemnadas por Elle, sem fazer as necessarias distincções; que pae e mãe são entes mundanos e pequenos; que o amor da familia é um laço

fragil; que a belleza do corpo é a fealdade da alma; que o affecto ao nosso semelhante é um roubo feito ao creador; que as artes e as sciencias são um nada; que a sabedoria é vaidade; que o amor de filha, de esposa e de mãe pouco valem, e que são muito, e que são tudo... as orações, os jejuns continuados, os cilicios, as abstracções religiosas, as confissões diarias, o despreso ao que existe, a todas as maravilhas da intelligencia humana, a todos os laços de parentesco, que unem os entes racionaes e os proprios brutos; que é tudo... o inutilisar-se uma creatura para aquillo, que as faculdades moraes e physicas lhe pódem fornecer — dizer-se isto a uma creança, ensinar-lhe isto, cá fóra, na convivencia das turbas, ou lá dentro na cella do convento... é mentir... é blasphemar... é commetter o maior dos crimes.

Como educador sincero e convicto, não educador mercenario, mas simples e devotado amador do genero, folgo em manifestar a minha opinião, humilde em these, mas robusta em sinceridade.

Abaixo da idéa de Deus, idéa pura e permanente, a par das practicas religiosas, que são a vida da nossa alma, quando divagâmos pela amplidão do infinito; é preciso dizermos ás creanças: — Crescei... sêde crentes... ponde os olhos no Altissimo, para que Elle abençoe os vossos esforços, mas... trabalhae. O trabalho é riqueza... o trabalho é saude... o trabalho é vida. Olhae: para ahi estão a lavoura, o commercio, a officina, as artes, as letras, as mil manifestações da industria e do talento do nosso proximo, e por cima de tudo isto o

amor da vossa familia, o amor da vossa patria e a caridade, que é o amor á humanidade inteira — ahi estão... ahi está tudo isso, a reclamar o vosso braço, as vossas forças, a vossa intelligencia.»

Não se aconselhe á donzella a despresar o mundo, só porque é mundo; não se pregue á esposa que abandone o amanho da sua casa, para andar noite e dia a arrastar-se pelos claustros; não se diga ao marido que durma e amanheça ás portas das egrejas; não se aconselhe a ninguem finalmente que exagere os seus sentimentos religiosos; clame-se ás creanças aquillo, que fica dito, deveres e crenças — e não teremos excessos; ninguem conhecerá o fanatismo, e todos serão religiosos.

Sejamos crentes, mas sejamos homens.

Quem se deitar, de ventre para o ar, em contemplação ascetica, a admirar a natureza, e a murmurar aberrações de espirito, sem tenção de levantar-se, ha-de necessariamente morrer de fome.

VI

Voltemos ao drama.

Será verosimil o fundo, que apresenta os effeitos da educação pervertida, á força de excessos religiosos? Alguem já teve occasião de queixar-se d'aquillo, que alli se apresenta?

Já... e muitas vezes. Dizem-nol-o as chronicas de todos os tempos e muitos exemplos de nossos dias.

O fanatismo póde produzir-se, pela influencia de um padre, e tambem pela de um secular, embora em menor grau.

Mas... porque um, dois, tres, muitos homens peccam — todos por ventura são peccadores d'este ou d'aquelle genero?

Não. Pois então, se assim é, para que tamanhas accusações, tamanhos sustos, tão grandes diatribes da parte do clero contra os *Lazaristas*?

Ou eu muito me engano, ou não acho razão de ser na supposta injuria, que encerra o drama.

Justo Deus! Onde está o padre sincero e honrado, que negue a existencia passada e presente de padres criminosos e maus, no seio das corporações e fóra d'ellas, aqui ou alli, em maior ou menor numero?

Não havendo pois a esperar essa negativa, o que tem o verdadeiro apostolo de Christo, o apostolo caritativo, o bom padre finalmente d'esta ou d'aquella instituição, frade ou não frade; o que tem que vêr com um mau franciscano, carmelita, dominico, jesuita, cruzio ou lazarista?

Elle, que é bom, elle, que é justo, póde lá ser accusado com o mau?

Demais... o padre, em pontos de honra, não tem outros privilegios que não sejam os do homem secular.

O commercio legal não se offende, nem vocifera, por que lhe prendem ou castigam um negociante bancarroteiro; os estadistas honestos não se julgam insultados, quando um collega seu é punido por traidor ao seu paiz; os bons jurisconsultos não clamam contra ninguem, se

lhes apontam um juiz venal; porque as cadeias conteem criminosos, a sociedade não se levanta contra aquelles, que os sentenciaram, antes folga com isso.

Ha poucos annos, em Portugal, os filhos de um conde de subida linhagem foram condemnados, por assassinos e levados aos presidios da Africa; n'este momento um outro conde, de igual hierarchia, é accusado por crime de moeda falsa. Não me consta no entanto que a fidalguia portugueza, nem então nem hoje, se tenha julgado escandalisada pelos tribunaes judiciaes, ou pela opinião publica, ou pelo juiz, que castigou ou ha de castigar os criminosos.

O proprio commissario geral de policia, que os mandou prender, era seu parente e FIDALGO, como elles.

Nenhuma razão pois assiste aos escrupulos do sacerdote para que veja uma offensa na chronica dos maus actos de um padre, ou de muitos padres, de uma freira ou de muitas freiras.

Se a verdade é uma só; esta é que deve ser a verdade.

Mas... o padre... o mau padre é exposto á irri são publica... é levado ao theatro!

Tenhamos compaixão do nosso proprio criterio, se é que o temos; patinhâmos no mesmo lôdo, que por espesinhado já não deita de si muito bom cheiro.

O mau padre é arrastado ao theatro, como o mau advogado, o mau medico, o mau artista, o mau commerciante, o mau jurista; ao lado d'estes tambem lá figuram o bom padre, o bom advogado e todos os bons membros do corpo social.

Se assim não acontecesse, o drama deixaria de ser o que a moderna escola quer que seja: um quadro de costumes, crimes e virtudes, acções boas e más, a imagem do nosso viver interno e externo.

Isto é logico... e a logica, como a verdade, é uma só.

Note-se ainda mais que, entre os figurantes do theatro moderno, a classe mais redicularisada, mais exposta ás chufas e á indignação publicas, tem sido a da aristocracia: raro é o drama, onde não figure um fidalgo paspalhão ou tôlo; um nobre ridiculo ou tyranno.

A democracia, na sua louvavel propaganda, tem sido ás vezes demasiado austera; mas nem por isso a satyra, o escarneo, a maldição, o anathema mesmo, lançados dos bastidores, têem produzido graves motins ou commoções revolucionarias; e a aristocracia illustrada ri-se do que vê no palco, se o caso é para rir, ou indigna-se, se a coisa é para indignar; e continúa a ir ao theatro, e nenhum mal lhe vem d'alli.

Mas... a religião... Deixemos em paz aquillo, de que não podemos servir-nos no caso, de que se trata, sem quebra do nosso juizo.

A religião quer a honra... a virtude... a pureza... os bons costumes; e o padre Bergeret não é, não póde ser nada d'isto.

Sejamos desapaixonados, para sermos justos e imparciaes.

VII

Julgo ter provado, como sei e posso, tranquilla e singelamente, que o drama de Antonio Ennes não é um canhão Krupp, que possa arrasar consciencias, nem desmoronar cidades: é um escripto de alarma contra os excessos da má educação e do fanatismo religioso, o maior e mais perigoso dos fanatismos.

A sua doctrina —já o disse no meu parecer official — só poderá molestar os que não julgarem condemnavel o que elle condemna e profliga... e esses são necessariamente os maus... as pequenas personalidades, que nunca discutem em idéa geral, por ignorantes e demasiado ruins.

Aos argumentos concludentemente logicos só póde responder um mal ageitado sophisma.

Vou pois tapar-lhe a ultima brecha, que julgo vulneravel.

Dirão talvez: — Mas este drama é uma ficção; é um parto de imaginação fecunda, uma novella e... nada mais.

Pois não é, não, senhores — atrevo-me a dizel-o, clara e abertamente.

Quando os factos reaes, de que resam tantas chronicas, antigas e modernas, não viessem em auxilio d'estes episodios dramaticos, bastava um só para responder aos incredulos.

Saibam os ignorantes do acontecimento e os que fingem ignoral-o, ou se deslembraram d'elle, que, afóra

esta ou aquella circumstancia, necessaria á contextura do escripto, aquelle Carlos de Magalhães do drama é um homem notavel, já fallecido, e que a educanda de Bergeret é a sua propria filha, que fez ainda mais do que a Luiza dos *Lazaristas*... abandonou a casa paterna, fugiu por suggestões dos seus directores espirituaes, e foi professar a França[1].

Toda a imprensa de Portugal se occupou do facto.

Agora que neguem ainda, se pódem, a fidelidade e a razão de ser da narrativa dramatica os adversarios de Antonio Ennes!

VIII

Já vae longa esta resenha, e ainda me resta dizer o que me cumpre sobre o valor artistico e litterario da peça representada.

Como estreia, na parte organica, o drama de Antonio Ennes é vigoroso rebento de uma arvore, que promette uma viçosa ramagem, abundante de flôres e fructos; se aspira porém a ser uma obra reflectida e de longo alcance, pecca na estreiteza das fórmas; e pena

[1] Haja vista tambem para o que se deu, ha annos, com umas parentas das illustres casas Saldanha e Garret, se bem me lembro; ultimamente com umas raparigas, collegiaes de um convento, de que nos falla o sr. Pinheiro Chagas, em um folhetim, a que alludi, em outra parte d'este livro; e, ha dias, com uma filha do meu conterraneo, sr. José Luiz da Costa Ferreira, educanda do convento das Selecias, em Lisboa, que recusou terminantemente sahir para a companhia do pae, que, como o Carlos de Magalhães dos *Lazaristas*, viera do Rio de Janeiro, com os braços abertos e as lagrimas nos olhos, para abraçar e levar comsigo a filha, e para lá voltou, sósinho, com o coração retalhado de angustia.

é que assim acontecesse, pois o assumpto é dos mais vastos, que conheço.

Não sei o que pesaria no espirito do dramaturgo, ao traçar as scenas dos *Lazaristas;* quer-me parecer porem que o assoberbou a abundancia do material, de que só aproveitou uma pequena parte, tantos são os abusos e crimes, commettidos á sombra de uma crença, que chamam divina os que menos crêem n'ella!

Na parte scientifica, se o drama de Antonio Ennes não póde formar um curso de litteratura, nem alardear primores de estylo, está longe de merecer desdem e censura desfavoravel; a sua linguagem é fluente, e por vezes inteiramente escorreita.

IX

Sobre a exhibição scenica, pouco me cumpre dizer.

É materia sobre modo ardua, difficil e mesmo vã — o fazer critica de representação dramatica onde falham as escólas de declamação e mimica e os outros ramos de instrucção, que fazem do actor um ente differente do homem, o sacerdote de uma seita, no grande templo das artes.

O actor mediocre não póde entender aquillo, que nunca lhe ensinaram, nem elle conhece; dizer-lhe que não são só os labios, que fallam, mas... os olhos, os braços, as mãos, todas as linhas do rosto e todos os gestos emfim; e que representar bem é... encar-

nar-se o individuo na personagem, imaginada por outrem — é perder tempo, e malbaratar palavras.

O actor, acima do mediocre, insufflado pelos applausos de aldêa, não permitte que lhe digam — que elle commette erros, que altera as palavras, que abre as syllabas mudas, que fecha as abertas, que offende a grammatica da lingua; inchado, com as palmas de occasião, quasi a rebentar como a rã da fabula, abraça a critica dos inscientes, e dorme perante outra qualquer, que não lhe satisfaça a sua vaidade de homem, que vale mais n'elle do que a reputação de artista.

Homem e actor são duas coisas muito distinctas.

A natureza predispõe o homem para os affectos intimos, para os sentimentos reaes, para a familia; mostra-lhe o *eu* subjectivo, o *eu* de alem berço; o estudo porém modifica ou transforma as manifestações dos dotes naturaes, e forma o homem publico, o *eu* exterior, de grandes ou pequenas habilitações, de alto ou baixo merito.

O cego amor proprio da gente apta — que desconhece as leis dos grandes centros, onde á custa da escóla e do estudo se adquirem as reputações — supplanta sempre os respectivos caracteres do artista.

O bom actor de hoje, que póde vir a ser optimo amanhã, se lhe não chamarem desde já... sublime, portentoso, rival d'isto, d'aquillo e d'aquel'outro, estrella do Oriente, perola de Ophir! — franze o sobrolho; o seu orgulho subjectivo revolta-se, e não fica satisfeito.

Ora é d'isto que o publico tambem, com frequencia, recebe maus exemplos, e vae ao theatro castigar no

actor a fofice, o orgulho ou o mau procedimento do homem.

Estas aberrações são verdadeiros erros de apreciação de ambas as partes — actores e publico.

A esposa e mãe dignas de respeito, são, bastas vezes, detestaveis actrizes; o artista summo, o magnetisador das platéas, é outras tantas vezes, o histrião da taberna e o homem torpe.

Patti, como cantora, é... a primeira das actrizes; como esposa honrada... a ultima das mulheres.

O Fulano homem não é o mesmo que o Fulano actor.

Arte e artista, homem e sociedade conteem differenças, já sediças, de tão sabidas que são, apezar de mal interpretadas nos pequenos circulos, onde não estão bem conhecidas.

A rectidão do juiz condemna, em muitos casos, aquillo, que o seu coração perdoa; o poeta descreve o vulto, que a inspiração lhe illumina, e não se emporta do individuo, que lh'o representa; para não faltar á arte e á consciencia, o critico esquece o homem, para só ver o artista.

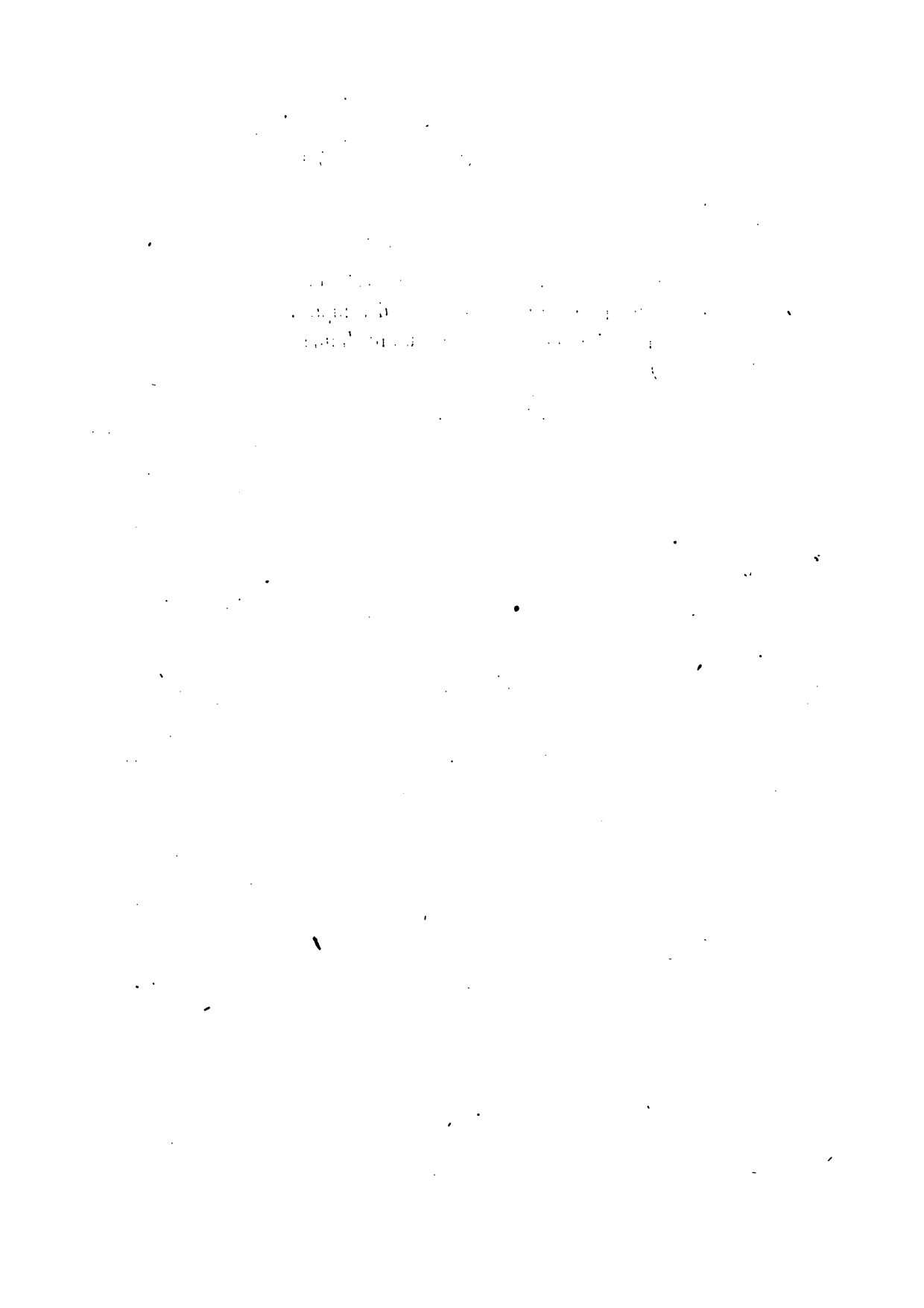
Do que atraz fica dito, deduzem-se sempre as excepções.

Meia duzia de palavras despretenciosas e sinceras vale para as personalidades, que compõem essas excepções — o melhor dos cartazes da *claque* officiosa.

Que o individuo, o *eu* subjectivo, as acceite ou não — pouco emporta isso ao chronista ou ao critico, dentro dos dominios da arte.

. . . .

. . . .

(Supprimem-se essas palavras, isto é, o resto da chronica, na ultima parte, que se refere ao desempenho do drama, pela absoluta côr local, que nenhuma attenção merece.)

NOTAS

NOTAS

«A mutilação dos *Lazaristas* offerece uma pagina bem curiosa para a historia d'este paiz:

«Em quanto o digno presidente do Conservatorio Dramatico Paraense, cavalheiro de politica CONSERVADORA, approvava plenamente os pareceres liberaes da maioria da commissão de censura; outro cavalheiro, o sr. chefe de policia, membro da politica LIBERAL, alterava e cortava esses mesmos pareceres, depois de ter prohibido a representação de uma peça democratica — o Drama do Povo — exhibido em Lisboa, perante a côrte e o rei, e aqui, no Pará, em face de todas as auctoridades da situação passada.

«Como particular, pouco me emportaria que os censores dos *Lazaristas* fossem julgados ineptos ou pouco mais de idiotas; como membro do Conservatorio, não posso deixar de fazer este reparo.»

*
* *

Nada mais justo.

Pois bem. A imparcialidade do escripto e este reparo final valeram-me uma solemne descompostura pessoal e anonyma, repetida dias depois, e publicada sob o titulo de *Litteratura*, e por isso debaixo da responsabilidade da respectiva redacção, no orgão do partido conservador d'esta provincia; redacção, a cujos destinos presidiam dois ou mais membros do Conservatorio Dramatico Paraense!

Este facto deploravel, que forma o assumpto d'estas notas, quando para mais não sirva, fornece uma pagina faceta para a tradição litteraria d'aquella epocca.

As ideias geraes, apresentadas em virtude do meu cargo, e tratadas com o maior escrupulo — foram objectadas pela *Constituição* com um acervo de diatribes pessoaes e o pedido da minha carta de cidadão brasileiro.[1]

Dei porém a tudo isso a unica resposta plausivel — a minha saída do conservatorio, onde eu não devia, por minha honra, continuar a ter, por collegas, *litteratos* d'aquella lealdade, d'aquelle espirito e d'aquella força.

*
* *

Ainda não é tudo.

Uns capoeiras da imprensa ultramontana applicaram-me diversas cabeçadas, que não me tocaram; não tendo educação, nem saber para trocarem idéas por idéas, pretenderam molestar-me somente na minha pessoa e na minha casa.

[1] *Constituição*, 16 de julho de 1879.

A menor das amabilidades, que me dirigiram, foi a de — «especulador e explorador de escandalos publicos.» [1].

*

* *

A illustre redacção do *Liberal* porém dignou-se reprovar a *litteratura* da *Constituição*, nos seguintes termos:

«ALTA NOVIDADE.

O sr. dr. Cruz, candidato conservador em mais de uma provincia, infatigavel *leader* da assembléa provincial, declarou em uma das sessões *(textuaes)*: «que não ha a menor duvida de que elle, «bem como o sr. dr. Thiago Pinto, nosso estimavel ex-correligio«nario, *são liberaes*, não do partido liberal, que só almeja a li«berdade de violentar o voto e a consciencia do povo, atacando «despoticamente a sua liberdade, mas *liberaes de convicções*.

«E a assembléa conservadora deu applausos (diz a *Constituição*) ao seu *leader*, que assim repudiava as crenças do partido.

«Inconvenientes da rhetorica parlamentar...

«Entretanto, talvez por judiaria, ou para vingar-se d'aquelles applausos, o mesmo numero da *Constituição*, em que vem publicado o programma aparcellado do sr. dr. Cruz, assim se pronuncia, a respeito do sr. D. C. Sanches de Frias:

«Achamos que o sr. Sanches de Frias *deveria ser* mais prudente. «Não nos consta, que esse cavalheiro *já esteja naturalisado brazi«leiro* para julgar-se auctorisado a indicar qual deve ser o proce«dimento do partido conservador ou liberal. Além d'isso, o sr. San«ches de Frias *não devia* apresentar-se tão ás escancaras, fazendo «garbo de educação *anti-religiosa*.»

«Santa liberdade conservadora esta, que exige o titulo de cidádão brazileiro, para permittir o exame critico-litterario de um drama!

«Divina liberdade de consciencia esta, que reprova a franquesa da livre manifestação do pensamento!

«Eis como são liberaes *de convicções* os conservadores catholicos, conservadores da corrupção, que plantaram no paiz, e catholicos da corrupção, que n'elle querem plantar ainda!

«Não os tema, sr. Frias.

«Está em paiz livre, e sob o regimen liberal.

«Responda-lhes, que a Constituição do imperio (art. 179 § IV) reconhece e «consagra o direito — «de *todos* poderem communi«car os seus pensamentos por palavras e escriptos, e publical-os «pela imprensa, *sem dependencia de censura*.»

«São sempre em pequeno numero os que teem a coragem de arcar com o jesuitismo, de batina ou de casaca.

[1] *Boa Nova*, 17 de julho de 1878.

«Seja um d'elles; concorra para espancar o obscurantismo, que ainda ousa querer avassallar a sociedade; e terá prestado relevante serviço a esta provincia, e ao paiz.» [1]

*
* *

Eu não podia, nem devia responder áquillo, que só tinha direito ao mais solemne despreso: a amabilidade do *Liberal;* no entretanto, apontando e zurzindo a enormidade da grosseria, com que immerecidamente me tratavam os bairristas, doentes de estrangeirophobia — levou-me a voltar á imprensa, com o artigo, que põe termo a estas notas.

O caso, que se deu commigo, prova que a tristissima questão de umbigo, já tão celebrada n'esta provincia, não é só abraçada pelo vulgacho, a quem ella é attribuida, quando vem a pêllo!

E para maior prova, se fôr preciso, apontarei o que ha annos se deu, entre o estadista, sr. José de Alencar, e o sr. conselheiro José Feliciano de Castilho, amigo particular de S. M. Imperial, homem, a quem a litteratura, o jornalismo e os negocios do Brasil devem muito, pela sua activa collaboração de bastantes annos.

Tratava-se do projecto de lei, sobre o elemento servil.

Referindo-se ao homem illustre, que elle temia, disse o senhor Alencar, no meio do seu discurso parlamentar:

«A circumstancia mais grave, a que mais revolta, no procedimento do gabinete, é que chamou em seu auxilio uma penna *estrangeira* para coadjuval-o nos seus trabalhos parlamentares, discutir os negocios do paiz, lançar contra os seus adversarios invectivas...

«Não se tolera que um *estrangeiro* faltando aos deveres de cortezia para o paiz, que lhe deu *hospitalidade*, se arrogue o direito do insulto, e se empenhe em deprimir os seus caracteres politicos.

«O paiz, onde semelhante facto se desse, sem uma *reacção energica do povo*, seria... etc.»

O sr. Castilho, depois de fazer notar este novo specimen de estrangeirophobia, a denuncia de ser elle estrangeiro e o convite ao povo para o fazer em postas — defende-se cabal e sobranceiramente, como o faz todo o homem superior.

Dizem assim uns periodos da sua carta, inserta na collecção das *Questões do dia*:

«Falta á verdade em todos os pontos e virgulas da sua verrina. Falta á verdade, quando affirma que o gabinete me chamou para o coadjuvar em seus trabalhos parlamentares. Nunca vi uma só

[1] *Liberal*, 18 de julho de 1878.

linha do projecto sobre o elemento servil, senão depois que elle appareceu impresso; nunca antes d'isso troquei palavra sobre tal assumpto com quem quer que seja.

«Falta á verdade, asseverando ter-me o gabinete convidado a lançar invectivas contra adversarios.

«Nem lancei invectiva alguma; nem o gabinete era capaz de m'a pedir, nem eu de escrever uma phrase, que não proviesse da mais antiga convicção.

«Falta á verdade, quando diz que eu fui descortez para com este paiz, e quem não quer passar por... por um nome muito feio, mostre uma só locução minha que não denote amizade sincera e justiça para com este imperio, a quem, ao contrario, n'esta polemica, e logo desde a primeira carta, defendi energicamente das constantes exprobrações, que contra elle e tudo quanto é d'elle, vomita o illustre devaneado, que só imaginaria aurora de seculo d'ouro, quando elle subisse ao governo, ás maximas elevações, emquanto nós cá nos fossemos rebolcando n'este seculo de ferro, em que

> *...le sort burlesque (en ce siècle de fer)*
> *D'un pédant, quand il veut, sait faire un duc et pair.*

«Falta á verdade, quando me pintá como devendo ajoelhar agradecido pela hospitalidade, que este paiz me concedeu. Alto lá! Honro-me com a benevolencia, que desde a suprema altura até ás infimas camadas, me tem sido constantemente dispensada; mas de egual benevolencia tenho sido alvo em varias nações, que me não vendem por mercê de hospitalidade o ser eu amigavelmente tratado por aquelles, a quem trato amigavelmente.

«Vim para aqui, porque uma importante missão me trouxe; conservo-me, porque me apraz; nem pela vinda, nem pela estada, ha obsequio de quem quer que seja. Nada devo; nunca devi; nada peço que não seja de justiça, nunca pedi. Se aqui prefiro estar; se aqui dispendo o que possuo; se aqui vivo (respeitando as leis, mas sem adular os homens, nem ante preconceitos de qualquer genero pôr joelhos em genuflexorio) é porque quero, só porque quero, e sem tolerar mais que se chame hospitalidade á minha estada, do que se eu tivesse a vergonhosa pequenhez de dar esse nome ao acolhimento fraternal e dedicado que o Brazileiro encontra em todas as terras, que percorre, mórmente em algumas.»[1]

[1] *Questões do dia*, n.º 2, pag. 13 e 14.

*

* *

Depois d'isto, tenho a agradecer aos estrangeirophobos do Pará a altura, a que me elevaram, collocando-me ao lado de um homem tão illustre.

Deus lhes pague tamanha honra!

*

* *

Eis o artigo com que respondi ao *Liberal* [1]:

Um motivo unico me traz de novo a publico, e me obriga, mau grado meu, a discorrer um pouco sobre as razões, que foram origem dos insultos pessoaes, de que me constituiram alvo uns homens, sem consciencia, nem saber, adversarios gratuitos de hontem, de hoje e de amanhã, especie de gorgulho de todas as seáras do progresso universal.

Esse motivo nasce da justiça, que o *Liberal* tributa ás minhas intenções de censor, por parte de uma instituição nacionál, no que diz respeito á apreciação de um escripto litterario, que me foi distribuido por essa corporação, de quem me préso ainda de ter sido membro: ha entre nós differenças apenas no modo de encarar os córtes da policia, differenças já discutidas, quanto basta.

— Não os tema — diz o *Liberal*, referindo-se aos meus adversarios.

Temel-os... e porque? Não são elles os inimigos de ha pouco, de agora e de todos os tempos? Não são elles sempre os mesmos? Desconhecel-os-hia eu por ventura?

Creia-me a illustrada redacção, com quem estou conversando, que, ao ler o artigo da *Constituição*, eu conheci desde logo a mão, que se me atirava ás faces; conheci que era a mesma, que em tempos idos levava ao jornal do largo da Polvora um poderoso contingente; a mesma, que derramava sobre as paginas da *Boa Nova* uns borrões de tinta contra a casa de educação, dirigida por minha mulher; a mesma, que se servia dos nomes de quem tinha insultado para umas cartas de subscripção pelo commercio; a mesma, que me mandou o tal jornal, sollicitando a assignatura da minha firma commercial; a mesma finalmente... a unica, que seria capaz de me pedir uma carta de naturalisação para escrever uma chronica litteraria.

[1] *Provincia*, 20 de julho de 1878.

—

Eu fui dos que assistiram impassiveis ás diatribes da propaganda ignobil, d'essa monstruosidade, sem nome, que levantou os odios de nacionalidade n'esta provincia.

Se a não temi então, como posso temel-a hoje, eu que, mercê de Deus, conheço os direitos, que tenho, como cidadão d'este ou d'aquelle paiz; eu, que vivo do meu trabalho, n'uma esphera, onde só reflecte a minha individualidade, estranho a preconceitos mesquinhos, a lutas partidarias, no campo livre da egualdade?

A litteratura, onde se abrigam as idéas mais avançadas, quer pelo lado da philosophia, onde se debatem as causas e os effeitos, quer pelo que respeita á plena enunciação da liberdade do pensamento — pertence a todos os homens, tem o culto de todos os povos, entrada em todos os paizes e em todas as consciencias; não conhece bandeira que não seja a do progresso; motores que não sejam os da instrucção.

Pois bem, uma portaria da primeira autoridade d'esta terra, um acto de quem conhecia estas doctrinas, eleva-me á cathegoria de membro de uma instituição nacional, onde me é dado voto e palavra, nos assumptos, que são o seu programma — os dominios da arte e da litteratura — que prendem a todos os emprehendimentos da humanidade, pelo que respeita tanto á vida publica, como á vida particular de todos os povos cultos e incultos.

Uma lei mais tarde consolida essa nomeação.

Em obediencia ás imposições do meu cargo, e segundo a escala das distribuições dos livros a censurar, cae-me por sorte fazer-me ouvir sobre um drama, o drama de Antonio Ennes, em todos os pontos, que me mandavam fazel-o os estatutos, que me eram lei e guia.

Compulsei o escripto, avaliei o melindre do assumpto, e tratei-o com o maior escrupulo, de que fui susceptivel, sem vislumbre de paixão, sem visos de parcialidade, dando o seu a seu dono; esmerilhei-o, estendi-o, bati-o no tendal das idéas geraes, sem a menor allusão local, e tudo..: tudo isto apurado no cadinho das melhores doctrinas, que fazem a honra do seculo, em que vivemos; finalmente como critico desapaixonado.

Depois d'isto, quando eu julgava ter cumprido o meu dever, como podia e sabia, saem-me uns sugeitos de má catadura, de murro fechado e clavina ao hombro; chamam-me politico, perguntam-me pela minha naturalisação de brazileiro, e insultam-me na minha pessoa e na minha familia!

—

Insultam-me na minha pessoa, por desvirtuarem as minhas idéas, á falta de outra coisa peor; insaultam-me na minha familia, porque essas dezenas de creanças de hoje, as senhoras e as mães

de amanhã, que recebem o ensino pelas mãos de minha mulher, não pódem ser victimas de uma especulação torpe, como a que me attribuem.

Ah!... Eu sei... o collegio... o collegio... é a questão magna, a espinha de aço, que elles teem atravessada na garganta, desde que elle se inaugurou, porque lá se lhes não concede influencia, prestigio ou mando.... bem sei... e todos conhecem a sombra, que elle lhes faz, pois as doctrinas, que alli se bebem, são simplesmente as que se recommendam á filha submissa, á esposa perfeita, á mulher de boa sociedade, illustrada, virtuosa, fiel a Deus, á sua patria e á sua familia.

A guerra surda, movida contra aquella casa de educação, cujas paredes são para elles uma sombra pavorosa, conheço-a eu desde ha muito.

Um intimo amigo d'elles, o delegado litterario de um dos districtos, porque minha mulher, por não possuir um exemplar da lei, que estabalece a obrigação de um mappa semestral, se demorou uns dias a remettel-o — ameaçou-a, em officio, que guardo, de pedir ao senhor director geral da instrucção publica a execução de um determinado artigo, que, nem mais nem menos, lhe obrigava a fechar o collegio.

Esquecem-se elles que, se uma iniquidade qualquer compellísse minha mulher a não chamar collegio á sua caza, não podiam tirar-lhe o caracter particular e ainda menos o favor dos paes de familia, a quem ninguem póde negar o direito de escolherem quem quer que seja para doctrinar suas filhas; e que, alem d'isso, restava-lhe o ensino na propria caza d'aquelles, a quem minha familia merece fé e confiança; esquecem-se de mais a mais que não vivo á custa do trabalho domestico, e sim da profissão, que exerço.

Para o sempre crescente engrandecimento do *Collegio Frias*, ninguem ha que diga que existe um annuncio pomposo, um cartaz de alarma, ou um simples pedido particular.

Do mesmo modo não ha um unico homem, que, sem calumniar, possa citar quatro palavras minhas sobre luctas partidarias ou assumptos locaes, que lhes dissessem respeito.

Fóra dos arraiaes das dissertações philosophicas, das artes, das sciencias e de todas as suas partes correlativas, no pouco e muito pouco que me cabe saber — nunca gostei de militar; e de tudo isso, que tenho feito, ainda não recebi soldada na imprensa.

Amador voluntario, trabalho por defastio, quando as minhas occupações m'o permittem, coisa, que hoje me falha, porque já não ha horas vagas para mim.

Comecei aos dezesete annos, escrevendo uma coisa, parecida com um romance, em Coimbra, onde collaborei com os rapazes da minha edade na *Aurora Litteraria;* mais tarde diverti-me no *Cosmo Litterario*, no *Diario do Rio* e na *Semana Illustrada*, do Rio de Janeiro; no Pará, desde 1869, emquanto foi seu adminis-

trador o sr. Franco, escrevi muito no *Diario de Belem* e conjunctamente e depois d'isso no *Gram-Pará*.

Chamo estes pormenores á arena para poder desafiar quem quer que seja a provar que eu accedesse jámais a escrever um artigo politico, um insulto pessoal, ou coisa parecida; mesmo sobre a questão tribunicia ou sobre as luctas do cléro.

Redacção ostensiva, obrigação permanente nunca as acceitei de jornal algum; e lucta pessoal só tive uma, questão leal, sob a responsabilidade do meu nome, contra o maior inimigo, que tenho tido, e que afinal morreu, bemdizendo-me, porque no leito da dôr e na extrema pobreza, só me encontrou a mim.

Ainda não ha muito tempo que o *Gram-Pará*, para afastar de mim uma pedrada, que me atiraram uns sujeitos, de que me não ficou o nome, dizia o seguinte:

«Esta redacção declara que, apezar das suas habilitações para isso, o illustre sr. D. C. Sanches de Frias, não é, nem mesmo foi redactor, noticiarista, ou cousa que o valha, d'este *Diario*.

«Ha annos, quando menos occupado, collaborou o sr. Frias simplesmente na parte scientifica, poetica ou romantica, porque em todo o tempo lhe desagradaram assumptos locáes; o que sempre constituiu uma das melhores feições do seu rigido caracter.

«Hoje, como desde então, nem a isso mesmo se presta, dando, sempre que lhe fallâmos n'isso, por escusa, os encargos da sua dupla occupação.»

Como apreciador do nada, que valho, é o jornal, a quem mais attenções devo: entre publicistas não póde haver maior defferencia e maior lealdade do que as que elle sempre me consagrou.

Foi preciso morrer o seu principal redactor, e retirar-se o segundo, para que das suas columnas me viesse o primeiro insulto.

As palavras, que um sugeito, o mesmo que já me elogiou na offerenda de um folheto seu, essas palavras, que anonymamente salivou sobre mim, na terça-feira, foram as primeiras, que os typos do *Gram-Pará* imprimiram contra mim.

Ainda me lembro, com saudade, das vezes, em que ia encontrar Rhossard, aquelle espirito violento e rude, na forma, mas que sempre me pareceu bom, no fundo, cercado dos filhos, que lhe trepavam aos joelhos, ou se lhe enlaçavam ao pescôço; ainda me lembro de ir encontral-o, sem casaco, com o peito da camisa aberto — a escrever aquelles artigos apaixonados, aquellas diatribes desbragadas, em que o seu talento se deixava extraviar ás vezes, e dizia-lhe eu: — Rhossard, você derranca a missão da imprensa; isso não é artigo, é chicote; isso não é linguagem, é pelourinho.

— Que quer, meu amigo — respondia-me elle, a fungar uma pitada de rapé — Elles dão-me... os marotos... e eu não lhes quero ficar atraz. Deixe estar que eu ainda o hei-de ver a escrever verrinas d'estas... um dia.

— Engana-se — respondia-lhe eu sempre — nunca o farei; será mais facil deitar-me á unha com os sugeitos.

Elle ria-se, e beijava os filhos, que, no fim da conversa, lhe tinham sujado as tiras de papel, com uns borrões de tinta, a que elles chamavam desenhos.

Pois este homem, tão temido pela violencia dos seus escriptos, usou sempre commigo da maior lealdade; conhecendo as minhas idéas sobre imprensa, nunca consentiu, no seu jornal, ao menos com sciencia sua, a mais ligeira coisa, que podesse molestar-me.

Paz á sua alma! e muita gratidão á sua memoria!

—

Feita esta quasi profissão de fé, desnecessaria talvez, mas que veio a pêllo, voltemos ao mote nojento e sediço da nacionalidade.

Pergunto eu agora: — Onde estão os homens honrados, que vejam na chronica dos *Lazaristas* um ataque a isto, ou áquillo, e sobretudo os golpes de uma arma politica?

Convenhâmos mesmo, que ahi descobrissem uma censura a tal ou tal partido; o que nem por sombra se descobre?

Que juiso fazem os meus insultadores do direito natural? da queixa que qualquer cidadão, nacional ou estrangeiro, tem o direito de fazer perante as auctoridades, que o regem, a quem cabe a obrigação de lhe proteger os seus interesses e a sua pessoa?

O estrangeiro, que trabalha, que respeita costumes e leis, que lida, que inventa, que melhora, que paga todos os impostos, todos os direitos e obrigações, como nacional — só é cidadão para isto, ou para ir gemer n'uma cadêa, quando commette um crime?

Não lhe resta o direito de fallar, de se queixar, de não achar bem uma iniquidade, um atropello ao seu livre exercicio; de pedir auxilio e protecção, quando se vê offendido; de achar bôa ou má a politica, a que é estranho, mas de que elle soffre, ou goza as consequencias?

Mostrem-me a sua carta de naturalisação, quando nos seus artigos de fundo, nas suas locáes, apreciam a politica da Allemanha, da França, da Inglaterra, de todos os paizes emfim — os jornalistas que diariamente se occupam d'estes assumptos!

— Não os tema!... Vive n'um paiz livre — diz-me o *Liberal*, citando um artigo de lei do Brazil.

Vivo, sim, senhores; estou convencido d'isso; faço justiça aos bons estadistas e cidadãos d'este paiz; tenho sobejas provas da liberdade, que aqui existe.

Lá está, no Maranhão, um parente meu, um estrangeiro, a redigir um jornal; lá está, na Bahia, outro estrangeiro a escrever na *Gazeta de Noticias;* lá está o *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro; lá estão outros estrangeiros, como redactores de jornaes, escriptos em francez, em inglez e na nossa lingua, como nos Es-

tados-Unidos vivem escriptores brazileiros, a escrever jornaes em portuguez, n'um dos quaes, ainda ha pouco, li um magnifico artigo, apreciando a politica d'aquelle paiz.

É livre este sólo do Brazil... bem o sei. Para ahi estão numerosos estrangeiros a servir em commissões do governo, nas provedorias das casas de misericordia, nas commissões de colonisação e agricultura, no progresso moral e material do paiz.

Ora... este progresso moral e material só é prejudicado pelos nacionalisadores do commercio a retalho, pelos exclusivistas do trabalho livre, pelos que entendem que o estrangeiro é pária, e deve ficar embasbacádo diante das suas theorias estupendas e irrisorias.

—

A *Tribuna*... nunca fez mal aos estrangeiros, e sim... e unicamente ao desenvolvimento e á prosperidade d'esta bella provincia, que retrogradou alguns annos, ao afugentar braços e capitaes.

Que me perguntem tambem pela carta de naturalisação, se eu lhes disser que a falta de energicas medidas levou a propaganda mais alem do que devia ir, porque eu lhes direi que me assistem sobejos motivos para isso, porque tinha aqui os meus haveres, o suor do meu rosto, as economias do meu trabalho e a minha familia, e que receei por tudo isso, como receiaram aquelles, que tiveram medo, largaram tudo de mão, e fugiram.

E uns taes dos meus adversarios o que teem aqui? nem bens, nem familia, nem amor da patria, e... somente uns sete palmos de terra, que lhes ha-de conceder a misericordia, quando morrerem.

A mim, que nunca fui, nem sou pesado a ninguem, que nunca recebi a dadiva de um unico dos haveres, que possuo, emporta-me mais o progresso da terra, em que vivo, do que elles, que hoje aqui, ámanhã acolá, não são uteis a ninguem, e nem ao menos respeitam quem, como eu, nunca os offendeu.

Não sei tambem como se não lembraram de me chamarem — hospede — que é o costume, quando vem á baila a tal questão de nacionalidade!

Hospedes serão ellas. A mim nunca ninguem me pagou a hospedagem ; vivo do que é unica e exclusivamente meu.

Os hospedes, no sentido que lhe querem dar, sempre são mais ou menos pesados a quem os hospeda... e eu... peso sobre mim mesmo.

Desculpe-me o *Liberal*, a quem dedico esta conversa, se me estendi mais do que desejava, e se fallei de mim, mais do que devia.

Fil-o, para corresponder á sua amabilidade e cortezia, e para mostrar-lhe que — como litterato, ainda que muito debil; como